VN-1142-B

PASTORAL OPERÁRIA
10 ANOS
A SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA
(1976-1986)

CPO Nacional

(8)

UN-11/12-L

Texto
CPO - Comissão de Pastoral Operária

Capa e desenhos
Rodolfo dos Santos Silva

Revisão e diagramação
Percival Tavares

Copyright
CPO Nacional - Duque de Caxias - 1987

UN-11-B => ÍNDICE

UN-11-42 L.M1
m 34

Pág.:

5 - Apresentação D. Waldir Calheiros
6 - Apresentação D. Cláudio Hummes
7 - Apresentação Pe. Agostinho Pretto
9 - Introdução

1ª PARTE: A HISTÓRIA DA PASTORAL OPERÁRIA - SUA GESTAÇÃO E SURGIMENTO

13 - Contexto em que surge a Pastoral Operária
14 - Inícios dos anos 70: Nasce a Pastoral Operária
17 - História da Pastoral Operária de dezembro de 1978 a dezembro de 1986

2ª PARTE: GRANDES ACONTECIMENTOS DA PASTORAL OPERÁRIA - AS ASSEMBLÉIA NACIONAIS

25 - 1981 - Reunião ampliada da Pastoral Operária
28 - 1982 - 1ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária
32 - 1983 - 2ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária
34 - 1984 - 3ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária
37 - 1985 - 4ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária
40 - 1986 - 10 anos de existência da Pastoral Operária no Brasil
41 - 1986 - 5ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária (1976-1986 10 anos de CPO)

3ª PARTE: A PASTORAL OPERÁRIA HOJE

53 - Organização da Pastoral Operária
57 - O Papel da Pastoral Operária
59 - A formação na Pastoral Operária
~~- Equipe de formação~~
~~- Plano de formação~~
63 - Campos de atuação da Pastoral Operária
67 - Perspectivas da Pastoral Operária

4ª PARTE: ANEXOS

71 - Anexo 1: Princípios de ação da Pastoral Operária
73 - Anexo 2: Entrevistas e depoimentos
73 - Entrevista com D. Paulo Evaristo
75 - Depoimento de Waldemar Rossi
77 - Depoimento de Gilbert Carvalho
78 - Depoimento do Pe. George Winnick
2981 - Anexo 3: Periódicos

83 - Anexo 4: Santo Dias da Silva
86 - Anexo 5: Documentos ~~e Pronunciamentos~~ Significativos
88 - Documento 1: Discurso a João Paulo II
91 - Documento 2: Justiça no Mundo do Trabalho
94 - Documento 3: Carta aos Bispos do Brasil
97 - Documento 4: Carta à população
99 - Documento 5: Carta à CNBB
99 101 - Documento 6: A Igreja e o Mundo do Trabalho Urbano
104 - Documento 7: Solidariedade a Leonardo Boff e à CNBB
105 - Documento 8: Mensagem aos trabalhadores romeiros
107 - Documento 9: No despertar da Campanha da Fraternidade de 1988
109 - Endereços úteis

Para o dossiê

UN-11-B > APRESENTAÇÃO II

~~DEPOIMENTO POR OCASIÃO DOS DEZ ANOS DA PASTORAL OPERÁRIA~~

UN-11/12-M1
m34

Meu encontro com a Pastoral Operária constituiu-se numa das experiências pastorais mais determinantes do meu ministério de bispo. Descobri que a Igreja precisa assumir o fato que nossa sociedade é, em seu cerne, uma sociedade do trabalho, organizada a partir e em consequência do trabalho humano, principalmente industrial e agrícola, e que esta sociedade do trabalho está em conflito, o conflito entre capital e trabalho. Ainda que não seja o único conflito que pervade nossa sociedade, é, no entanto, o principal, o mais decisivo.

Portanto, a Igreja, que tem por missão evangelizar a sociedade humana, deve ter presente que está evangelizando uma sociedade do trabalho profundamente conflitada. O desafio pastoral consiste em como posicionar-se dentro do conflito e como empenhar-se em resolvê-lo a partir de - e conforme - as grandes propostas do Evangelho de Jesus Cristo.

Descobri na Pastoral Operária o valor, a capacidade, a coragem e a dedicação, muitas vezes heróica, dos militantes da classe trabalhadora, e no caso, dos militantes cristãos em especial. Admiro seu esforço constante para ligar sua Fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, com a situação injusta dos trabalhadores, sua luta organizada, seus fracassos e suas vitórias, em busca duma sociedade justa, livre, fraterna e participativa. Fiquei convencido que a Igreja deveria confiar muito mais nesses militantes, acolhê-los e animá-los nesta como que dupla fidelidade e pertença: o serem trabalhadores e o serem cristãos necessariamente ligados também a uma comunidade cristã local.

Mas descobri também quanto é exigente e inclusive arriscado esse caminho da Pastoral Operária: o risco de não ser suficientemente fiel seja aos trabalhadores seja à Igreja; o risco de não integrar equilibradamente a Fé, a oração e a ação sindical, popular e política; o risco de não suportar a tensão dialética criativa entre a autonomia e a comunhão no interior da Igreja, pois os militantes na qualidade de leigos cristãos têm direito a uma adequada autonomia em sua atividade apostólica, mas por outro lado precisam manter-se em profunda comunhão com a comunidade cristã local e universal.

Aquela como que dupla fidelidade e dupla pertença, e essa tensão dialética entre autonomia e comunhão, são o desafio da Pastoral Operária, mas também a fazem amadurecer na sua vocação histórica.

+ Cláudio Hummes

D

Por tudo isso e muito mais, o nascimento da Pastoral Operária, há dez anos, se revela como apelo de Deus à sua Igreja no Brasil. Na verdade, a evangélica opção preferencial pelos pobres deve integrar uma opção pelos trabalhadores. Diz o Papa João Paulo II na Encíclica "Laborem Exercens": "É preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho. Tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a 'Igreja dos pobres'" (nº 8).

+ Cláudio Hummes

Dom Cláudio Hummes

Bispo de Santo André

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA
INSCRIÇÃO NO CGC 27 212 968/0020-09
RUA MARIANO SENDRA DOS SANTOS, 44 - SALA 501
CEP 25 000 — DUQUE DE CAXIAS - RJ

E

UN-11-B => APRESENTAÇÃO: III ~~AS COISAS ACONTECEM~~

UN-11/12-M1
m34

Diante da pergunta - como começou ou como se começa a Pastoral Operária? - a resposta é sempre difícil. Difícil porque não existe o momento preciso de "quando" e "como". O mais correto seria dizer que "as coisas acontecem", e acontecem de maneira surpreendente.

O "Dossiê" apresenta ao leitor amigo, um modesto retrato de uma caminhada de dez anos. Uma história muito curta se a tomarmos isoladamente, mas, longa e rica, se a considerarmos como a continuação de um processo que foi se desenvolvendo desde a Ação Católica Geral, se aprofundou com a Ação Católica Especializada e se completou com outras iniciativas da Igreja, a partir da sua consagrada Doutrina Social.

Hoje, a Pastoral Operária é um fato. Um fato que consagra suas duas vertentes: a Classe Operária e a Igreja. A Classe Operária, enquanto se articula, organiza e constróe o seu próprio Projeto, a partir do qual nos convida a conhecer sua história e a nunca perder de vista suas organizações e suas conquistas. A Igreja, enquanto sinal de Jesus Cristo, que desafia os cristãos para o compromisso com os trabalhadores, os oprimidos e os mais pobres.

Surpreendentemente "as coisas aconteceram". Historicamente não faltaram trabalhadores que, mesmo perseguidos e até assassinados, mas inspirados pelo Espírito Santo, se lançaram na tarefa de fazer nascer a Pastoral Operária e aferecê-la, primeiro como um simples espaço e depois como um serviço a toda a Classe Trabalhadora. E aí está ela hoje, como uma proposta a todos os cristãos de boa vontade que quiserem construir uma sociedade justa e igualitária, e uma Igreja fiel a Jesus Cristo, que esteja presente nas lutas dos trabalhadores.

Faço votos que o presente "Dossiê" alcance o objetivo a que se propõe: revelar o maravilhoso testemunho de tantos trabalhadores que, como cristãos, acreditam na Classe e na Igreja.

Nova Iguaçu, 28 de agosto de 1987

Pe. Agostinho Pretto

F

UN-11-62 => DEPOIMENTO DE GILBERTO CARVALHO

UN-11-62-M1 m 34

Gilberto Carvalho, metalúrgico, militante da PO desde o seu início, é um dos implantadores da Pastoral Operária no Paraná. Atualmente mora em Curitiba.

UN-11-62 m 20

"O ano de 77 não marcou apenas o início da "distensão" do regime militar... foi nesse mesmo ano que, sob o império de Geisel e Jaime Canet (governador do Paraná), um grupo de trabalhadores cristãos semeava no Paraná as primeiras esperanças de construção de uma Pastoral Operária!

O terreno fora fecundado pelas Comunidades de Base, que, na periferia de Curitiba despertavam o povo trabalhador para uma nova perspectiva: a necessidade de levar o testemunho evangélico para o local de trabalho, para o meio operário.

No final de 77, duas pessoas de Curitiba participaram em Nova Iguaçu (RJ) de um primeiro encontro nacional que encaminhava a criação da PO como serviço nacional.

Um intercâmbio com os companheiros da ACO de Osasco (SP) e depois de Santo André (SP) ajudaram muito num processo de abertura de horizontes e de aprendizado prático de como se realizar um trabalho no meio operário.

Em 78 nasciam os primeiros grupos de base de PO, nos bairros onde já se desenvolvia um trabalho de CEBs.

No 1º de Maio de 1979 realizou-se o Primeiro Encontro de Pastoral Operária de Curitiba, reunindo militantes de 4 bairros, para encaminhar uma coordenação única.

Nesta época, a Pastoral Operária nascia com a perspectiva de ser um "um lugar de reflexão, um espaço de revisão da militância operária, um estímulo para o desempenho do testemunho evangélico no meio operário".

Num contexto ~~nacional~~ sindical absolutamente adverso (não tínhamos na época sequer um único sindicato que pudesse ser considerado combativo), o principal trabalho da PO era o de estimular a participação sindical de seus militantes e permitir uma formação sindical que os sindicatos sonegavam.

Nesta perspectiva a PO teve papel decisivo na preparação da primeira greve dos metalúrgicos do Paraná em 1979, na greve e na vitória da primeira chapa de oposição do Estado, no setor da Construção Civil em 80.

A partir de então cresceu o papel da PO, tanto no estímulo ao Movimento Sindical, como na busca de qualificação dos militantes do ponto de vista bíblico-teológico, como sindical e político.

Enquanto se consolidava na capital, a PO começou, em 81, um lento mas progressivo processo de implantação nas principais cidades do interior do Paraná. Já dispondo então de 1 companheiro liberado, a PO foi se firmando em cidades como Londrina, Maringá, Cascavel, Francisco Beltrão, entre outras.

A ligação com a PO Nacional foi sempre decisiva para que no Paraná encontrássemos os caminhos mais corretos.

Durante alguns anos um Boletim mensal "A Voz do Trabalhador" que tirava 15.000 exemplares foi importante meio de divulgação da mensagem e espaço de denúncia para os trabalhadores.

Nos ultimos anos a preocupação em estimular o desenvolvimento dos grupos de base e a formação dos militantes tem sido prioridade assumida pela PO estadual, hoje presente nas principais dioceses do Estado.

A influência da PO no Movimento Sindical do Paraná é de importância reconhecida. Presente em todos os eventos mais importantes do Movimento Sindical, através dos seus militantes, a PO tem contribuído decisivamente para a consolidação de um movimento sindical forte e combativo no Estado.

O próprio nascimento da CUT no Paraná está estreitamente ligado a esse trabalho: foram militantes ligados à PO que, por sua estreita ligação com militantes ligados à CPT, no campo, conseguiram promover o Primeiro Encontro de Sindicalistas Combativos e Oposições Sindicais no Paraná, realizado em 1981, na cidade de Cascavel. Foi a partir deste encontro que militantes sindicais do Paraná passaram a participar do Movimento Nacional Pró-CUT, tendo tomado parte em encontros como os de Monlevade (MG), Taboão da Serra (SP), Vitória (ES), e depois do ENOS e ENTOES, até o Conclat de 81 e o primeiro congresso (de fundação) da CUT em agosto de 83 em S. Bernardo do Campo (SP).

Essa caminhada, evidentemente, não ocorreu sem percalços e fragilidade. Embora consolidada hoje no Estado, a PO caminha com dificuldades, vivendo tensões internas e externas intermináveis.

Mas o saldo geral é amplamente positivo, sem dúvida alguma. A generosidade, a vontade militante dos membros da PO tem sido um testemunho de alto valor evangélico nesta construção do movimento sindical e popular no Paraná.

A PROPOSTA DA PASTORAL OPERÁRIA

Olhando esses 10 anos de PO é preciso reconhecer: assim como ao longo da história o Espírito do Senhor foi despertando entre os cristãos iniciativas que permitiam um avanço ou a renovação da Comunidade Cristã (como os monges eremitas, a fundaçção Beneditina, as ordens Mendicantes, a Ação Católica), o surgimento da Pastoral Operaria é, sem dúvida, uma dessas iniciativas providenciais, entre outras, que responde a uma clara necessidade de nosso tempo: como ser Igreja (uma Igreja renovada pelo Concilio, por Medellín e pela forte participação popular) neste conflitado mundo da produção. Como testemunhar, de maneira leve e ao mesmo tempo forte e atualizada, o Evangelho no Mundo do Trabalho? Como ser fermento no movimento operário, no grande movimento da classe trabalhadora em suas vertentes sindical, de movimentos populares tão diversos e em suas iniciativas políticas...?

Apesar de tudo, não há como negar: a PO tem sido uma ferramenta que nos tem permitido viver esse admirável e entusiasmante desafio: como ser cristão prá valer, de maneira fecunda e saudavel, sem cheirar pieguice nem frieza, em meio ao calor da luta operária.

A PO é escola onde a gente aprende (ou tenta aprender) a ser fonte, fonte enraizada na combatividade da luta da classe trabalhadora e ao mesmo tempo inserida na vida eclesial: presença da Igreja No MUndo do Trabalho e presença do Mundo do Trabalho na Igreja. Sensibilizando o conjunto da classe trabalhadora para os valores evangelicos e lutando para fazer o conjunto da Igreja sensível à essa opção tão nítida de Jesus: os pequenos, os pobres, os trabalhadores.

Temos tropeçado muito. Vacilado, titubeado, mas o Senhor nos conduz com admirável força.

E por esse Brasil afora o "povinho" trabalhador da PO está às voltas com uma luta sem fim, tentando contribuir, humilde mas firmémente, com esse grande processo de avanço da consciência e organização da classe trabalhadora.

O grande desafio de hoje: como nos qualificar para uma contribuição competente dos militantes cristãos nesse amplo processo de elaboração de um projeto alternativo da classe trabalhadora? Como ajudar a fecundar com os valores evangélicos essa construção? Como ser testemunho da ternura do Senhor por essa classe sofrida que luta e constrói sua libertação?

UN-11-B- CARTA DE D. CELSO PINTO

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
SE/Sul Quadra 801 - Conjunto "B"
Cx. Postal 13-2067 - Fone: (061) 225-2955
70.401 - Brasília - DF

UN-11/12-MA
m 20

Brasília-DF, 27 de novembro de 1986

Caros amigos e irmãos da P.O.

Impossibilitado de estar aí com vocês para celebrar os 10 anos de caminhada da P.O., envio-lhes esta mensagem de amizade, solidariedade e estímulo.

Durante os anos mais difíceis da repressão, enquanto muitos eram vencidos pelo medo e a acomodação, a P.O. surgiu da Fé, da coragem e da perseverança de trabalhadores e padres, fiéis a Cristo e à classe operária.

Nestes anos a P.O. soube conquistar, na Igreja e no movimento operário, um espaço significativo, graças à seriedade de sua atuação e de suas lutas.

Entretanto, ainda é muito longo o caminho que nos separa daquela nova sociedade, justa e fraterna, meta de nosso empenho e etapa histórica do Projeto de Deus. A P.O. será o fermento evangélico para animar e fortificar a luta pela justiça de toda a classe operária.

Neste ano, em que toda a Igreja se dedica a refletir sobre a vocação dos leigos e sua responsabilidade na missão evangelizadora, a P.O. é chamada a pôr em evidência os desafios e os questionamentos que o mundo operário coloca aos cristãos. Nesta caminhada para o Sínodo é indispensável que a P.O. participe ativamente para que se encontrem os caminhos de uma evangelização nova e libertadora.

Quero aproveitar a ocasião para agradecer a cooperação da P.O. com as atividades do Setor-Leigos da CNBB. A presença e a atuação de Gilberto e do Nivaldo ajudaram a crescer e se aprofundar o diálogo entre nós. Oxalá estes laços de fraternidade e comunhão cresçam sempre, como testemunho de que nossa ação é cristã e evangélica.

Que o Espírito Santo os ilumine, fortaleça e guie na luta pela justiça e pela construção da nova sociedade.

+ Celso José Pinto da Silva
Bispo da CEP - Responsável pelo
Setor-Leigos da CNBB

A estas expressões do prezado Dom Celso desejo acrescentar meus sentimentos pessoais, fazendo minhas todas as palavras do mesmo Dom Celso.

+ José Ivo Lorscheiter
Presidente da CNBB

~~Evaso José Reipignes de Lima~~

UN-8/9-M
m 42

Campanha salarial Metalúrgicos do ABC/1980 Agência JB
Encontro de avaliação e estruturação da PO pela base - Salvador, BA, 1982
Assembléia Campanha salarial Metalúrgicos do ABC/1980 Agência JB
D. Cláudio Hummes Agência JB
xxx
4ª Assembléia Nacional da PO/1985
Pe. Agostinho Pretto apresentando histórico da PO na Ass. Nac. de 1986
Abertura celebração litúrgica xxx 10 anos CPO - Ass. Nac. 1986
Celebração litúrgica 10 anos da CPO - Ass. Nac. 1986
Celebração litúrgica 10 anos CPO - Ass. Nac. 1986
Plenário Assembléia Nac. 10 anos CPO/1986
Participantes da Ass. Nac. PO - 10 anos da CPO 1986
Campanha salarial Metalúrgicos ABC/1980 Agência JB
Fundo de greve, campanha salarial metalúrgicos ABC/1980 Agência JB
Waldemar Rossi Foto: Regina Vilela
Waldemar Rossi e o Papa Foto: Nair Benedicto/Agência F4

UN-11/12-L28
m 20

CNL - Conselho Nacional de Leigos
Av. Higienópolis, 901
01.238 São Paulo - SP
Fone xxx (011) 826-5055

nº
compor nº de 3 a 112 em 11 L

Obs. UN-8/9-M.B1 UN-11-B mu2 mu20

SINOPSE DOS 10 ANOS DA PASTORAL OPERÁRIA

1960 - Crescimento dos trabalhos de base e pastoral no meio operário (JOC, ACO, MEB, etc).

1964 - Golpe militar instaurando regime de repressão, tortura, perseguição e desarticulação dos movimentos popular e sindical.

1973 - Reunião de um grupo de bispos e sacerdotes num esforço de refletir a situação política, social e eclesial do Brasil.

Publicação pelos bispos do Nordeste do documento "OUVI OS CLAMORES DO MEU POVO" e dos bispos do Centro-Oeste "MARGINALIZAÇÃO DE UM POVO - GRITO DAS IGREJAS".

1974 - Em fevereiro, reúnem-se, em Salvador, cerca de 30 pessoas com vários engajamentos pastorais junto ao povo a convite de cinco bispos. Constitui-se uma pequena equipe com a primeira tarefa de mapear as experiências de Pastoral Operária em curso.

Dez meses depois, realiza-se em Belo Horizonte o primeiro encontro dos integrantes dessa equipe.

1975 - Realização de duas reuniões em São Paulo com o objetivo de elaborar um método de leitura e análise da conjuntura a partir das experiências, fatos e acontecimentos.

1º Encontro Regional (RS, SC, PR) no Rio Grande do Sul de 100 agentes de pastoral com o objetivo de ajudar o povo a sobreviver e a organizar-se a partir da realidade e do Evangelho. As experiências analisadas compreendiam duas grandes faixas de atuação: o meio rural e o meio urbano.

1976 - Nasce a PASTORAL OPERÁRIA num encontro em Nova Iguaçu - RJ. Representantes de 7 estados e alguns membros da CPT aprofundam a consciência da necessidade de uma articulação específica para o trabalho pastoral no meio operário popular urbano.

No mesmo ano, em São Paulo, no Seminário de Ipiranga, realiza-se o 1º Encontro Nacional da PASTORAL OPERÁRIA.

1977 - Em novembro, houve outro Encontro Nacional, reunindo agentes e militantes de diversos movimentos de Pastoral Operária atuantes nas várias regiões do país.

1978 - Em dezembro, encontro-seminário, de âmbito nacional, em Nova Iguaçu-RJ. A Pastoral Operária passa a se articular sob o nome "COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA". Começa a funcionar A COMISSÃO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA em caráter provisório.

1979 - Maio-junho, sai o primeiro BOLETIM DA CPO, o de nº 0.
30 de outubro, 3ª feira, é assassinado o operário SANTO DIAS DA SILVA, membro da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e da Pastoral Operária Estadual; dois outros operários são feridos.

1980 - Ano de sedimentação e estruturação [redacted] da Comissão Nacional da Pastoral Operária.

1981 - Nos dias 5 e 6 de dezembro, no Colégio Assunção, em Santa Tereza-RJ, Reunião ampliada da Pastoral Operária. A Comissão Nacional continua funcionando, para o ano de 1982, ainda em caráter provisório.

1982 - Nos dias 11 e 12 de dezembro, no Alto da Boa Vista-RJ, acontece a 1ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA com a participação de delegados de 17 estados brasileiros.

1983 - Nos dias 3 e 4 de dezembro, no Cenáculo, Laranjeiras-RJ, acontece a 2ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA.

1984 - Nos dias 2, 3 e 4 de novembro, no Colégio Assunção, Santa Tereza-RJ, acontece a 3ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA.

1985 - Nos dias 30 e 31 de novembro e 1º de dezembro, no Colégio Assunção, Santa Tereza-RJ, acontece a 4ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA.

1986 - Nos dias 28, 29 e 30 de novembro, no Colégio Assunção, Santa Tereza-RJ, acontece a 5ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA, celebrando os 10 anos do nascimento da Pastoral Operária no Brasil.

Obs. UN-11-B → APRESENTAÇÃO

UN-11/12-M
nº 34

Volta Redonda, 10 de novembro de 1986

É um dossiê despretencioso mas cheio de esperança. Procurando recordar os caminhos percorridos nestes 10 anos, os cristãos operários revelam dois aspectos de sua experiência de fé.

No MUNDO DO TRABALHO, solidarizando-se com as lutas dos companheiros nas organizações de sua classe para que sejam instrumentos livres na defesa de seus direitos, eles participam na construção de uma sociedade justa e livre.

O que os anima nesta participação é "a fome e sede de justiça" (Mt 5,6) e o trabalho pelo Reino que "é justiça, paz, alegria" (Rm 14,17). E' a consciência de que são "chamados a ser artífices da justiça e forjadores da caridade social" (João Paulo II aos operários no Estádio Jalisco, México).

Sua presença no seu mundo operário é de "testemunha e agente da justiça", pois "não basta a denúncia das injustiças" (João Paulo II aos operários no Est. Jalisco). Isso eles são: testemunhas, até com a própria vida.

Ao MUNDO DA IGREJA, eles são portadores dos problemas gerados pelo sistema injusto, que inverte "a prioridade do trabalho em confronto com o capital" (João Paulo II Lab. Exer. 12) com reflexos nefastos em toda dignidade do homem, sujeito do trabalho.

A Igreja, querendo ser evangélica, não pode ficar indiferente, omissa e evasiva diante da realidade. Ela identifica nas faces sofridas dos operários por serem "mal remunerados", "impedidos de se organizarem na defesa de seus direitos" e "desempregados", "as feições sofredoras de Cristo". (Puebla 31-36).

Aí se acha o novo da Pastoral Operária. Ela não é uma corrente dos movimentos específicos ACO e JOC. Nem os substitui. Antes os confirma, incentiva e apóia. O seu esforço é fazer presente todo o mundo operário na diversidade dos trabalhos pastorais de uma Igreja, que quer ser fiel à Boa Nova libertadora do Cristo.

A Pastoral operária tem conciência de que o conflito de nossa sociedade se estabelece no relacionamento entre Capital e trabalho, (João Paulo II Lab. Exer. 11). Aí a presença da Igreja é exigência da evangelização : "Sois sal", "sois luz", "sois fermento" e "a verdade vos libertará."

Por certo, chamar à memória esta 1ª década de seu trabalho é memória-força para continuar sua experiência de Deus vivida no meio daqueles "preferidos de Deus". Aí o encontro com Deus está garantido.

Deus louvado,

Com alegria.

+ Waldyr Calheiros

Bispo Diocesano

Diocese de B.do Piraí-V.Redonda

Obs. UN-11-B

INTRODUÇÃO

Comemoramos, como Pastoral Operária, 10 anos de existência no Brasil. São 10 anos de luta pela construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

Queremos, agora, resgatar um pouco de nossa história e da nossa contribuição na busca incessante da implantação da nova sociedade.

Estamos apresentando a todos nossos companheiros de caminhada este modesto DOSSIÊ e esperamos que venha a ser enriquecido com testemunhos, depoimentos e experiências de tantos companheiros que, por esse Brasil afora, têm muito a contribuir na reconstrução e memória das lutas operárias.

Nesses 10 anos de vida, a Pastoral Operária tem procurado tornar real, como Igreja, a presença no mundo do trabalho, se colocando como um serviço e espaço à organização dos trabalhadores.

São milhares de trabalhadores cristãos que, alimentados pela fé libertadora, aos poucos vão construindo seus instrumentos de luta no meio popular, sindical e partidário.

A nossa constatação, passados estes 10 anos "de fermento na massa", é como a "boa nova" que muita alegria nos traz. Não temos dúvida da contribuição significativa da Pastoral Operária no Mundo do Trabalho, no avanço da organização da classe trabalhadora.

Houve, também, momentos amargos como a perda do companheiro Santo Dias da Silva ou a tristeza de ver tantos companheiros perdendo emprego devido à luta. Entretanto, tudo isso serviu de incentivo para a caminhada na certeza de que chegará um dia em que os trabalhadores serão os agentes e sujeitos da História.

Dividimos nosso DOSSIÊ em três partes:

I - A História da Pastoral Operária, sua gestação e surgimento
II - Grandes acontecimentos históricos da Pastoral Operária: as Assembléias Nacionais
III - A Pastoral Operária hoje

E, finalmente, anexamos alguns depoimentos de pessoas que considera-

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

lauda nº 02 6

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. lmos importantes na vida desses 10 anos de Pastoral Operária.

É um DOSSIÊ incompleto. Nem era nossa pretensão tê-lo acabado. Fica o desafio da coleta maior de dados para a qual pedimos a cooperação de todos os militantes da Pastoral Operária.

É um primeiro passo de uma história que não queremos ver perder-se na lembrança. Que ela nos sirva de força na tarefa também incompleta da construção do projeto da classe trabalhadora e do Reino da Justiça.

Anexamos, também, o 1º BOLETIM e o 1º CPO INFORMA, o martírio de Santo Dias e alguns documentos significativos. [redacted]

CPO Nacional →|

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Lauda nº 7

Tipo	Corpo	Bitola	Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

5

10

UN-11/12-B

1ª PARTE

A HISTÓRIA DA PASTORAL OPERÁRIA

SUA GESTAÇÃO E SURGIMENTO

15

20

25

30

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. UN-11-B

CONTEXTO EM QUE SURGE A PASTORAL OPERÁRIA

Em 1964, com o golpe militar, a forte repressão instaurada no País caracterizou 20 anos de permanente e ostensivo bloqueio dos canais de expressão, participação e organização da classe trabalhadora.

A partir de 1978, por força da resistência da sociedade organizada, o poder opressor viu-se obrigado a ceder maior espaço de democratização (a chamada "abertura lenta e gradual").

Diante disso, as organizações popular e sindical avançaram. Surgiram oposições sindicais com vista a uma ruptura da atual estrutura sindical.

Depois desse longo período de silêncio e sufoco, reapareceram os movimentos grevistas, puxados, principalmente, pelo Movimento Operário do ABC Paulista. Foram as greves de 1979. Estes movimentos reivindicatórios grevistas, sempre declarados ilegais pelo governo, propiciaram uma maior organização dos trabalhadores, dando origem ao 1º e 2º CONCLAT (Congresso da Classe Trabalhadora) que, posteriormente, deram origem à CUT (Central Única dos Trabalhadores) e à CONCLAT (Conferência da Classe Trabalhadora), hoje denominada CGT (Central Geral dos Trabalhadores).

Tudo isto foi realizado com grande sacrifício e debaixo de grande pressão vinda por parte dos poderosos.

As condições de vida e de trabalho impostas aos trabalhadores pelo modelo social, político e econômico, totalmente dependente e subserviente ao capital estrangeiro, trouxeram as piores conseqüências para a vida, as lutas e a organização da classe operária.

Mesmo assim, a História continuou. As organizações de classe e populares fizeram nascer muitas e variadas lutas, autônomas e independentes, sob formas ainda de resistência.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

UN-19-B INÍCIO DOS ANOS 70: *NASCE A PASTORAL OPERÁRIA*

Obs.

ARTICULAÇÕES ANTECEDENTES À CPO

Na década de 60, os trabalhos de base, junto com a pastoral no meio operário, sofreram um grande golpe de desarticulação e de abafamento. A perseguição, sob as mais variadas formas e os mais diversos graus, caiu sobre seus agentes, militantes e assistentes.

O trabalho pastoral no meio operário viu-se forçado a abrir mão de uma ação conjunta mais orgânica devido ao fato de os agentes, que se dedicavam mais especificamente a essa tarefa, terem sido impossibilitados, praticamente, de continuar com toda a eficiência.

A necessidade, contudo, de uma ação conjunta nunca deixou de se fazer sentir muito forte. Ela foi se tornando cada vez mais imperiosa e foi atingindo um número maior de militantes, agentes de pastoral e pastores.

Pelos anos de 1973-1974, um grupo de bispos e sacerdotes começou a se reunir num esforço de estudar a situação dos setores populares, rural e urbano, e de refletir sobre os apelos que tal situação fazia à ação pastoral destinadas a esses setores. Era uma época particularmente difícil. O povo inteiro não tinha como fazer ouvir sua voz. A repressão se espalhava em larga escala. O número de presos era alarmante. Havia torturas. A voz que se erguia, era a voz da Igreja. Um bispo que chamava a atenção para tal situação, um outro que advertia para este ou aquele acontecimento: prisão, injustiça, morte, etc. Apareciam denúncias esparsas num ou noutro jornal. Foi quando os bispos do Nordeste publicaram o documento: "OUVI OS CLAMORES DO MEU POVO", e os do Centro-Oeste: "MARGINALIZAÇÃO DE UM POVO - GRITO DAS IGREJAS".

Em fevereiro de 1974, convidadas por uns cinco bispos, reuniram-se em Salvador cerca de trinta pessoas com variados engajamentos pastorais junto ao povo. Esta reunião era para aprofundamento da reflexão, que já estava tomando corpo, sobre a necessidade de uma ação conjunta. Confirmou-se, para os participantes da reunião, a necessidade de articu

lar o trabalho no sentido de somar esforços, manter as bases bem informadas e articuladas, para que não esmorecessem a fé e fosse reavivada a esperança de todos os que se entregavam à missão de construir o REINO, o POVO e a IGREJA.

Sacerdotes e religiosos, sensíveis ao desafio que lhes propuseram os bispos, lançaram-se à obra, convictos de que neste desafio se revelara o Espírito do Senhor, que convocava para a união. A responsabilidade não era só dos bispos. Todo o povo de Deus estava sendo chamado à participação - os leigos, os sacerdotes, os religiosos, as bases.

Constituiu-se uma pequena equipe de responsáveis: uma pessoa de Minas, uma do Rio, uma do Pará e outra de São Paulo. A primeira tarefa a que esta equipe se propôs, foi fazer um mapeamento das experiências de Pastoral Operária então em curso - onde existiam, quantas eram, quem atuava nelas, o que realizavam, porque continuavam resistindo a tanta pressão.

Dez meses depois, realizava-se o primeiro encontro dos integrantes desta equipe que, na ocasião, já se havia ampliado para 10 pessoas. O encontro aconteceu em Belo Horizonte. Foi uma surpresa reconfortante para todos a verificação do quanto de esforço e dedicação, do quanto de amor à Igreja e ao povo, particularmente ao operário, existiam por todo o país: Grupos de Evangelho, Círculos Bíblicos, Juventude Operária Católica, Ação Católica Operária, Associação de Empregadas Domésticas, Associação de Moradores, Clubes de Mães, Grupos de Intelectuais, Comunidades Eclesiais de Base, etc... Como conclusão deste encontro, sempre visando a uma ação conjunta e articulada, partiu-se para um trabalho de coleta das experiências, de responsabilização das pessoas e de distribuição de tarefas nas diversas áreas do território nacional.

Em 1975, realizaram-se duas reuniões em São Paulo, uma na Freguesia do Ó, e quatro meses depois, outra no Seminário dos Padres de Sion, no Bairro Ipiranga. O objetivo, desses encontros, foi o de tentar elaborar

de um método de leitura e análise da conjuntura a partir das experiências, dos fatos e dos acontecimentos. O grupo assumiu, então, como compromisso, a tarefa de fazer circular os resultados das experiências a fim de facilitar às bases uma atitude de permanente análise da realidade.

Aos poucos foi-se delineando uma certa integração do trabalho com a soma dos esforços, respeitando-se plenamente a identidade de cada experiência, uma vez que, desde o início, a tentativa de articulação se fixou como objetivo, ser a Pastoral Operária um serviço.

Ainda em 1975, a equipe responsável do Rio Grande do Sul promoveu o primeiro Encontro Regional daquele Estado com a participação de mais de 100 agentes de pastoral, incluindo-se alguns agentes de Santa Catarina e Paraná. Relatou-se, neste encontro, mais de 20 experiências diferentes, todas, porém, com o mesmo objetivo comum: ajudar o povo a sobreviver e a organizar-se a partir da realidade e do Evangelho. As experiências analisadas compreendiam duas grandes faixas de atuação: o meio rural e o meio urbano.

Outros encontros semelhantes se realizaram no Estado do Rio de Janeiro e no Pará. Com isso, crescia a consciência nacional da importância e da necessidade de uma articulação para uma soma de esforços numa ação conjunta.

A preocupação de a Igreja ser presença na vida real do povo ia se aprofundando sempre mais e fazendo surgir iniciativas concretas... Em Goiânia, a partir de uma ampla reunião em que bispos, sacerdotes e leigos debateram e refletiram sobre a realidade rural e seus grandes apelos, surgiu a Comissão Pastoral da Terra.

NASCIMENTO PROPRIAMENTE DITO DA PASTORAL OPERÁRIA

Em 1976, um encontro em Nova Iguaçu-RJ, com a participação de representantes de 7 estados e de alguns membros da Comissão Pastoral da Terra, aprofundou, mais ainda, a consciência da necessidade de uma articulação específica para o trabalho pastoral no meio operário popular ur

bano.

O estudo dos problemas operários - desemprego, condições de trabalho, ineficiência do sindicato, situação das periferias, bóias-frias, - demonstrou a urgência da criação de um instrumento que fosse capaz de informar, com rapidez e veracidade, dos trabalhadores dos problemas comuns a toda a classe e dos esforços que a Igreja, por força de sua missão, tem que fazer para tornar-se presença em seu meio. Nascia, assim, a Pastoral Operária propriamente dita.

No mesmo ano de 1976, no Seminário do Ipiranga, em São Paulo, realizou-se o primeiro Encontro Nacional da Pastoral Operária, onde foram postos em comum, os passos dados até então e, foram examinados os desafios que a classe operária apresenta à Ação Pastoral da Igreja.

Em 1977, cerca de oitenta pessoas, predominantemente padres e religiosos, se encontraram em Salvador para uma avaliação de como estava caminhando e como estava sendo assumida a articulação em vista de um trabalho conjunto.

Novamente em 1977, no mês de novembro, houve um outro Encontro Nacional que reuniu agentes e militantes dos diversos movimentos de Pastoral Operária atuantes nas várias regiões do país. Também nesta oportunidade, foi muito sentida a necessidade de um instrumento de articulação do trabalho. O relatório deste Encontro está na Separata do Comunicado mensal da CNBB - fevereiro 1979 - Pastoral Operária.

Em dezembro de 1978, realizou-se mais um Encontro-Seminário, de âmbito nacional, sobre Pastoral Operária. Seu desenrolar está registrado na mesma publicação. Com mais força ainda, se afirmou a urgência da criação de um instrumento capaz de promover, animar e ajudar a articulação da ação da Pastoral Operária nas suas diversas modalidades no país.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS
Título da obra
Tipo
Corpo
Bitola
Obs.

HISTÓRIA DA PASTORAL OPERÁRIA DE DEZEMBRO DE 1978 A DEZEMBRO DE 1980

A CPO - COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA

Em dezembro de 1978, depois desses anos todos de experiências, num encontro nacional, em Nova Iguaçu-RJ, a Pastoral Operária passou a se articular sob o nome de Comissão de Pastoral Operária (CPO). Nesta mesma ocasião começou a funcionar, em caráter provisório, a Comissão Nacional de Pastoral Operária. Era um grupo de operários, padres e bispos que, à nível nacional, tinham a missão ampla de dar corpo a tudo o que vinha surgindo.

A Comissão Nacional se propôs um programa corajoso (cf. separata da CNBB, fev. de 1979) sem saber como faria isso, dada à falta de recursos humanos, de instrumentos e de meios financeiros.

Dos membros da Comissão Nacional ninguém era liberado, isto é, com dedicação total de seu tempo ao trabalho de articulação de base da Pastoral Operária. Cada um, na base do voluntariado e do tempo disponível, buscava tornar verdade o que, teoricamente, se refletiu e se decidiu em dezembro de 78.

Ficou estabelecido que, a Comissão Nacional se reuniria de três em três meses, com o objetivo de avaliar a caminhada, estabelecer alguns critérios comuns para assegurar a unidade, respeitando a diversidade, criar um Boletim, através do qual a Pastoral Operária pudesse acompanhar a marcha das experiências, organizar um Secretariado, onde tudo fosse encaminhado e rapidamente devolvido, visitar dioceses, bispos, agentes de pastoral, CNBB, sindicatos, outros movimentos e organizações ocupadas com a Classe Operária e, também, se fazer presentes nos encontros diocesanos, regionais, nacionais... (A citada separata da CNBB apresenta todo o plano de encaminhamento, e que continua, no nosso entender, válido).

CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL

As pessoas indicadas, neste encontro de dezembro de 78, para compor a Comissão Nacional, em caráter provisório, foram:

. Geraldo Francisco Barbosa - professor - Sete Lagoa - MG
. Gerson Florêncio Diniz - construção civil - Vitória - ES
. Anísio Batista de Oliveira - metalúrgico - São Paulo -SP

Utilize fita preta ou azul-preta: evite fita vermelha.

. Maria Angelina de Oliveira - desenhista - Rio de Janeiro - RJ
. Maria Carvalho de Menezes (Sila) - costureira - Rio de Janeiro - RJ
. Waldemar Rossi - metalúrgico - São Paulo- SP
. Dom Cláudio Hummes - Bispo de Santo André - SP
. Dom José Maria Pires - Arcebispo de João Pessoa - PB
. Dom Waldyr Calheiros - Bispo de Volta Redonda - RJ
. Pe. Agostinho Pretto - Rio de Janeiro - RJ
. Pe. Humberto Hummen - Recife - PE
. Pe. Raimundo José Soares - CNBB - Brasília - DF

No terceiro mês de existência da ~~CPO~~ Comissão Nacional, Geraldo Francisco Barbosa pediu demissão, por ter sido eleito dirigente latinoamericano da ACO e não poder acompanhar o programa.

Pe. Raimundo José Soares cedeu lugar ao Pe. Virgílio Uchoa, por redistribuição de tarefas no âmbito da CNBB.

Em 1979, passaram a integrar a equipe: Pe. Adelar de David, Ir. Olívia Barreto e mais os assessores: Cláudio Nascimento [redacted], Frei Betto, Eliseu Lopes e Piragibe Castro Alves.

Em 1980: Eurides Mescolotto - químico - SC; Joaquim Almeida - construção civil - CE; Pe. George Winnick - SP; Luiz Alves - metalúrgico - BA; Aristides Pereira de Andrade - construção civil - RJ; Geraldo Mendonça - petroquímico - PR.

Faltavam ainda operários representantes do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Ajudaram a CPO a se manter atualizada no que se refere ao processo político, sindical: Piragibe Castro Alves e Luiz Alberto Gomes de Souza (cientista social).

Como assessoria de Bíblia e Teologia: Eliseu Lopes, Frei Carlos Mesters, Pe. Raimundo José Soares, Frei Leonardo Boff, Jether Ramalho, Frei Clodovis Boff.

A Comissão Nacional buscou se manter atualizada no que se refere ao processo sindical, realizando reuniões com Jacó Bittar, Olívio Dutra, José Ibrahim, João Paulo Pires de Vasconcelos, Luiz Cardoso, Rolando Fratti, Waldemar Ros

si, Anísio Oliveira, Joaquim Arnaldo, José Cardoso (Ferreirinha).

33. LUGAR ESPECÍFICO DA CPO

A partir de 79, começo da "abertura política", a CPO viveu um momento forte em busca do seu lugar específico.

Durante os anos anteriores, muitos militantes engajados, sem serem convictamente da Pastoral Operária, buscavam os espaços da Igreja para assegurar sua militância. Houveram tensões, debates políticos, contradições, erros e acertos, ataques e defesas sem que com isso se tenha criado rupturas.

Nisto tudo, o fundamental sempre foi respeitado. Isto é: respeitou-se os trabalhadores como os sujeitos do processo, principalmente do processo educativo, evitando propostas e programas impostos. A Pastoral Operária não pode instrumentalizar e nem se deixar instrumentalizar.

Depois de alguns meses, com o surgimento dos Partidos novos, com a "abertura democrática", com o debate aberto sobre o novo sindicalismo e as esperanças das eleições e com o ponto alto das greves, os trabalhadores engajados se lançaram na luta mais aberta e democrática. Isto possibilitou mais espaço para a organização da Pastoral Operária, mas, em alguns lugares, o vazio de lideranças se fez sentir.

As GREVES, principalmente as do ABC paulista e de João Monlevade (MG), levaram a Igreja a se perguntar:

- Que tipo de mundo novo está surgindo?
- Que Igreja nova está surgindo?
- Que pastoral deve nascer?

Retomou-se o Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín... E, à luz da recém Conferência de Puebla, a Igreja na América Latina foi se dando conta de que era preciso mudar e ter coragem.

O acontecimento da greve do ABC, com a coerente posição da Diocese de Santo André, a partir do seu bispo D. Cláudio Hummes, deu um toque a toda a Igreja.

A primeira greve dos metalúrgicos provocou um susto. E, para alguns, um escândalo, que fez com que se começasse a refletir ordenadamente a partir dos que trabalham, dos que produzem, dentro desta máquina injusta e capitalista que aí está.

Praticamente declarou-se a guerra, coisa jamais acontecida neste país. As ondas de greves que aconteceram antes - e que foram sufocadas e ridicularizadas pela imprensa - aproximaram as experiências, os acertos de umas e os erros de outras, fazendo com que todos aqueles que se apresentavam como homens de fé tomassem os fatos e avaliassem o engajamento dentro do grande binômio: FÉ e POLÍTICA.

A CPO acompanhou e se fez presente no processo sindical, naquilo que se referia às Oposições, aos Autênticos, às chapas, às eleições. Participou como Pastoral Operária, no nascimento do DOCUMENTO DE MONLEVADE, no DOCUMENTO DE SÃO BERNARDO e na realização do ENTOES (Encontro Nacional dos Trabalhadores de Oposição Sindical).

A CPO se preocupou, como Pastoral Operária, em estar presente em toda esta luta, sem perder a sua coerência.

Dados os muitos desafios sociais e de Igreja, a Comissão Nacional, no cumprimento de sua missão, buscou reforçar-se como Comissão e tornar-se cada vez mais representativa, convidando trabalhadores para integrá-la.

Na PROGRAMAÇÃO DA CPO em 1980, foi realizado o seguinte:

- Seminário de Estudos, sobre FÉ e POLÍTICA, em plano nacional, promovido pela Comissão Nacional, em Nova Iguaçu - RJ;

- Encontro Nacional dos Sub-Secretários da CNBB;
- Encontro de bispos e dirigentes sindicais, em Barueri - SP;
- Seminário Bíblico-Teológico, em Cachoeiras de Macacu - RJ, 12 dias;
- Dias de Estudo com os participantes das Jornadas Internacionais, em Nova Iguaçu - RJ;
- Dias de Estudos com estrangeiros: europeus, canadenses, asiáticos, que passaram pelo Brasil em viagem de estudo ou turismo;

Durante os anos de 79-80, 309 estrangeiros passaram pelo Brasil e manifestaram interesse pela Pastoral Operária;

Foram promovidos Dias de Estudos para estes estrangeiros, com programas de contatos com grupos de base, incluindo visitas a S.Paulo, Vitória, S.Mateus, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Fortaleza, S.Luís. Nesta linha, a Comissão orientou para que procurassem a Pastoral Operária de Santo André, S. Paulo, Vitória. Igualmente se orientou o pessoal para que entrasse em contato com dirigentes sindicais dessas cidades.

A Comissão Nacional se reunia de 3 em 3 meses para avaliar e retomar a caminhada. Nunca houve participação total de todos os membros.

Como Comissão Nacional esteve em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Bauru, Vitória, Recife, Fortaleza, Manaus, Belém, Juiz de Fora, Itabira, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Erexim, Niterói, Valença, Nova Friburgo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Itaguaí, Joinville, S. Mateus, Teixeira de Freitas, Salvador, Alagoinhas, Florianópolis, Brasília, Congonhas, Acesita, Santo André.

Em algumas cidades, organizando, e em outras participando de Dias de Estudo e em algumas, simplesmente, visitando para estimular e animar o nascimento da Pastoral Operária.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

A CPO SE AFIRMA COMO PASTORAL

A Pastoral Operária, através de seus membros e de sua Comissão [redacted], desde o início de 79, buscou criar um relacionamento amplo com outros serviços de Igreja com o fim de somar experiências e contribuir na construção de uma sociedade onde os trabalhadores e os meios populares pudessem participar com voz e voto. O seu esforço específico foi o de atender à vida, aos problemas do dia-a-dia, às lutas dos trabalhadores, às organizações presentes no movimento operário e popular, às aspirações profundas e aos objetivos da Classe Operária, onde se fere e de onde se apresenta a realidade concreta dentro desta sociedade de classes. A prática da Pastoral Operária de anunciar o Reino de Deus, movida pela fé, denunciando corajosamente os obstáculos, foi, e continua sendo, matéria de profunda e permanente Revisão de Vida Operária [redacted]

Como Pastoral e serviço da Igreja, a Pastoral Operária contribuiu [redacted] com Associações de Moradores, Clubes de Mães, Amigos de Bairros, Associações de Domésticas, Associações de Favelas, Sindicatos, Partidos Políticos. Reuniu-se e trabalhou com [redacted] e buscou participar nos encontros e nas ações das Comunidades Eclesiais de Base.

Acompanhando os fatos, acontecimentos e situações, a Pastoral Operária tentou manter-se engajada e solidária com as greves justas: participando através de seus membros, organizando campanhas de Fundos de Greves e denunciando, quanto possível, as repressões e arbitrariedades

JOC (Juventude Operária Católica), ACO (Ação Católica Operária), CPT (Comissão de Pastoral da Terra), CPP (Comissão Pastoral dos Pescadores), ACR (Animação dos Cristãos do Meio Rural), participou de reuniões do CIMI (Conselho Indigenista Missionário)

cometidas contra os trabalhadores. Por ocasião das greves no Brasil em 78, 79 e 80, praticamente todos os grupos de Pastoral Operária, até os que estavam se iniciando, deram sinais de participação e atuação concretas.

A morte do companheiro Santo Dias foi para a Pastoral Operária um momento forte em plano de Brasil. Aproveitando o fato, refletiu-se sobre o engajamento, as conseqüências e o preço dos que se lançam na construção de uma sociedade justa. Santo Dias, membro da Pastoral Operária de SP, metalúrgico sindicalizado e membro da Comissão de Salário, em greve na ocasião, através de sua vida, ensinou a todos e à Pastoral Operária o que é viver o tema "Fé e Luta", sem separação, sem corte. (cf. anexo 4, pp....).

Dentro desse processo de organização, manifesto nos esforços das Oposições Sindicais, das Assembléias de Classe, das eleições sindicais, das negociações, das campanhas e comissões dos ENTOES (Encontro Nacional dos Trabalhadores de Oposição Sindical), trabalhadores, membros também da Pastoral Operária, deram testemunho de coerência, participando em debates políticos sobre contradições internas existentes dentro da classe e contra seus inimigos comuns. Alguns deles candidataram-se à chapas de oposição, vencendo até pelegos inveterados e estimulando a todos para a urgência da sindicalização e da prática democrática. A CPO estimulou e animou esta caminhada, oferecendo subsídios, avaliando os passos e fazendo ver que o engajamento é determinado num processo de conversão.

Sem discriminar nenhum trabalhador e nenhuma organização operária ou popular no exercício da democracia, a experiência vivida pela Pastoral Operária levou à seguinte pergunta: Que reflexões novas devem ser feitas, ou que estratégias devem ser assumidas, para não impedir em nada o projeto da Classe Operária, mas antes, agilizá-lo, cuidando para que a Pastoral Operária não perca sua identidade e não se deixe instrumentalizar nem instrumentalize a Igreja e a Classe Operária?

A CPO e a CPT desde seu surgimento tentaram assumir as mesma causa. Por razões de realidade - campo e cidade - trabalham diferenciadas , mas com objetivos comuns. São instrumentos que se complementam e que fundamentam a importância e a urgência de uma só classe trabalhadora : trabalhadores do campo e trabalhadores da cidade.

As reuniões da CPO e da CPT, em plano nacional e regional, somente agora começam a trocar experiências. O relacionamento havido foi bom , mas pobre em intercâmbio de planos e ações. A Pastoral Operária vai ser de vital importância a aproximação das duas experiências para atender, com objetividade e eficácia, às migrações dos trabalhadores rurais. Quanto à CPO e CIMI, em algumas regiões, foram poucas as oportunidades de contatos.

JOC , ACO, CPO? O surgimento da Pastoral Operária deixou ou levantou uma série de questões nos agentes de pastoral e no interior da JOC e da ACO, movimentos de experiências já consagradas.

Uma das questões levantadas:

A CPO nasceu para substituir estes movmentos?

A CPO, naquele momento, tinha bem claro que não era sua missão substituir a ACO e a JOC. A experiência do dia-dia vem comprovando esta posição.

A Pastoral Operária se entendia como um serviço amplo reunindo trabalhadores, bispos, padres, agentes de pastoral e buscando fazer presente a vida operária e suas lutas nas várias realidades da Igreja, enfim, em toda a caminhada da libertação do povo à luz do Plano de Deus. Como tal, ela se relacionou com o Instituto Nacional de Pastoral (INP - órgão anexo à CNBB) com os planos de Pastoral de Conjunto da CNBB, com o Centro de Estudos Bíblicos e com os demais planos de pastoral das Igrejas Particulares.

Pastoral ACO

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Lauda nº 21

Tipo	Corpo	Bitola	Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

5

10

15 UN-11112-B
m 34

2ª PARTE

GRANDES ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DA PASTORAL OPERÁRIA

AS ASSEMBLÉIAS NACIONAIS

20

25

30

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs.

UN-11/12-M1 nº 34

Não resta dúvida de que um trabalho de base e de conscientização de classe precisa de momentos fortes que animem, organizem e planejem a caminhada. Articular na base é importante. Mas também, a promoção de momentos significativos nos quais se reúnam todas as pessoas comprometidas com o trabalho e as propostas dá um novo vigor, novo ânimo, nova coragem. Nesses encontros de cunho nacional, as lideranças se encontram, trocam experiências e surge uma maior unidade de trabalho.

UN-11-B

UN-11-2-B nº 20

1981 - REUNIÃO AMPLIADA DA PASTORAL OPERÁRIA

Durante todo o ano de 1981, a Comissão Nacional Provisória trabalhou muito para dar um corpo nacional, mais consistente, aos diversos grupos de Pastoral Operária que estavam surgindo aqui e ali, em diversos estados.

Obs. UN-8/9-MaB nº 16

COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA DE 1981

Adriano Sandri - metalúrgico - MG
Albertina Saurin Oliveira - ... - SP
Angelo Terroso - ... - RS
Pe. Agostinho Pretto - RJ
Anísio B. de Oliveira - metalúrgico - SP
Antonio Eustáquio de Oliveira - metalúrgico - MG
Eliseu Lopes - assessor bíblico-teológico - RJ
Eurides Luiz Mescolotto - químico - SC
Pe. Gianfranco Confalonieri - BA
João Carlos Alves - metalúrgico - SP
Jorge Francisco Peinto - ... - MG
João de Oliveira Souza - ... - PR
José Soares Milheiro (Dico) - construção civil - RJ
D. José Maria Pires - PB
Ir. Lúcia Muniz Telles - RJ
Luiz Cardoso (Luizão) - gráfico - SP
Maria Angelina de Oliveira - desenhista - RJ
Ir. Maria Giacomel - metalúrgica - RS
Miguel S. Rossetto - metalúrgico - RS
Margarida Pinheiro - assistente social - CE
Piragibe Castro Alves - economista - RJ
Raimundo Ananias - eletricitário - PE
Pe. Rogério I. de Almeida Cunha - MG
Pe. Virgílio Leite Uchoa - CNBB - DF
Sérgio Adalberto Bridi - ... - PR
D. Waldyr Calheiros de Novaes - RJ

EXECUTIVA NACIONAL (em 16/12/81)

Adriano Sandri - metalúrgico - MG
Anísio Batista de Oliveira - metalúrgico - SP
Pe. Adelar Pedro de David - RJ
Ir. Edna Turazzi - RJ
Eurisdes L. Mescolotto - químico - SC
Gilberto Carvalho - metalúrgico - PR

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Lauda nº 24

Tipo	Corpo	Bitola	Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. Pe. George Winnick - SP
José Cardoso (Ferreirinha) - metalúrgico - RJ
Ir. Lúcia Muniz Telles - RJ
Pe. Luís Facchini - SC
Maria Angelina de Oliveira - desenhista - RJ
Maria Carvalho de Menezes (Sila) - costureira - RJ
Ir. Olívia Barreto - RJ
Piragibe Castro Alves - economista - RJ
Rosa Guerreiro - assistente social - RJ
Sérgio ... - desenhista - RJ
D. Waldyr Calheiros - RJ
→ bispo - V Redondo - RJ

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. 1

UN-11K2-L2B
m 20

Foi assim que sentiu-se a necessidade de convocar um encontro amplo que reunisse companheiros em atuação nos diversos estados do Brasil.

Em dezembro daquele ano, nos dias 5 e 6, reuniu-se a Comissão Ampliada da Pastoral Operária, convocada pela Comissão Provisória da Pastoral Operária, no Colégio Assunção, no Rio de Janeiro, para fazer uma avaliação dos trabalhos de 1981 e traçar algumas pistas de atuação para o ano seguinte, 1982.

Esta reunião estudou e aprofundou os seguintes temas:

1. Avaliação da marcha da Classe Operária no que se refere às áreas sindical, política, econômica, e eclesial.
2. Avaliação da caminhada da Pastoral Operária durante o ano de 1981.
3. Planejamento da ação organizada da Pastoral Operária para 1982.

AVALIAÇÕES

O primeiro tema "avaliação da marcha da Classe Operária" teve um texto-base para fundamentar a discussão, preparado pelos seguintes estados:

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

. Aspecto sindical - São Paulo

. Aspecto Político - Santa Catarina

. Aspecto Econômico - Minas Gerais

. Aspecto Eclesial - Rio de Janeiro

[redacted]

A "avaliação da caminhada da Pastoral Operária em 1981" foi feita em cima de 3 perguntas, trabalhadas em grupos segundo áreas de interesse:

. O que fêz a Pastoral Operária?

. Em que medida acertou?

. Onde falhou?

Na avaliação feita chegou-se às seguintes conclusões:

- Na área sindical: em todos os estados houve participação dos militantes cristãos nas eleições sindicais, com vitórias e derrotas: nos ENCLATES, na CONCLAT, nas celebrações de 1º de maio, no 1º de Outubro (Dia Nacional de luta contra o desemprego), nas campanhas salariais.
- Na área de política: os cursos de educação política e os seminários sobre "Fé e Política" ajudaram a ter critérios de participação e definição partidária. A questão política é mais ampla que o Partido Político.
- Na área econômica: a Pastoral Operária desencadeou campanha contra o desemprego. Todos os estados realizaram ações concretas: comitês de solidariedade, fundo de desemprego, pesquisas, etc.
- Na área eclesial: a Pastoral Operária criou núcleos de conscientização, favoreceu a criação de Associações de Moradores, promoveu semanas de reflexão sobre a Igreja e os problemas sociais, contribuiu para que a Igreja fizesse a opção e assumisse a caminhada da classe trabalhadora.

A Comissão de Pastoral Operária também se auto-avaliou. Ela chegou às seguintes conclusões:

- a Comissão de Pastoral Operária teve, de modo geral, uma presença mais física do que um posicionamento político na articulação;
- falta ainda uma organização interna da Comissão Nacional de Pastoral

[redacted]

Obs. Operária. Cada membro trabalha mais por si mesmo do que como Comissão.

- a Comissão de Pastoral Operária tem dificuldade de se articular com os Centros de Formação.
- questionou-se a legitimidade dos representantes na Comissão Nacional; viu-se, então, que a Comissão começou como provisória e assim continua.
- levantou-se questionamentos a respeito das Pastorais Operárias locais para ver se há uma conexão delas com a CPO Nacional.
- em relação ao "BOLETIM" e ao "CPO INFORMA" viu-se que têm grande aceitação. O "Boletim" deve firmar-se mais em temas importantes para o aprofundamento, o "CPO Informa" na agilização de notícias.

Foram colocados alguns desafios importantes para o futuro da Pastoral Operária:

- a Comissão de Pastoral Operária deve superar a fase atual de organização, encaminhar eleições para uma representação verdadeira de base.
- formar secretarias a nível sindical, eclesial, econômico e político.
- dispor de pessoas para andar o país a fim de fazer a conexão PO-local com PO-Nacional.

PLANEJAMENTO PARA O ANO DE 1982

Eis alguns pontos, os mais importantes, para que a PO cresça numa ação mais organizada:

- na área sindical: ter uma plataforma de princípios que demonstre o posicionamento da PO contra a atual estrutura sindical e defenda o novo sindicalismo democrático, de base, independente e autônomo.
- na área política: lançar a nível nacional, com divulgação ampla nas bases, uma proposta unificada sobre os movimentos populares, sobre a questão sindical e político-partidária.
- na área econômica: elaborar um subsídio em linguagem popular sobre a política econômica do Governo para 1982 e divulgá-lo junto aos trabalhadores.

- na área eclesial: as linhas de orientação devem ser as da CNBB, mas procurando responder à realidade operária com suas exigências e desafios."

Deve haver um maior relacionamento entre CPO, CIMI, CPT, etc.

- Em relação à Comissão Nacional: em 82, ativar mais os encontros regionais - Norte, Nordeste, Centro e Sul. Assegurar a organização interna da Pastoral Operária a nível local e regional. Encaminhar as eleições da Comissão Nacional para o fim do ano. Encaminhar a formação de 3 sub-comissões, dentro da Comissão Nacional, para se dedicarem especificamente aos aspectos sindical, político-econômico e eclesial.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. UN-8/9-M2B mm 16

COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA DE 1982
(definida na reunião ampliada de 1981)

Ana Kauffmann - comerciária - BA
Pe. Antonio de Oliveira - BA
Pe. Armindo Cattelan - RS
Pe. Antonio Cambron - MA
Pe. Agostinho Pretto - RJ
Adriano Sandri - metalúrgico - MG
Anísio Batista de Oliveira - metalúrgico - SP
D. Cláudio Hummes - ~~SP~~ reitor leigos CNBB - SP
Dolores Borges - ferroviária - CE
Eliseu Lopes - assessor bíblico-teológico - RJ
Ir. Edna Turazzi - RJ
Francisco Teixeira - metalúrgico - RS
Pe. George Winnick - SP
Gilberto Carvalho - metalúrgico - PR
Pe. Gianfranco Confalonieri - BA
Isaías Santana da Rocha - construção civil - ES
José Cardoso (Ferreirinha) - metalúrgico - RJ
José Soares Milheiro (Dico) - construção civil - RJ
João Batista Ramos - ... - PR
Jaime Meoglex - ... - RJ
D. José Maria Pires - PB
João Dias Rodrigues - ... - SP
José Anézio Dias do Vale - construção civil - RJ
Luís Tenderini - metalúrgico - PE
Ir. Lúcia Muniz Telles - RJ
Marinalva de Jesus Araújo - ... - SP
Ir. Maria Giacomel - metalúrgica - RS
Maria Angelina de Oliveira - desenhista - RJ
Maria Carvalho de Menezes - costureira - RJ
Ir. Olívia Barreto - RJ
Piragibe Castro Alves - economista - RJ
Ruth Boettcher - ... - SC
Pe. Rogério I. A. Cunha - MG
Rosa Guerreiro - assistente social - RJ
Ricardo Moraes de Souza - metalúrgico - AM
Waldemar Rossi - metalúrgico - SP
D. Waldyr Calheiros - RJ

UN-11-B nº 42

UN-11/12-L23 nº 20

1982 - 1ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA [redacted]

Em 1982 a PASTORAL OPERÁRIA DO BRASIL, no seu processo de amadurecimento, deu um salto de qualidade.

Até o ano de 82, a Pastoral Operária foi se articulando através de diferentes experiências, sempre com a preocupação de que ela fosse verdadeiramente crescendo a partir de coisas concretas, evitando a tentação da manipulação e instrumentalização.

A Pastoral Operária tem defendido constantemente a posição de que o sujeito da Pastoral Operária, é o trabalhador, em todos os níveis. E assim aconteceu naquele ano a 1ª Assembléia Nacional representativa.

Nos dias 11 e 12 de dezembro de 1982, foi realizada, no Alto da Boa Vista - Rio de Janeiro, a 1ª Assembléia Nacional [redacted] da Pastoral Operária, com representantes de 17 Estados e a presença de 3 bispos: D. Cláudio Hummes, D. Waldyr Calheiros e D. Mauro Morelli.

ABERTURA DA ASSEMBLÉIA

A abertura foi feita por D. Cláudio Hummes que, em síntese, assim se expressou:

UN-11/12-M1 nº 20

"Essa assembléia se realiza num momento decisivo para a Pastoral Operária. A Pastoral Operária foi se organizando, foi encontrando seu caminho, se definindo animada por uma equipe nacional provisória. Hoje, cresceu, está sentindo a necessidade de se unir, de se organizar melhor.

A Pastoral Operária é uma das melhores coisas que está acontecendo na Igreja do Brasil. Digo sempre que não foi a classe operária que se afastou da Igreja. A Igreja é que não soube marcar presença, não sou

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

be reconhecer que a luta dos operários faz parte da luta de Jesus Cristo. Hoje a Igreja se reencontra com a classe operária como força de animação.

A Pastoral Operária não quer ser algo paralelo ao movimento operário, mas no interior do movimento operário. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) acompanha com muito interesse a Pastoral Operária e quer de vocês sugestões de como marcar presença no interior da classe operária".

Pe. Agostinho Pretto fez a apresentação da caminhada geral da Pastoral Operária nestes últimos anos no Brasil.

SITUAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL

O segundo momento foi a apresentação da percepção da situação da classe operária de todo o Brasil, desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul.

Apesar das situações tão diferentes, do pouco tempo para se comunicar tantas realidades, sentiu-se que o ~~nosso~~ povo trabalhador vive situações de sofrimentos e perseguições, de exploração mas também de esperanças e de lutas comuns.

ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

O terceiro momento foi dedicado para analisar a atuação da Pastoral Operária nos movimentos populares e no movimento sindical. Essa reflexão levou a descobrir várias maneiras de atuar e deixou também questões abertas para serem refletidas nos grupos:

[redacted] No Movimento Sindical:

- Participação nas campanhas salariais;
- Participação nas eleições sindicais;

- Incentivo aos militantes de base a criar composições sindicais;
- Promoção de cursos de formação sindical;
- Início da celebração do Dia dos Mártires Operários (30 de outubro , morte de Santo Dias);
- Atuação contra a atual estrutura sindical e contra os pelegos que a defendem;
- Face ao CONCLAT (Congresso da Classe Trabalhadora) e Pró-CUT (Comissão Pró Central Única dos Trabalhadores no Brasil) fez-se um trabalho de base de formação e informação, que porém nas horas de eleições não deu o resultado esperado.

[redacted] Na Política:

- Participação do trabalho de conscientização utilizando as cartilhas das dioceses;
- A Pastoral Operária como tal não optou por nenhum partido, sendo que seus militantes optaram e se candidataram. A experiência de participação direta na campanha política, mesmo que não tenha dado os resultados esperados, foi considerada muito positiva;
- Sentiu-se o poderio econômico dos grandes partidos;
- Descobriu-se a falta de formação política;
- Viu-se que sabemos fazer trabalho com grupos de base, mas não com as massas.

[redacted] Na área eclesial:

- Em muitas dioceses a Pastoral Operária foi assumida como linha de pastoral prioritária;
- Em alguns regionais da CNBB os bispos legitimaram a Pastoral Operária;
- A assembléia dos bispos de São Paulo discutiu a Pastoral Operária e os problemas dos operários;
- Houve semanas de formação sobre fé e política.
- Houve cursos de teologia para operários e a semana bíblica para os operários;

- Houve uma semana nacional para formação de agentes de Pastoral Operária;
- Há dificuldades em várias dioceses onde, às vezes, o bispo ou os padres não apóiam ou censuram a atuação da Pastoral Operária;
- Os trabalhadores manifestam o desejo de uma formação bíblica e teológica.

DESAFIOS E QUESTÕES

- Como a Pastoral Operária pode ser um serviço para a Igreja, em geral, e para a hierarquia?
- Como atuar dentro do movimento popular, sindical e político sem se tornar um movimento paralelo? Sem querer substituí-los?
- Necessidade de oferecer meios de informação e de formação em todas essas áreas.
- Necessidade de aprofundar o relacionamento entre fé e política, entre fé e o engajamento nos Movimentos Populares, Sindical e em todos os movimentos de libertação.

PROGRAMAÇÃO DOS ESTADOS PARA 1983

O quarto momento foi sobre a programação para 1983. Começou com uma comunicação, Estado por Estado, sobre o programa da Pastoral Operária a nível estadual. Existiam muitas preocupações em comum:

- Cursos de formação de base, de líderes sob vários aspectos (bíblico, teológico, sindical, político, econômico, etc.)
- Estender a Pastoral Operária em todo o Estado.
- Participar dos movimentos de massa (1º de maio, etc.).
- Atenção maior ao problema do desemprego.
- Mais atuação no movimento sindical.
- Fazer boletins regionais e estaduais.
- Divulgar o Boletim Nacional.

- Preparar subsídios para grupos de base.
- Trabalhar em conjunto com a Ação Católica Operária (ACO), a Juventude Operária Católica (JOC), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), etc.
- Panfletos para bairros e fábricas.
- Conquistar o apoio do padre e do bispo.
- Participar dos movimentos de bairro.
- Abrir debates sobre ENCLATS e o CONCLAT.

PLANEJAMENTO NACIONAL PARA 1983

1. Assessoria

- Formar uma Assessoria Nacional no campo da Teologia e das áreas políticas, sindical e econômica;
- criar subsídios-roteiros em linguagem popular.

2. Encontros

- Promover encontros de aprofundamento sobre os problemas sindicais, tendo em vista o CONCLAT.

- a formação sindical deve partir das lutas concretas dos trabalhadores;
- Realizar Seminários Regionais.

3. Desemprego e arrocho salarial

- Incentivar as organizações dos desempregados e promover a solidariedade;
- Levantar e discutir na base, as causas e a natureza do desemprego;
- Atuação junto à CNBB para que tome posição clara frente ao desemprego;
- Elaborar um roteiro especial sobre o desemprego e política salarial para ajudar na discussão com as bases.

4. Informação

- Melhorar a distribuição do "CPO Informa";
- "Boletim Nacional" - saída mais regular, que documente as experiências positivas e negativas da Pastoral Operária, em linguagem popular. Refletir sobre as lutas e tomar posições claras.

5. Organização

- Criar núcleos de Pastoral Operária em todas as dioceses;
- pedir ajuda da CNBB para os lugares onde a Pastoral Operária ainda não existe;
- apoiar a Pastoral Operária nos estados onde está nascendo,
- conseguir apoio financeiro para a Pastoral Operária.

6. Movimentos populares

- Desenvolver o trabalho junto às Associações de Bairro, de Favelas, CPT, etc;
- tomar posição frente aos conflitos sociais;
- Procurar dar apoio ao processo de Reforma Agrária, atuando dentro do Movimento Sindical.

7. Apoio ao Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores

8. Acidentes de trabalho

- Informar e aprofundar dados e causas dos acidentes - preparar material sobre esse problema e informar os dirigentes sindicais.

A Assembléia decidiu que a Pastoral Operária deve apoiar as campanhas de sindicalização e eleições sindicais; deve informar sobre os passos do movimento sindical, a preparação do CONCLAT, mas não deve promover encontros de delegados do CONCLAT, pois isto é tarefa do Movimento Sindical.

A Assembléia, também, elaborou uma carta-base onde definiu os Princípios de Ação da Pastoral Operária, as tarefas da Assembléia Nacional, da Comissão Nacional e da Executiva Nacional (cf."Princípios de Ação da Pastoral Operária", Anexo 1 à pg. ....).

Finalmente foram eleitos os membros da Comissão Nacional e da Exetiva Nacional (cf. nota 1).

§1: O estado de São Paulo ficou de indicar posteriormente mais um nome para integrar a Executiva Nacional. O indicado veio a ser José Mello Prado Filho.

UN-8/9-M2B

Obs. UN. 8/9 - MaB nº 16

COMISSÃO NACIONAL DE 1983

(definida na 1ª Assembléia Nacional, em 1982)

Aristides P. Andrade - funcionário público - PB

Ana Maria Gonçalves - assistente social - ~~RS~~ MG

Ana Angélica - professora - CE

Aldemir Almeida - metalúrgico - AM

Durval Cornelio de Souza - armador - ES

Davi Lemos - professor - PB

Edna Dias dos Santos - ... - GO

Elieser Santos Soledade - metalúrgico - BA

Luís Carlos R~~ibas~~ Montanha (Carlão) - comerciário - SP

Maria das Graças (Anita) - costureira - PR

Ir. Maria das Graças - SC

Pedro Luís da Silva - eletricitário - AL

Raul Soares - metalúrgico - MG

Paulo Edson de Amorim (~~Paulo~~ Banana) -lapidário - RJ

Ronaldo de Azevedo Lima - comerciário - RJ

Selvino Heck - professor - RS

Simone de Jesus Pinheiro - funcionária pública - MA

Waldemar Rossi - metalúrgico - SP

D. Cláudio Hummes - setor leigos da CNBB - SP

EXECUTIVA NACIONAL DE 1983

Adriano Sandri - metalúrgico - MG

Pe. Agostinho Pretto - ~~RS~~ assistente da CPO - RJ

D. Cláudio Hummes - ~~bispo~~ assistente da CPO - SP

Gilberto Carvalho - metalúrgico - ~~RS~~ PR

José Soares Milheiro (Dico) - construção civil - RJ

José Mello Prado - ... - SP

Maria Carvalho de Menezes - costureira - RJ

Pedro João da Silva (Metralha) - metalúrgico - SP

Salvador Marcelino - comerciário - RJ

Pe. Virgílio Leite Uchoa - CNBB - RJ

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. UN-11-B

1983 - 2a. ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

Nos dias 3 e 4 de dezembro de 1983, realizou-se, no Cenáculo, Laranjeiras, RJ, a 2a. Assembléia Nacional da Pastoral Operária.

Participaram desta Assembléia delegações dos seguintes estados : AM, MA, CE, PB, PE, AL, BA, ES, MG, RJ, SP, PR, GO, SC, RS. Juntamente com a Executiva Nacional, a Comissão Nacional, representantes do CIMI, CPT, ACO, JOC. Contou-se com a presença de D. Celso Pinto, responsável pela linha 1 da CNBB, o Secretariado Nacional e os assessores: Pe. Virgílio Leite Uchoa, Herbert de Souza (Betinho), Pe. Hugo V. Paiva, Jair Meneguelli, Abdias José dos Santos, João Paulo Pires Vasconcelos.

Os trabalhos iniciaram-se com a apresentação das diversas delegações e das representações. Após isto, foi lido um trecho do Evangelho referente à parábola do Semeador. D. Celso abriu a Assembléia falando da alegria em estar presente e poder acompanhar todos os trabalhos.

O QUE A PASTORAL OPERÁRIA REALIZOU EM 1983

A Pastoral Operária cresceu nos centros urbanos e atingiu diversas dioceses, se estruturando nas cidades do interior, em alguns estados. Se us militantes tiveram presença atuante dentro do Movimento Operário , do Movimento Popular e da Igreja.

Foram levantadas algumas dificuldades e limitações. Sendo apontada como uma das principais, o fraco entrosamento e articulação com outras pastorais e movimentos de Igreja e com a própria CNBB.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. PLANEJAMENTO PARA 1984

A Assembléia assumiu quatro prioridades para serem trabalhadas a nível nacional em 1984: o desemprego, sindicalismo, formação e Reforma Agrária.

- A nível do desemprego houve uma conscientização de que ele é uma consequência grave do modelo político-econômico do Brasil.
- Quanto ao sindicalismo viu-se a necessidade de um trabalho de base para ajudar a implantação da CUT. Também, ~~se~~ viu-se a importância de incentivar a participação da mulher no sindicato.
- A nível da formação apontou-se para a necessidade de se redefinir a metodologia, o fortalecimento das assessorias estaduais e a organização de cursos de agentes de Pastoral Operária.
- A Assembléia entendeu que a Reforma Agrária é uma questão prioritária, não só para o homem do campo, mas também para o trabalhador da cidade, pois nela se engloba também a luta pelo solo urbano. Repudiou-se qualquer forma de Reforma Agrária que contivesse soluções colonialistas na qual o latifúndio permanecesse intocável e improdutivo.

ESTRUTURAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

Quanto à estruturação [redacted] da Pastoral Operária decidiu-se:

- que a Assembléia Nacional continuaria anual com duração de 3 dias;
- cada região decidiria sobre a organização ou não de "encontrões", isto é, atividades, cursos reunindo pessoas de estados da mesma região;
- deixou-se sob a responsabilidade da Comissão Nacional o encaminhamento da liberação de 2 companheiros para o trabalho de articulação da Pastoral Operária a nível nacional (cf. nota 2).

§2. Crescia, a nível nacional, a necessidade da Pastoral Operária ter trabalhadores com disponibilidade integral de tempo para coordenar a sua articulação em todo o Brasil. Embora esta Assembléia decidisse pela liberação de 2 companheiros já no decorrer de 1984, devido a dificuldades de encaminhamento da questão, esta decisão só se concretizou em 1985 com a liberação do Gilberto Carvalho (PR) e do Waldemar Rossi (SP).

Obs.

Aproveitando [redacted] a força [redacted] adquirido no seu desenrolar, a Assembléia Nacional decidiu enviar uma carta aos bispos da CNBB , mostrando a necessidade de, diante da grave situação do desemprego, se pronunciarem com maior decisão e exigência frente ao governo federal (cf. Documento 3 anexo [redacted] pg. 18.)

Também, dentro do mesmo espírito, foi elaborada uma carta aos militantes da Pastoral Operária e ao público em geral mostrando a consciência e o compromisso que a Pastoral Operária tem e assume frente à sua missão de evangelizar através da prática da Justiça e da Libertação (cf. Documento 4, anexo à pg. ....).

Encerrando a Assembléia Nacional, D. Celso Pinto falou que a Pastoral Operária deve preservar e manter-se na fidelidade. Fidelidade que possue duas dimensões. A primeira é a fidelidade à Classe Operária e a segunda, à Igreja. Falou, também, do testemunho dado pelos 13 posseiros de S. Geraldo do Araguaia (PA) e dos padres franceses Aristides Camio e Francisco Gouriou que se encontravam presos, (eles estavam sendo acusados de envolvimento numa emboscada, ocorrida em 13 de agosto de 1981, contra agentes da polícia federal, funcionários do GETAT e um pistoleiro vitimado na mesma). D. Celso pediu que a Assembléia Nacional, por delegação, fizesse uma moção de apoio e solidariedade a eles. Agradeceu e se colocou à disposição da Pastoral Operária, uma vez que se tornara bispo responsável pela linha 1 da CNBB e, como bispo, assumia a Pastoral Operária.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. UN-8/9-MaB m 16

COMISSÃO NACIONAL DE 1984
(definida na 2ª Ass. Nacional, em 1983)

Aristides P. Andrade - funcionário público - PB
Aldemir Almeida - metalúrgico - AM
Ana Angélica - professora - CE
Burval Cornélio de Souza - armador - ES
Edna Dias dos Santos - ... - GO
Elieser Santos Soledade - metalúrgico - BA
João Facchini - professor - SC
José Dari Krein - professor - PR
Luís Tenderini - metalúrgico - PE
Luís Carlos Montanha (Carlão) - comerciário - SP
Paulo Edson de Amorin (Banana) - lapidário - RJ
Raul Soares - metalúrgico - MG
Ronaldo de Azevedo Lima - comerciário - RJ
Simone de Jesus Pinheiro - funcionário pública - MA
Waldemar Rossi - metalúrgico - SP
D. Celso Pinto - setor leigos CNBB - BA

EXECUTIVA NACIONAL DE 1984
Adriano Sandri - metalúrgico - MG
Pe. Agostinho Pretto - assistente da CPO - RJ
D. Cláudio Hummes - assistente da CPO - SP
Gilberto Carvalho - metalúrgico - PR
José Mello Prado - ... - SP
José Soares Milheiro (Dico) - construção civil - RJ
Mário de Castro Gonçalves (Bigode) - metalúrgio - MG
Maria Carvalho de Menezes (Sila) - costureira - RJ
Pedro João da Silva (Metralha) - metalúrgico - SP
Salvador Marcelino - comerciário - RJ
Selvino Heck - professor - RS
Pe. Virgílo Leite Uchoa - CNBB - DF

1984 - 3a. ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

Nos dias 2, 3 e 4 de novembro de 1984, realizou-se a 3a. Assembléia Nacional da Pastoral Operária, no Colégio Assunção, Santa Tereza - RJ. Participaram: 123 pessoas, entre delegados estaduais, agentes de pastoral, assessores, convidados representantes da ACO, CPT, ACR, JOC e Movimento dos Sem Terra, os bispos D.Sinésio Bohn (Novo Hamburgo-RS), D.Mauro Morelli (Duque de Caxias-RJ), D.Afonso Gregory (Aux. RJ) e D. José Maria Pires (João Pessa-PB), Executiva e o Secretariado. D. Benedito Ulhoa Vieira, vice-presidente da CNBB, enviou telegrama de saudação.

A Assembléia foi um momento forte de:

- Celebração da caminhada da Pastoral Operária em 84.
- Avaliação dos trabalhos neste ano.
- Planejamento para 85.

PRINCIPAIS DESTAQUES DA AVALIAÇÃO DE 84

- Na área da Formação foram realizadas muitas atividades: Cursos bíblicos e de formação teológica, cursos sobre sindicalismo, estudos da realidade, retiros etc.

  A Assembléia teve a impressão de que esta formação está correndo paralela à ação, sem conseguir fazer uma reflexão desta ação, reflexão que ajude a melhorar a qualidade da ação. Constatou-se muito ativismo, e mesmo, às vezes, uma certa perda de horizonte do papel específico do militante cristão.
- Na área Sindical foi dado muito apoio ao movimento sindical: apoio à construção da CUT e a sindicatos combativos.Mas, o mais forte nesta área, foi o apoio ao trabalhador desempregado.
- Na área da Reforma Agrária verificou-se um apoio tímido aos trabalhadores rurais em luta pela Reforma Agrária. Não se fez um trabalho sigficativo de conscientizar o operário urbano sobre a importância da Reforma Agrária para todos.
- Outros destaques da avaliação: Constatou-se a crescente participação da mulher na Pastoral Operária. No entanto, algumas categorias profissionais estiveram abandonadas, dentre elas as domésticas.

Após a avaliação, foi realizado um painel sobre a Igreja no Brasil, a Teologia da Libertação e a atual conjuntura nacional. Colaboraram neste painel, D.Sinésio Bohn, Pe. Rogério J.A. Cunha (BH), Marcos Arruda (IBASE) e Abdias José dos Santos (Pres. Sind. Metalúrgicos de Niterói-RJ).

DESAFIOS E PRIORIDADES PARA 85

- Na área da Formação a Assembléia decidiu continuar as atividades desenvolvidas até então, buscando uma nova qualidade na Formação do militante operário cristão.
- Na área Política, considerando o momento decisivo que nosso País viveria em 85, a Assembléia decidiu que a Pastoral Operária deveria estar atenta aos acontecimentos, preparando e incentivando a militância política dos trabalhadores cristãos.
- Na área Sindical a Assembléia decidiu continuar o apoio aos desempregados buscando sua organização autônoma e incentivando a busca de soluções mais concretas. Viu a necessidade de vincular-se o movimento dos desempregados ao Movimento Sindical.
- Na questão Agrária decidiu incentivar a solidariedade do trabalhador urbano para com o trabalhador rural.
- Na área dos Movimentos Populares decidiu buscar, junto com as CEBs, apoiar o autêntico movimento popular, seja ele de bairro, da área da saúde, da educação etc.
- Na relação com o conjunto da Igreja a Assembléia orientou a Pastoral Operária a buscar cada vez mais, em comunhão com todos, ser presença da Igreja no mundo do trabalho e ser presença do mundo do trabalho no interior da Igreja, nas pastorais, na catequese, na liturgia etc.

Destacou-se ainda o ano de 85 como o ANO INTERNACIONAL DA JUVENTUDE e a necessidade de a Pastoral Operária -se colocar a serviço da Pastoral da Juventude e JOC para dar o apoio possível.

ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA
Regimento Interno e Estatutos

Foi decidido iniciar-se um processo de discussão, desde as bases , de um Regimento Interno e dos Estatutos da Pastoral Operária, a partir de solicitação da CNBB e das necessidades ~~que~~ surgidas.

Obs. 1

Estrutura da Pastoral Operária

Decidiu-se dar ênfase maior às instâncias regionais, diminuindo a freqüência dos Encontros Nacionais, visando uma eficiência maior e a diminuição de custos.

Para isto a Pastoral Operária no Brasil foi dividida nos seguintes regionais:

NORTE: AM, PA, MA, CE, PI

NORDESTE: RN, PB, PE, AL, SE, BA

LESTE: MG, ES, GO

CENTRO: RJ, SP, MS

SUL: PR, SC, RS

e as áreas consideradas de missão: Rondônia, Acre, Amapá, Mato Grosso.

Composição da Comissão Nacional

A composição da Comisssão Nacional ficou assim: 2 representantes por regional onde a Pastoral Operária possuísse comissões estaduais e 1 representante por regional aonde ainda não existisse comissões estaduais.

Foi concretizada a liberação de 2 companheiros, sendo um em tempo integral e outro a meio tempo, que passaram a trabalhar no Secretariado Nacional, em Duque de Caxias - RJ (cf. nota 3).

UN-8/9-M285 nr 20

3. Durante todo o ano de 1984, a Executiva Nacional, orientada pela Comissão Nacional, fez gestão junto a vários companheiros sobre sua disponibilidade para exercer o serviço de estar articulando e coordenando a Pastoral Operária a nível de Brasil. Somente nesta Assembléia foram referendados os nomes dos companheiros Gilberto Carvalho e Waldemar Rossi para assumirem este trabalho. O companheiro Gilberto, membro da Executiva Nacional e da Comissão Estadual da Pastoral Operária do PR, assumiu a tempo integral esta tarefa vindo residir, durante 1985, em Nova Iguaçu, RJ. O companheiro Waldemar, membro da Comissão Nacional e da Comissão Estadual da Pastoral Operária de SP, assumiu a meio tempo, continuando a morar em São Paulo, dividindo sua liberação ~~com~~ entre a PO Estadual e a CPO Nacional.

Obs. UN-89 - M+B nº 16

COMISSÃO NACIONAL DE 1985
(definida na 3ª Ass. Nacional, em 1984)

Ana Angélica - professora - CE
Amarildo Marinho - construção civil - AM
Aurino José Goes - petroquímico - BA
Isaías Santana da Rocha - construção civil - ES
Luís Carlos Volcan (Frank) - tratorista - RS
Luís Carlos Pires Montanha (Carlão) - comerciário - SP
João Facchini - professor - SC
José Dari Krein - professor - PR
Paulo Edson de Amorim (Banana) - lapidário -RJ
Raul Soares - metalúrgico - MG
Simone de Jesus Pinheiro - funcionária pública - MA
D. Celso Pinto - setor leigos CNBB - BA

EXECUTIVA NACIONAL DE 1985

Ana Maria Gonçalves - assistente social - MG
Adriano Sandri - metalúrgico - MG
Antonio Farco (Nico) - metalúrgico - SP
Ana Maria Cruz - construção civil - RG
Pe. Agostinho Pretto - assistente CPO - RJ
D. Cláudio Hummes - assistente CPO - SP
Gilberto Carvalho - metalúrgico - PR (liberado nacional)
Selvino Heck - professor - RS
Salvador Marcelino - comerciário - RJ
Pe. Virgílio Leite Uchoa - CNBB - DF
Waldemar Rossi - metalúrgico - SP - (semi-liberado nac.) -

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra | Lauda nº 46

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

Obs. 1

UN-11-B
UN-11/12-LAB
nº 2

1985 - 4a. ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA

Nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro de 1985, realizou-se a 4a. Assembléia Nacional da Pastoral Operária, com a presença de 75 delegados de 19 estados do Brasil, a Executiva Nacional, convidados e Assessores. Foi iniciada com a palavra de D. Cláudio Hummes, bispo de Santo André, e a apresentação das diversas delegações.

AVALIAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA EM 85

Os participantes do encontro, divididos em grupos segundo os regionais, avaliaram a vida da Pastoral Operária [redacted] respondendo às seguintes questões:

- Quais os avanços e problemas (recuos) da Pastoral Operária, regionais e estaduais, em relação ao seu engajamento, no movimento dos trabalhadores? (Tendo como referência nossas prioridades para 85: Apoio ao movimento sindical, formação, luta contra o desemprego, inserção na Pastoral de Conjunto, apoio à luta pela Reforma Agrária, e atenção à

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

questão da Constituinte).

- Como funcionou a estrutura da Pastoral Operária em seus diversos níveis, desde os grupos de base até à Comissão Executiva Nacional?

Avanços da Pastoral Operária em 1985

- O Movimento Sindical foi levado mais a sério pela Pastoral Operária. Em seus diversos níveis e em todos os estados e regiões a PO apoiou a formação de oposições sindicais etc.
- Aconteceram nos diversos Regionais, a nível da Formação, cursos e debates envolvendo temas como a Constituinte, o Sindicalismo, Teologia, Bíblia e Pastoral.
- Na luta contra o desemprego notou-se mudança no modo de se realizar esta luta. A PO sempre esteve ao lado e apoiando os acampamentos e os comitês contra o desemprego.
- Quanto a luta pela Reforma Agrária, de um modo geral, a participação da PO foi indireta, caracterizando-se pelo apoio à CPT e aos Sem-Terra, aos acampamentos e ocupações de terra.
- A Constituinte foi uma luta que cresceu nos estados e regiões, sem uma previsão estratégica.
- A nível da Pastoral de Conjunto, nota-se hoje um reconhecimento da PO por parte da Igreja. A PO melhorou sua presença na Igreja local (dioceses) e o seu relacionamento com outras pastorais.

Recuos da Pastoral Operária em 1985

- Quanto ao Movimento Sindical surgiram dificuldades próprias a essa luta: falta de maior preparo, demissões em massa etc.
- A Formação se apresenta ainda desordenada, carente duma progra-

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

mação sistemática e melhor aprofundamento pedagógico e metodológico.

- Desemprego, os esforços foram tímidos e isolados. A luta contra o desemprego deixou o plano político e caiu no assistencialismo. Não houve articulação regional.
- Reforma Agrária: faltou trabalho de base e apoio mais efetivo a essa luta. O trabalhador urbano ainda não se identifica à causa da Reforma Agrária.
- Constituinte: foi algo novo nas atividades da Pastoral Operária. Há grande dificuldade para que chegue à base.

- Quanto à Pastoral de Conjunto viu-se que o clero ainda não assume a PO. Falta diálogo com o clero.

Funcionamento da estrutura da Pastoral Operária

- Constatou-se que houve formação de novos grupos. Avanço na base.
- Falta a prática da Revisão de Vida Operária.
- Falta estruturação a nível de Estado e Regiões dos Estados.

PRIORIDADES PARA 1986

Para o ano de 1986 foram assumidas como prioridades: A formação e a luta sindical como prioridades permanentes; a participação no Movimento Político (dando prioridade à Constituinte) e apoio a candidatos populares; Movimento populares (acentuando-se a questão do desemprego, a Campanha da Fraternidade/86).

A Assembléia sugeriu aproveitar ao máximo o ano de 1986 - Centenário do dia 1º de Maio - como parte da conscientização da classe trabalhadora.

Foi também aprovado o Plano de Formação apresentado pela Equipe de Formação.

Foi muito acentuada a necessidade de um plano de auto-financiamento da Pastoral Operária a nível de Brasil. A Executiva ficou com a responsabilidade de desenvolver uma Campanha Financeira.

Obs.

MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA DA PASTORAL OPERÁRIA

Houve modificação na estrutura da Pastoral Operária, fazendo-se uma subdivisão nos Regionais. Assim os regionais passaram de cinco para seis (cf. Regionais da Pastoral Operária à pg. 66).

A Comissão Nacional passou a ser composta por 1 representante de cada estado onde existe Comissão Estadual, e 2 representantes por regional onde não existe Comissão Estadual.

A Executiva Nacional passou a se compor por 2 representantes de MG, 2 de São Paulo, 2 do Rio de Janeiro, 2 do Paraná, 1 do Rio Grande do Sul.

UN-8/9-M2B nº 16

COMISSÃO NACIONAL DE 1986
(definida na 4ª Ass. Nacional, em 1985)

Ana Angélica - professora - CE
Amarildo Marinho - construção civil - AM
César Sanson - professor - PR
Cleudio Marques Ferreira - professor - GO
Davi Coelho Moura de Lemos - professor - PB
Geraldo Orozimbo - metalúrgico aposentado - RJ
Luís Carlos Volcan (Frank) - tratorista - RS
Luís Tenderini - metalúgico - PE
Maria Luiza Mendes - comerciária - CE
Mário Luís Cachinski - marceneiro - SC
Maria Aparecida P. Lima - metalúrgica - SP
Sebastião Sabino de Souza - construção civil - ES
D. Celso Pinto - setor leigos CNBB - BA

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EXECUTIVA NACIONAL EM 1986

Ana Maria da Cruz - construção civil - RJ
Ana maria Gonçalves - assistente social - MG
Pe. Agostinho Pretto - assistente CPO - RJ
D. Cláudio Hummes - assistente CPO - SP
Gilberto Carvalho - metalúrgico - PR
João Batista Soares - metalúrgico - RJ
Jairo Carneiro - metalúrgico - RS
José Dari Krein - professor - PR
José Albino de Melo - metalúrgico - SP
Nivaldo Quizzato Martins Cruz - construção civil - SP (liberado nacional)
Raul Soares - metalúrgico - MG
Pe. Rogério I. A. Cunha - assistente CPO - MG
Salvador Marcelino - comerciário - CNL - RJ
Pe. Virgílio Leite Uchoa - CNBB - DF
Waldemar Rossi - metalúrgico - SP

Obs. UN-11-B → 1986 - 10 ANOS DE EXISTÊNCIA DA PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

[redacted]

UN-11/12-MI nº 34

A Pastoral Operária inicia 1986 comemorando o seu décimo aniversário. Isto é uma vitória. Isto é um fato histórico. Dez anos de dedicação dos operários cristãos à causa da classe operária.

Já na primeira reunião da Comissão Nacional, em março, fez-se alguns levantamentos para aproveitamento deste ano como um tempo favorável para se rever, oficializar e celebrar os dez anos de existência da Pastoral Operária. Tempo favorável também porque, [redacted] constatação geral, [redacted] a Pastoral Operária deu um saldo de qualidade e de quantidade, tanto em sua organização como em seu compromisso e presença no seio da classe operária.

Assim sendo, a Comissão Nacional estabeleceu que todo o ano de 1986 seria dedicado a celebrar este acontecimento tendo seu ápice de [redacted] na Assembléia Nacional, em [redacted] dezembro. Para isto, todos os grupos de POs. deveriam multiplicar programações nos seus estados que relevassem esse fato histórico.

Como um primeiro passo para a conscientização dessa festividade, aproveitou-se a celebração do Centenário do Dia 1º de Maio para, em conjunto, realçar a luta e a história do povo trabalhador.

Foram confeccionados dois cartazes chamando os trabalhadores à conscientização sobre o Centenário de 1º de Maio. Estes cartazes evidenciaram as lutas e a caminhada histórica dos trabalhadores através de suas principais bandeiras de luta. Afinal, Cem anos do Dia 1º de Maio significam "Cem anos de lutas construindo a História" ([redacted] cf. cartazes [redacted] anexos).

UN-11/12-B

1986-5ª ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA: (1976-1986 10 anos da CPO)

UN-11/12-L+B nº 20

Nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 1986, realizou-se no Colégio Assunção, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, a 5ª Assembléia Nacional

comemorando os 10 anos da Pastoral Operária no Brasil.

Participaram, ao todo 87 pessoas, sendo 48 delegados, 20 membros da Comissão Nacional, 6 observadores, 3 convidados de entidades, 2 assessores e os membros do Secretariado Nacional. Os delegados representavam ~~20~~ 18 dos 22 estados onde hoje a PO está presente (cf. pg. 63 a 63a).

Anunciou-se cartas recebidas saudando a Assembléia (cartas de D.Celso Pinto, responsável pelo setor Leigos da CNBB, de D. Ivo Lorscheider, presidente da CNBB, de D. Gregório Warmeling, bispo de Joinville, SC).

OBJETIVOS DA ASSEMBLÉIA

O companheiro Nivaldo, liberado nacional, apresentou os objetivos da Assembléia definidos na última reunião da Comissão Nacional:

- avaliar a caminhada da Comissão Nacional da PO.
- celebrar os 10 anos de caminhada da Pastoral Operária;
- planejar os trabalhos para o ano de 1987;
- deliberar.

HISTÓRICO DA PASTORAL OPERÁRIA

Pe. Agostinho Pretto fez uma exposição do histórico da Pastoral Operária acentuando que a Pastoral Operária nasceu no início da década de setenta a partir de muitas reflexões e lutas. Foi na época da repressão. Os trabalhos eram feitos em silêncio. Aos poucos a PO foi adquirindo corpo e se espalhando por todo o Brasil. Hoje ao comemorar os seus 10 anos, a PO é uma referência necessária no movimento operário e popular como também dentro da Igreja.

AVALIAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

Os depoimentos, os relatórios, a troca de experiência... deixaram claro para a Assembléia: hoje, a Pastoral Operária é uma realidade nacional.

Nestes 10 anos de caminhada, a Pastoral Operária vem crescendo . Aumenta o número de grupos de base, de militantes e simpatizantes. Aos poucos, ela vai se impondo como serviço sempre mais eficiente à causa da classe operária.

No entanto, a Assembléia notou que a Pastoral Operária ainda é muito vulnerável..., uma criança precisando de ser cuidada com todo o carinho.

Constatou-se que a criação dos regionais em 1985 ajudou a Pastoral Operária a se expandir no Nordeste I e II. O Regional Leste foi o que melhor funcionou como regional. Já o Sul e o Centro não funcionaram bem, como regionais, pois cada estado constitui por si, praticamente, um regional (cf. mapa regionais à pg. 46)

A Pastoral Operária vai dando um salto de qualidade nos estados dos regionais Sul, Leste e Centro. No Nordeste vai se firmando a partir da realidade local, e, aos poucos, se expandindo para as dioceses fora das capitais. Na Paraíba, por exemplo, além de João Pessoa, ela já atinge Guarabira e Campina Grande.

O estado de Sergipe continua uma excessão: está difícil surgir aí a Pastoral Operária.

O Regional Norte vai caminhando com muita dificuldade: uma dificuldade é a sua grande extensão territorial. Aí existem grupos de PO, mas ainda são poucos. Rondônia vai dando passos significativos. Surgem também grupos no Amapá.

Os estados do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Goiás enfrentam dificuldades internas e externas. Falta uma articulação dos grupos existentes de Pastoral Operária, que, por este motivo aos poucos vão desaparecendo. Precisam rever seus passos, retomar o trabalho de base, re-

estruturarem.

DESAFIOS

A Assembléia destacou como desafios sentidos em 1986:

- formação de quadros;
- organizar e estruturar a Pastoral Operária, estruturar os Regionais;
- a auto-sustentação financeira;
- a formação reduzindo-se a cursos (falta uma formação sistemática permanente para os diversos níveis dos membros da pastoral operária);
- ajudar aos agentes de Pastoral a estarem mais presentes na Pastoral Operária e no mundo do trabalho;
- criar, ajudar e acompanhar novos grupos de base;
- apoiar as oposições sindicais, autênticas e combativas;
- ser militante e atuar na comunidade (sobrecarga de tarefas);
- ir às causas do Menor Abandonado na Campanha da Fraternidade de 1987;
- implantação da Pastoral Operária no Norte e no Nordeste, realidades diferentes;
- ser espaço de celebração, de Revisão da Vida Operária;
- levar a Comissão Nacional a ser direção (pulmão) da Pastoral Operária;
- o desemprego;
- a desarticulação do movimento popular;
- aprofundar as resoluções do Congresso da CUT;
- ter claro o papel da Pastoral Operária frente ao Movimento Popular;
- ter clareza na formação política.

O QUE É PASTORAL OPERÁRIA?

A seguir, a Assembléia, em grupos, e depois em plenário debateu o que é ser Pastoral Operária diante dos desafios atuais.

Ser Pastoral Operária é:

- Levar a Igreja a acompanhar a realidade e assumir o seu papel evangélico;
- levar os trabalhadores a compreenderem a realidade e estimular os trabalhadores a participarem dos movimentos sociais (engajamento);

- levar os trabalhadores à consciência de classe e a entender que sua luta é evangélica;
- apoio, assessoramento, animação aos integrantes de oposições sindicais autênticas e combativas, associações e núcleos de partidos;
- espaço de reflexão para os companheiros que assumiram a luta. O militante encontra no grupo de Pastoral Operária uma fonte para se reabastecer. Aí ele reflete a sua prática à luz da fé/evangelho;
- atuar na Pastoral de Conjunto e estimulá-la;
- ajudar o trabalhador a ter uma consciência crítica, a ser um crítico permanente do conjunto da realidade;
- serviço.

A Pastoral Operária precisa:

- Manter a sua autonomia em relação aos partidos, sindicatos, movimento popular;
- preocupar-se com o trabalho de base;
- aprofundar o conhecimento do projeto de Deus;
- estar no movimento popular, no movimento sindical e nos partidos;
- estudar uma melhor estruturação da Pastoral Operária;
- fazer uma discussão política para ver quais são os instrumentos para a transformação da sociedade;
- aprofundar a questão metodológica (sentimos falta de uma metodologia de capacitação para a consciência crítica).

PAPEL DA PASTORAL OPERÁRIA

A Assembléia também debateu qual tem sido o papel da Pastoral Operária enquanto presença ativa nos Movimentos Sindical, Popular, na luta político-partidária e na Igreja.

§ A nível Sindical, Pastoral Operária tem tido um papel significativo enquanto:

- Sua presença no Movimento Sindical ajuda a garantir princípios democráticos;
- apoio às lutas sindicais e oposições sindicais autênticas e combativas;
- vai formando novos quadros;
- vai despertando os trabalhadores a participarem da vida sindical.

§ A nível do movimento popular,

a Pastoral Operária tem apoiado e se engajado nas lutas populares, mantendo-se presente nos diversos movimentos. Ela tem incentivado os trabalhadores a participarem dos movimentos populares.

§ A nível eclesial,

enquanto pastoral, ajuda a Igreja como um todo a refletir e discutir a questão social, [redacted] a voltar-se para a realidade dos trabalhadores.

§ A nível político-partidário,

a Pastoral Operária tem se destacado por sua atividade de conscientização político-partidária dos trabalhadores. Incentiva os militantes a participarem da política partidária. Reflete a prática político-partidária à luz da fé/evangelho. Leva a uma participação consciente nos partidos.

+

[redacted] final da tarde de 29 de novembro, a Assembléia partiu para a celebração litúrgica e a confraternização dos 10 anos da Comissão de Pastoral Operária. Estiveram presentes, especialmente convidados, alguns companheiros iniciadores da CPO (entre outros: Adriano, Angelina, Sila, Pe.Jor-

ge Parissotto, Pe. Roque Grazziotin, Jether Ramalho (CEDI), Anísio Batista, Selvino Heck). Colocar algumas fotos aqui

Slide E, F, D

PRIORIDADES DA PASTORAL OPERÁRIA PARA 1987

Jairo introduziu a Assembléia na discussão das prioridades/87. Frizou que os campos de atuação da Pastoral Operária e as questões internas são permanentes e por isso não se constituem como prioridades.

Slide H

Permanente na Pastoral Operária

Campos de Atuação - Sindical - popular - político-partidário - Igreja	Questões Internas - grupos de base - formação - organização

Diante dessa explanação, em grupos, se discutiu as prioridades da Pastoral Operária 87.

Depois, em plenário, Marcos Arruda buscou amarrar a discussão dos grupos e do plenário. O Rogério completou seu trabalho. As prioridades para 1987 ficaram assim definidas:

Campo eclesial

. Assumir a CAMPANHA DA FRATERNIDADE 87 (Menor Abandonado)

. Sínodo dos bispos sobre o leigo 87

- Na CF ajudar a Igreja a ir às causas do Menor Abandonado
- incerir-se na Pastoral de Conjunto
- formar e informar a hierarquia sobre a situação do Movimento

dos Trabalhadores

- atuar na religiosidade popular
- CEBs
- a partir da reflexão bíblica ir despertando a questão social
- sínodo: levar os leigos, principalmente trabalhadores, a assumirem seu espaço teológico.

Campo político

. Constituinte

- participar ativamente no processo constituinte
- vigilância no processo constituinte, tendo em vista as questões dos trabalhadores
- avaliar o processo eleitoral 86 (o resultado e a nossa participação)
- pressionar os constituintes, cobrar, vigiar e registrar o seu comportamento
- luta pelo plebiscito popular apreciando a nova Constituição
- articulação entre deputados constituintes populares e movimento popular
- valer-se das circunstâncias das eleições 88 para dar mais consistência à organização da classe trabalhadora
- exercitar o poder popular, trabalhando a base, passando informações.

Campo sindical

. Projeto social da classe trabalhadora/formação

- ir clareando qual é o projeto social da classe trabalhadora
- discutir e estar presente nas mobilizações sindicais (apoio às oposições sindicais autênticas e sindicatos combativos)
- fortalecimento da CUT pela base (formação da base)
- despertar as categorias nos bairros (conscientização)
- formação: fazer contínua análise de conjuntura e da estrutura

sindical (autonomia sindical, lei de greve, estrutura sindical, cartilha da FIESP, Convenção 87 da OIT, estudar as resoluções do Congresso da CUT)

Campo do movimento popular

. Apoiar a luta pelo congelamento dos preços (pacotes X protestos populares)

- apoiar a luta dos trabalhadores Sem Terra (Reforma Agrária e Urbana)
- ajudar o movimento popular a desenvolver a consciência e a assumir o compromisso de classe
- apoio às associações de moradores autênticas

Campo da formação (INTERNO)

. Formação em todas as áreas de atuação

- aprofundar [redacted] o papel dos partidos
- discutir o projeto sócio-político pelo qual lutamos enquanto classe trabalhadora

. Cada regional faça seu programa de formação 87

A executiva propôs à Assembléia um Plano de Formação e Capacitação. Com pouco tempo para apreciar o mesmo, a Assembléia decidiu apreciá-lo nos regionais, dioceses, etc. e enviar resposta até 18 de março 87, 1a. Reunião da Comissão Nacional, para a mesma deliberar.

EDIÇÕES PAULINAS
Título da obra
Tipo
Corpo
Bitola
Obs.

DELIBERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

Comissão Nacional

Viu-se que um dos critérios para uma pessoa ser da Comissão Nacional e da Executiva Nacional da Pastoral Operária é assumir a Pastoral Operária como prioridade.

- O regional Norte, embora possua um representante na Comissão Nacional, se constitue numa área prioritária e de missão devido à investida do capital na região, além de ser uma área muito extensa e de difícil acesso;
- o prazo de mandato da maioria da Comissão Nacional vence em 87. A Assembléia recomenda que os regionais vão pensando na possibilidade de renovação do mandato de alguns companheiros para não haver uma mudança brusca na composição da Comissão e assim perder a continuidade;
- O regional NE 2 indicou Cícero Cavalcante de Souza -CE- para substituir Ana Angélica -CE-, com mandato vencendo em 1986;
- o regional Leste indicou José Batista Sobrinho (Zezinho) - GO - para substituir o Clêudio Marques Ferreira - GO.

Assim ficou composta a Comissão Nacional:

UN-8/9-M2B
nr 16

COMISSÃO NACINAL DE 1987
(definida na 5ª Ass. Nacional, em 1986)

Amarildo Marinho - construção civil - AM
Cícero Cavalcante de Souza - sapateiro - CE
César Sanson - professor - PR
Davi Coelho Moura de Lemos - professor - PB
Geraldo Orozimbo - metalúrgico aposentado - RJ
José Batista Sobrinho (Zezinho) - ... - GO
Luís Tenderini - metalúrgico - PE
Luís Carlos Volcan (Frank) - tratorista - RS
Maria Aparecida P. Lima - metalúrgica - SP
Maria Luíza Mendes - comerciária - MA
Mário Luís Cachinski - marceneiro - SC
Sebastião Sabino de Souza - cosntrução civil -ES
D. Marcelo Carvalheira - setor leigos CNBB - PB

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

UN-11/12-L2B m 20

Executiva Nacional

Viu-se também os nomes dos atuais componentes da Executiva Nacional da Pastoral Operária, os que saem, os que permanecem e os novos:

- Maurílio José Coelho e José Eustáquio de Oliveira entram na Executiva nos lugares de Ana Gonçalves e Raul Santos, respectivamente;
- RJ vai indicar dois nomes para comporem a Executiva Nacional em sua Assembléia estadual, fevereiro de 1987 (nota 4);
- A Assembléia Nacional delegou à Comissão Nacional a tarefa de preencher as vagas de pessoas impedidas de participar da Executiva Nacional, consultando os estados;
- a Assembléia deu à Comissão Nacional a tarefa de discutir critérios e nomes de pessoas para compor a Executiva Nacional;
- José Albino de Melo e Dari Krein foram aprovados pela Assembléia como liberados a nível nacional. Cabe à Comissão Nacional e Executiva a negociação e a indicação de outros nomes se não puderem assumir esse compromisso.

Cabe à Comissão Nacional e Executiva encaminharem a questão financeira (não houve tempo para a Assembléia estudar a questão, que precisa ser tratada com mais atenção nas assembléias).

UN-8/9-M2B m 16

EXECUTIVA NACIONAL DE 1987

Pe. Agostinho Pretto - assistente da CPO - RJ
D. Cláudio Hummes - assistente da CPO - SP
José Eustáquio de Oliveira - alimentação - MG
Jairo Carneiro - metalúrgico - RS
José Dari Krein - professor - PR (liberado nacional)
José Albino de Melo - metalúrgico - SP (liberado nacional)
João Lima - metalúrgico - RJ
Nivaldo D. M. Cruz - construção civil - SP (liberado nacional e CNL)
Pe. Rogério I. A. Cunha - assistente CPO - MG
Pe. Virgílio Leite Uchoa - CNBB - DF
Maurílio José Coelho - metalúrgico aposentado - MG

m 20

4. O Estado do Rio de Janeiro acabou indicando apenas o companheiro João Lima para a Executiva Nacional.

Obs. UN-11/12-L.A.M. nº 20

A Assembléia encarregou à Executiva de contactar os companheiros de Manaus, metalúrgicos em greve, sob forte repressão e se solidarizar.

LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DA PASTORAL OPERÁRIA

Conforme dados apresentados em assembléia, [redacted] Marcos Arruda apresentou o quadro abaixo:

Perfil da Pastoral Operária Nacional (novembro de 1986)

REGIONAL/ESTADO		DIOCESES	CIDADES	GRUPOS	MEMBROS	AGENTES
NORTE	RO (aus)	—	—	—	—	—
	AP	1	1	3	20	1
	AM	1	1	4	30	1
	PA (aus)	—	—	—	—	—
NE2	MA	1	1	1	10	1
	PI	1	1	7	56	1
	CE	1	1	6	60	2
NE1	RN	1	1	1	15	2
	PB	3	6	16	150	2
	PE	1	5	11	45	2
	AL	1	1	1	6	1
	BA	1	2	6	60	4
LESTE	ES	1	7	52	326	7
	GO	1	1	1	13	5
	MG	13	15	48	404	8
CENTRO	RJ	6	12	39	257	4
	SP	18	22	150	1680	35
	MS (aus)	—	—	—	—	—
	MT	1	1	1	27	1
SUL	PR	12	35	65	±200	25
	SC	8	35	63	750	14
	RS	13	41	69	1104	14
TOTAIS 22		85	189	544	5213	130

UN-8/9-N.2.B nº 20

Observamos que este levantamento é aproximado. Faltam dados mais precisos de cada estado. Rondônia, Pará e Mato Grosso do Sul, ausentes, não apresentaram seus dados. Alguns estados não levantaram o nome das dioceses onde está presente a Pastoral Operária. Nem se levantou o nome das cidades. Por outro lado, só Goiás levantou o número de grupos que desapareceram: sabemos, são muito mais...

da Assembléia

UN-11/12-LaB nº 20

Dioceses onde há Pastoral Operária

A Pastoral Operária está presente nas dioceses:

Regional Norte: Macapá (AP); Manaus (AM); Ji-Paraná (RO); Belém (PA).

Regional Nordeste II: S. Luís (MA); Teresina (PI); Fortaleza (CE);

Regional Nordeste I: Natal (RN); João Pessoa, Guarabira, Campina Grande (PB); Recife (PE); Maceió (AL); Salvador (BA).

Regional Leste: Vitória (ES); Goiânia (GO); Belo Horizonte, Montes Claros, Uberaba, Uberlândia, Itabira, Coronel Fabriciano, Teófilo Otoni, Pouso Alegre (mais 6 dioceses) (MG).

Regional Centro: Rio de Janeiro, Volta Redonda, Valença, Duque de Caxias, Itaguaí, Nova Iguaçu (RJ); Cuiabá (MT); Campo Grande (MS); São Paulo, Santos, Santo André, Mogi das Cruzes, Guarulhos, Bauru, Lins, Campinas, Limeira, Franca, São José dos Campos, Sorocaba, São Carlos, Lorena, Piracicaba, Bragança Paulista, S. João da Boa Vista, Aparecida, Taubaté (SP).

Regional Sul: Curitiba, Maringá, União da Vitória, Londrina, Paranavaí, Umuarama, Campo Mourão, Cascavel, Palmas, Toledo, Foz do Iguaçu (mais uma) (PR); Caçador, Joinvile, Chapecó, Joaçaba, Rio do Sul, Florianópolis, Lages, Tubarão (SC); Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Bagé, Cruz Alta, Santo Ângelo, Santa Maria, Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Erechim, Frederico Westeplalem, Santa Cruz do Sul (RS). (nota 6).

UN-8/9-M.L.B. nº 20

6. Este quadro das Dioceses onde há Pastoral Operária está incompleto. Pedimos aos (às) companheiros (as) que nos ajudem a precisá-lo.

PRESENÇAS NA ASSEMBLÉIA

48 delegados

8 Comissão Nacional(ausentes: Clêudio/GO, David/PB, Ana Angélica / CE, Amarildo/AM, D.Celso Pinto / CNBB)

12 Executiva Nacional (ausentes:João Batista/RJ, Raul/MG, D.Cláudio Hummes/assistente)

6 observadores

3 pessoas de entidades convidadas (2 JOC e 1 ACO)

2 assessores

5 pessoas do Secretariado Nacional

3 da Equipe de serviço

87 pessoas (total)

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

lauda nº 65

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

Obs. UN-8/9-MoB

m 16

DELEGADOS À ASSEMBLÉIA

REGIONAL/ESTADO		Nº DELEGADOS	PRESENTES	AUSENTES
NORTE	RO	1	-	1
	AP	-	-	-
	AM	1	1	-
	PA	1	-	1
NE 2	MA	2	1	1
	PI	1	1	-
	CE	2	2	-
NE 1	RN	1	1	-
	PB	2	2	-
	PE	2	1	1
	AL	1	1	-
	BA	1	1	-
LESTE	ES	2	2	-
	GO	1	1	-
	MG	6	6	-
CENTRO	RJ	5	4	1
	SP	10	10	-
	MS	1	-	1
?	MT	1	1	-
SUL	PR	6	6	-
	SC	3	2	1
	RS	6	5	1
Total	22	56	48	8

m 16

OBSERVADORES MEMBROS DA PO

ESTADO	CONVIDADOS	PRESENTES	AUSENTES
AC	1	-	1
AP	1	1	-
PA	1	-	1
RR	1	-	1
SE	1	-	1
+GO	-	1	-
+MG	-	1	-
+PI	-	1	-
+PS	-	1	-
+SP	-	1	-
Total	5	6	4

(nota 7)

m 20 § 7. Alguns trabalhadores (+) que participaram do Curso de Teologia da Libertação, antes da Assembléia, solicitaram e foram referendados pela Assembléia para participarem da Assembléia com direito à voz, mas sem direito a voto.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

lauda nº 66

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

5

10

UN-1142 B

3ª PARTE

A PASTORAL OPERÁRIA HOJE

15

20

25

30

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs.

UN-11-B [redacted] ORGANIZAÇÃO DA ~~PO~~ PASTORAL OPERÁRIA

1986 se torna um novo marco histórico para a Pastoral Operária. É a celebração e rememorização desse tempo de caminhada. São 10 anos de lutas, trabalhos. Marcas de sangue. Sacrifícios. Alegrias e vitórias . Dez anos sedimentados nas bem-aventuranças evangélicas que convocam à alegria e exaltação.

A Pastoral Operária não pode, hoje, dentro dessa alegria de ter vencido uma etapa e estar vencendo as forças da injustiça e opressão , se esquecer de todos aqueles que, com ela, fizeram a mesma caminhada.

Celebrar, pois, 10 anos é antes de mais nada re-falar o valor dos trabalhos realizados, re-afirmar as opções e re-tomar a caminhada para um novo tempo.

Nesta caminhada, a organização criada não deve se tornar estrutura pesada, difícil de se carregar. Pelo contrário, a estrutura deve ser leve para que esteja, verdadeiramente, à serviço da classe trabalhadora.

GRUPOS DE BASE

Por se identificar com uma pastoral, os participantes da PO se organizam em grupos de base nas comunidades, paróquias e cidades de uma diocese. Assim, nas paróquias vão se formando grupos de trabalhadores e trabalhadoras que, se reunindo de tempo em tempo (semanal e quinzenalmente), discutem os problemas próprios da classe operária, do bairro ou da cidade onde moram. À luz da fé, refletem e discutem em cima de problemas, procurando sempre as causas mais profundas (estruturais) que os fazem ser assim. Mas, não basta levantar problemas e buscar causas. É necessário soluções. Nas reuniões dos grupos de base da PO, as soluções ou encaminhamentos são buscados dentro da prática de cada pes

soa. Assim, não se procura soluções teóricas. Se procura uma transformação da realidade através duma participação e conscientização do valor da organização social.

A referência para a ação do grupo de base da PO e sua própria constituição, é a prática libertadora que, auxiliada e iluminada pela fé, busca soluções e sedimenta a organização da PO dentro de compromissos com a causa dos trabalhadores, com a libertação da opressão em que estão e com a construção de uma nova sociedade em que a classe trabalhadora gere e administre o poder e os bens de produção.

COMISSÃO DIOCESANA

A partir dos grupos de base dentro da diocese, a PO se constitue em "Comissão Diocesana". Esta Comissão é formada por companheiros militantes de base eleitos em Assembléia Diocesana da Pastoral Operária. A Comissão Diocesana procura criar novos grupos, acompanhar e animar os existentes, organizar e planejar o trabalho em sintonia com a realidade da classe trabalhadora local.

COMISSÃO ESTADUAL

Formada a Pastoral Operária em várias dioceses, dentro de um determinado Estado da Federação, organiza-se a Comissão Estadual de Pastoral Operária. Esta Comissão é também eleita a partir das bases (Comissões Diocesanas) durante a Assembléia Estadual da PO.

A Comissão Estadual da PO tem o papel de acompanhar e incentivar a organização da PO nas dioceses. Planeja e executa atividades próprias para os militantes no campo da formação. Busca inserir-se no Movimento Sindical, no partido político e numa pastoral de conjunto com a Igreja daquele Estado.

COMISSÃO NACIONAL

A nível Nacional, a PO se articula a partir dos Estados da federação. Cada Estado, em que a PO está organizada em Comissão Estadual, elege um companheiro para formar a Comissão Nacional da Pastoral Operá-

ria. Aqueles Estados onde a PO ainda não possue Comissão Estadual, a representação se faz elegendo dois companheiros do Regional da PO.

REGIONAIS DA PASTORAL OPERÁRIA

Em face a enorme extensão territorial que o Brasil possue e, às inúmeras dificuldades de comunicação, criou-se, a partir de muitas reflexões, os REGIONAIS DA CPO NACIONAL. Num primeiro momento foram criados cinco regionais:

NORTE: AM, AC, PA, MA, PI, CE
NORDESTE: RN, PB, PE, AL, SE, BA
LESTE: MG, ES, GO, DF
CENTRO: RJ, SP, MS
SUL: PR, SC, RS

Depois de um ano de experiência, o Regional Norte foi desmembrado em Nordeste II com os Estados do PA, MA, PI, CE. Atualmente Pará, Rondônia, Rorâima e Amapá pertencem ao Regional Norte (cf. nota 8).

DIVISÃO

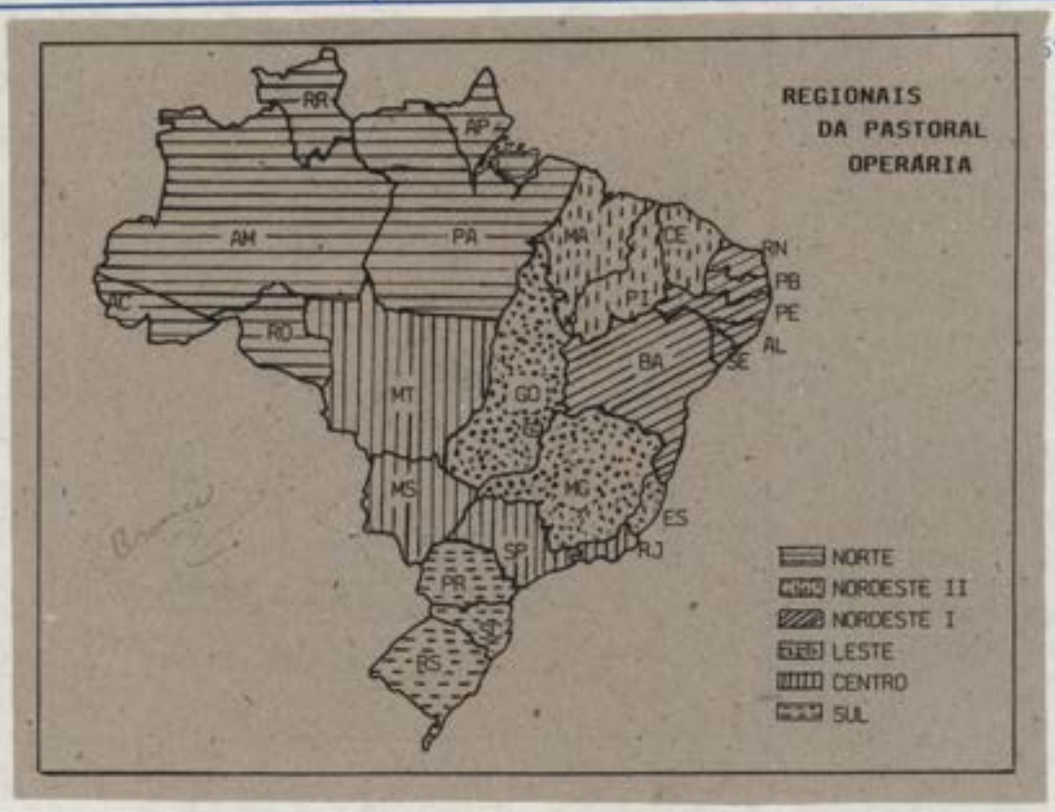
ATUAL REGIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA
NORTE: AM, AC, PA, RO, RR, AP
NORDESTE II: PI, CE, MA
NORDESTE I: RN, PB, PE, AL, SE, BA
LESTE: MG, ES, MG, DF
CENTRO: RJ, SP, MS
SUL: PR, SC, RS

mapa dos regionais

Esta nova organização facilitou uma melhor articulação dos companheiros e companheiras do Nordeste. Há um grande esforço de implantação da Pastoral Operária no interior dos Estados do Norte e Nordeste.

UNI-9/9 MB
nm20

8. A Assembléia Nacional ainda não definiu a que regional pertence o Estado do Mato Grosso do Norte.



ASSEMBLÉIA NACIONAL

Desse modo de ver, o órgão máximo de decisões e de planejamento é a ASSEMBLÉIA NACIONAL da PO. Convocada uma vez ao ano, esta Assembléia se forma a partir de delegados eleitos nos estados. É nesta instância que a PO exercita o princípio fundamental da liberdade e democracia participativa.

As deliberações da Assembléia Nacional são assumidas pelo todo da PO e adaptadas em sua aplicação às bases. A Assembléia Nacional dá, portanto, a orientação política geral.

EXECUTIVA NACIONAL

Para dar andamento ou executar durante o decorrer do ano às decisões da Assembléia Nacional, há a Executiva Nacional. Esta Executiva é composta por companheiros que possuem disposição maior para assumirem trabalhos a nível nacional. A Executiva Nacional toma as iniciativas necessárias para o funcionamento geral da PO respeitando sempre as orientações transmitidas pela Comissão Nacional.

SECRETARIADO NACIONAL

Para promover uma melhor articulação e, como um espaço de referência para contatos, existe o SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA.

O Secretariado é um ponto de apoio da grande articulação nacional que visa, como um serviço, auxiliar, subsidiar as bases, sustentar a infra-estrutura da caminhada e recolher as experiências para uma avaliação concreta.

A Diocese de Volta Redonda serviu de sede para o Secretariado Nacional da Pastoral Operária durante três anos, de dezembro de 1979 a março de 1983.

As reuniões da equipe, que integrava o Secretariado Nacional, eram às quartas-feiras. Vinham os representantes do Rio de Janeiro, um padre de São Paulo, representantes de Duque de Caxias, de Nova Iguaçu e, às vêzes, alguns representantes de Belo Horizonte e de Curitiba.

Em Volta Redonda era feito o "Boletim Nacional" cujo primeiro número (o nº 0) correspondia aos meses de maio-junho de 1979. A publicação do "BOLETIM" era bimensal, hoje é mensal (cf. anexo 2 à pg. ...).

Na reunião da Comissão Nacional, em setembro de 1981, decidiu-se enviar à base uma circular quinzenal com o objetivo de informar os fatos, acontecimentos, conflitos e experiências que estavam sucedendo. Nascia assim o "CPO INFORMA" (cf. anexo 2 à pg. ...).

O primeiro número do "CPO INFORMA" saiu aos 25 de setembro de 1981.

Segundo as irmãs Olívia e Lúcia, de Volta Redonda, responsáveis pelos dois meios de informação, o "BOLETIM" e o "CPO INFORMA", a presença do Secretariado Nacional na Diocese de Volta Redonda foi muito importante porque incentivou esta Pastoral na Diocese.

Hoje, o Secretariado Nacional está instalado e funcionando em Duque de Caxias (RJ), cidade periférica do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. O fato de a sede da PO não estar num centro metropolitano,

simboliza a opção fundamental da PO como serviço ao povo periférico , periférico à grande organização econômica e às grandes decisões políticas do sistema opressor capitalista. A Baixada Fluminense é símbolo , como tantas outras regiões periféricas onde vivem os operários, das áreas violentamente silenciadas e colocadas à margem pela classe dominante.

O Secretariado Nacional funcionou durante três anos numa sala alugada num edifício comercial. A partir de maio de 1986, D. Mauro Morelli, Bispo de Duque de Caxias, cedeu um espaço mais amplo onde o Secretariado se instalou.

Há uma equipe de cinco companheiros trabalhando , diariamente, no Secretariado . Esta equipe procura, dentro do maior esforço possível , atender às necessidades surgidas na articulação geral da CPO.

A atual equipe é esta:

Rosa - Secretária

Jane - Administração Geral

Enock - Finanças, Projetos

Percival - Publicações - Boletim Nacional

Alberto Carlos - CPO Informa, Serviço de expedição e comunicação

Endereço do Secretariado Nacional:

Av. Presidente Kennedy, 1861 - Sala 08

25.020 - Duque de Caxias - RJ.

QUADRO DA ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

UN-MI12-M1
Obs. nº 34

Esta é a espinha dorsal da PO, hoje. Em todas estas instâncias promove-se a participação autenticamente democrática dos militantes da CPO. A nível nacional, a CPO procura promover a maior liberdade e autonomia de ação e decisão da Pastoral Operária seja no nível diocesano, estadual ou regional. Não compete à Comissão Nacional da CPO intervir ou desautorizar a caminhada de qualquer grupo.

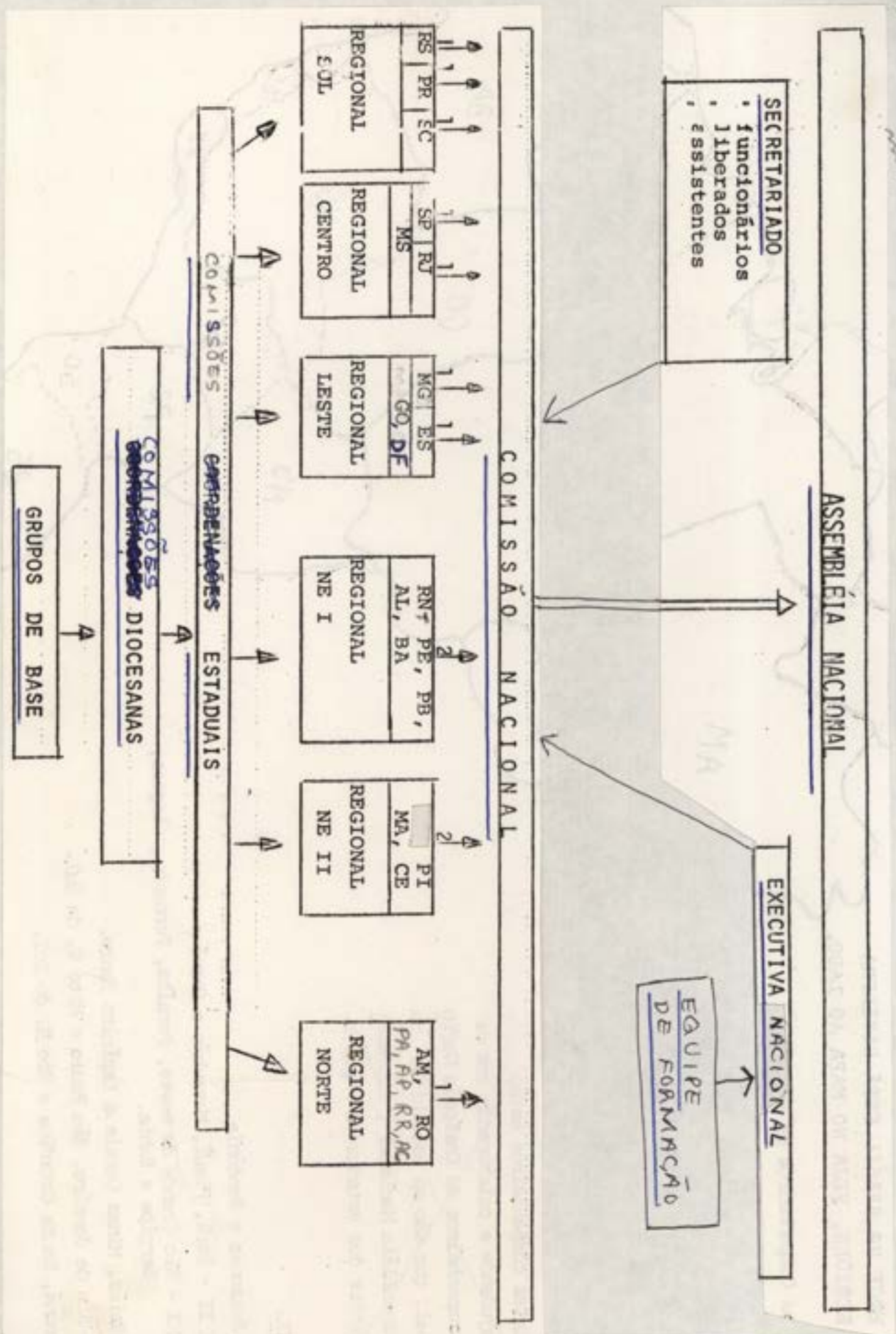
Essa metodologia de organização nasceu da compreensão que a Pastoral Operária foi tendo de si durante estes dez anos de existência. A CPO não quer ser um movimento. Por isso, não vê a necessidade de possuir um "estatuto". Apenas possue algumas linhas comuns de ação assumidas em conjunto pelos seus militantes, em que o objetivo maior é despertar, de forma democrática e participativa, a consciência de classe (cf. anexo 1, "Princípios de Ação da Pastoral Operária", à pg. ...).

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

lauda nº 73

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.



Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

O PAPEL DA PASTORAL OPERÁRIA

" O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para evangelizar os pobres;
enviou-me para proclamar a remissão aos presos
e aos cegos a recuperação da vista,
para restituir a liberdade aos oprimidos,
e para proclamar um ano de graça do Senhor."

(Lc, 4,18-19)

Esta é a grande exigência da Bova Nova (Evangelho) assumida por Jesus de Nazaré (o Cristo) ao dizer no final dessa leitura: "Hoje cumpre-se esta escritura!" Diante das exigências que este Evangelho faz a todos os cristãos de buscar a libertação do Homem numa constante transformação das estruturas de injustiça e pecado, de morte e violência, impostas pelo atual sistema sócio-econômico e político, caracterizados como capitalista, a CPO entende que o trabalhador cristão terá o Mundo Novo, a Sociedade Nova, no momento em que, construindo o Reino de Deus, fôr sujeito de sua própria História.

O papel da Pastoral Operária é o mesmo que vem sendo construído nestes 10 anos de caminhada e história: ser um serviço junto aos trabalhadores, assim entendido:

- ser, como pastoral, um espaço onde se reflete o engajamento político, social e religioso à luz da mensagem do Evangelho. Espaço este onde celebram-se as lutas e vitórias e revisam-se as derrotas e as vitórias.

Este espaço é o lugar da comum-união de todos os companheiros, membros da PO, quando se encontram em seus grupos de base, nas reuniões de coordenação e nos eventos planejados nos estados, regionais ou a nível nacional. Também, como cristãos engajados, fermento na massa, esta comunhão se realiza nas organizações a nível sindical e popular onde se dão o confronto e a união das idéias e das práticas através de fa-

tos concretos que impulsionam a organização, a conquista e construção da Nova Sociedade, dentro dos fundamentos da Justiça.

Surgindo da base, na comunidade, como pequenos grupos de trabalhadores se reunindo, refletindo e celebrando a realidade dos trabalhadores, a partir da fé e de suas organizações, a CPO se mantém integrada à Pastoral de Conjunto das dioceses e de toda a Igreja do Brasil.

- promover uma formação libertadora para a transformação das estruturas injustas e opressoras.

A formação na CPO [redacted] parte das inúmeras experiências de educação popular; [redacted] se baseia no constante aprender e revisar as práticas de cada um, pois, o trabalhador é inteligente e esperto. Na escola da vida ele aprendeu e está aprendendo muitas coisas.

Por isso, quem conduz a CPO e sua formação são os próprios trabalhadores. Nela não existem professor nem aluno, mas todos são alunos e professores ao mesmo tempo.

Esta formação é geradora:

- da consciência de classe
- da capacidade de exercer o poder em todos os níveis
- da capacidade de desenvolver uma sociedade de pessoas e comunidades, críticas, criativas e solidárias.

A formação se dá, dessa maneira, na prática do dia-a-dia e da Revisão de Vida Operária (RVO), que é o ato de revisar o planejamento e a ação do grupo, revisar a vida no trabalho, no bairro, no partido, na família e na comunidade.

O método utilizado pela CPO é herdado da ACO e JOC: o "VER-JULGAR-AGIR" que possibilita a análise das diversas realidades vividas.

Hoje, dentro duma reflexão mais profunda e dinâmica, e tendo como base as diversas experiências do movimento popular, utiliza-se o tri-

nômio "prática-Teoria-Prática" (pTP). Este trinômio é a ferramenta que a CPO utiliza no estudo do dia-a-dia do trabalhador, no estudo da sociedade, no planejamento da ação e na Revisão da Vida Operária.

No campo da formação libertadora serão desenvolvidos metodologia e pedagogia que respeitem a realidade regional e os vários níveis de engajamento.

- conscientizar os trabalhadores, através dum processo constante, para que entendam a sua realidade e se despertem para o compromisso com a causa dos empobrecidos. Isto vai proporcionar, na caminhada e no engajamento, a tomada de consciência classista, sindical, política e cristã.

A PO alimenta a consciência comunitária e, principalmente, a consciência de classe no meio dos trabalhadores. Por isso, ela é um serviço de trabalhadores cristãos que se comprometem com sua classe, buscam a mobilização solidária de todos os trabalhadores através de suas organizações próprias lá no trabalho, no sindicato, no partido político, no bairro, etc.

A CPO luta, portanto, pelo justo reconhecimento da dignidade do Homem e da Mulher, trabalhadores, e da dignidade do próprio trabalho e pela instalação de uma Nova Sociedade em que os trabalhadores tenham decisão.

- denunciar todo tipo de opressão e injustiça que são cometidas sobre a classe trabalhadora e outros grupos, discriminados e marginalizados pelo atual sistema dominador, juntamente com as estruturas sócio-econômicas e políticas que os mantêm subjugados. Assim, a CPO contribue para que os pobres, historicamente mantidos em dependência, façam o discernimento dos fatos e da realidade a partir da ótica da libertação construindo sua própria história.
- contribuir na organização da classe trabalhadora através de grupos de base na comunidade, no bairro, na fábrica, no sindicato e partido político a fim de que os trabalhadores participem, influam e tomem decisões dentro da sociedade. Esta organização, a partir da tomada de consciência, irá transformar a atual sociedade.

A FORMAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

Na Assembléia Nacional de 1984, os militantes da pastoral operária, delegados estaduais, fizeram algumas reflexões sobre o problema da formação na PO. Constatou-se [redacted] que é preciso definir e aperfeiçoar [redacted] o trabalho de formação. Havia uma certa angústia nos diversos regionais quanto a essa questão. Ficou claro que não se trata apenas de planejar alguns cursos, alguns encontros, alguns livretos ou outro tipo de material pedagógico, mas sim de pensar, no global, um processo de capacitação de trabalhadores cristãos envolvidos no movimento operário, popular e político.

EQUIPE DE FORMAÇÃO

Em 1985, foi formada a Equipe de Formação, composta de companheiros e companheiras convidados pela Executiva Nacional a colaborar no processo de discussão e avanço da questão da Formação dentro da PO.

Quando criada, esta Equipe era composta por: Renato Martins, Holly Chenery, Miguel Pipollo, Claudius Ceccon, Percival Tavares, Marcos Arruda, Maria do Carmo, Pe. Agostinho Pretto, Pe. Rogério A. Cunha, Waldemar Rossi, Ana Maria Gonçalves, Adriano Sandri, Gilberto Carvalho, Ana Maria Cruz, Selvino Heck, Nivaldo D. M. Cruz, Edna de Oliveira, Pedro Dolabela.

A Comissão Nacional, em sua reunião de 22, 23 e 24 de março de 85, definiu que não se trata de uma equipe com o caráter deliberativo ou de direção, mas de companheiros que se dispõem a assessorar a Pastoral Operária no campo da Formação, fazendo propostas que, em última instância, deverão ser acatadas ou não pela Comissão Nacional e Executiva.

É preciso compreender que a Formação Fundamental não é a formação episódica que se dá durante cursos ou encontros. A formação principal e fundamental tem que ser colada à prática; é o processo de partir da prática do militante e do grupo, de se rever, se analisar esta prática e as circunstâncias que a envolvem, refletir seu significado num contexto mais amplo e se planejar a continuidade da ação, modificada pela avaliação.

PLANO DE FORMAÇÃO

Sempre, nos grande encontros da PO onde se fazia a avaliação da caminhada da CPO no Brasil, havia a insistência para que a formação [redacted] e preocupada com os vários níveis de engajamento e capacitação dos seus militantes. [redacted] da PO fosse mais sistemática. Pensando nisto a Equipe de Formação propôs um Plano de Formação para a PO. Este plano constitue-se em linhas mestras da ação formativa. A Assembléia Nacional de 1985 aprovou o [redacted] plano que segue:

1. Objetivo da formação

Ajudar o trabalhador cristão a se tornar capaz de enxergar sua realidade, julgá-la à luz da fé, da história da classe operária, e a se engajar na construção da nova sociedade.

Detalhando:

1 - Desenvolver a consciência do trabalhador cristão

a) Inspirado nos valores evangélicos (dentro de uma visão de classe tirar critérios a partir do Evangelho, da história da Igreja e da Teologia, que amadureçam a opção e o engajamento do traba-

lhador cristão no movimento operário e político).

b) E a consciência de classe (capacitar o trabalhador para se tornar capacitadores de outros trabalhadores; para que ele tenha uma visão crítica, independente e global da realidade).

2 - Capacitar o trabalhador cristão para a ação

a) No movimento político-operário (capacitar para o engamento; ser capaz de escolher seu engajamento e colaborar livremente para que a classe faça sua caminhada no sentido de acabar com a exploração e construir a nova sociedade; dar formação e informação; capacitar para ser formador; capaz de assumir as lutas do trabalhador, a entender que a construção do Reino se dá a partir do processo de transformação social e a se comprometer concretamente).

b) E na Igreja (levar a Igreja a assumir as lutas do trabalhador, a entender que a construção do Reino se dá a partir do processo de transformação social e a se comprometer concretamente).

Metodologia

A formação do militante da PO, é feita a partir dos grupos de base onde se faz a Revisão de Vida Operária (RVO). A RVO é um método que segue a dinâmica prática-Teoria-Prática (pTP). O aprofundamento dos assuntos levantados nos grupos se dá em cursos, seminários e encontros, sempre usando um método que parte da realidade, da prática, acrescentando a teoria (reflexão sobre a prática e informação) adequada, para poder dar novos passos na prática. Assim a formação se dá num processo contínuo que liga a vida do militante, seu engajamento e seu aprofundamento teórico.

UN-11/12-L2B

PLANO DE FORMAÇÃO POR NÍVEIS [redacted]

	OBJETIVO	RESPONSABILIDADE	TEMAS	QUEM PARTICIPA
1º NÍVEL	• Motivar e acompanhar o engajamento	• Coordenações locais, diocesanas, estaduais	• Bíblico • Dinâmica de grupos - O que é P.O. • Análise da Sociedade • Mov. Operário e popular, Constituinte, (início da análise)	• Participantes dos grupos de base com militância no dia-a-dia no movimento social.
2º NÍVEL	• Capacitar para a coordenação e reproduzir debates e reflexões; • Capacitar para atuar em movimentos e instituições.	• Coordenações estaduais e Regionais	• Aprofundamento bíblico-teológico, retiros. • Metodologia (prática-Teoria-Prática). • Pedagogia, análise da sociedade, conjuntura, economia, política, constituinte. • Capitalismo X Socialismo • História da Classe Operária, (valores culturais; Sindicalismo)	• Nível Intermediário. Aqueles com engajamento sindical/Político maior ou então com responsabilidades nas coordenações da P.O. locais diocesanas e estaduais.
3º NÍVEL	• Capacitar para desco-brirmos, planejar, adquirir visão global para ser formadores; • atualização constante sobre a realidade.	• Coordenação Nacional e Regional.	• curso bíblico, teologia da libertação, CEBs, história da Igreja, retiros • metodologia • pedagogia da educação popular • estrutura da sociedade, economia, política • análise partidária • política sindical (lei de greve, estrutura sindical) • política do mov. popular e desemprego • vida afetiva e engajamento.	• Aqueles que possuem um engajamento sindical/político mais amplo ou uma responsabilidade maior na organização da P.O. em nível estadual ou nacional.

EDIÇÕES PAULINAS

67890

SUBSÍDIOS DE FORMAÇÃO [redacted]

Durante este tempo em que a Equipe de Formação tem trabalhou , surgiram alguns subsídios de formação. Neles estão contidos os esforços de cada companheiro na base, da Executiva Nacional e de todos os membros da Equipe de Formação. O companheiro Claudius Caccom contribuiu muito com seus desenhos ilustrativos além de suas idéias e opiniões.

- COMO E PARA QUE ORGANIZAR UMA PASTORAL OPERÁRIA: § Foi o primeiro trabalho da Equipe de Formação. O livrinho é simples. Próprio para aqueles grupos de base que estão surgindo e precisam conhecer melhor a PO. Foi feita uma tiragem de 10.000 exemplares em co-edição com a Edições Paulinas (edição esgotada).
- CARTILHA DA CONSTITUINTE: § É [redacted] uma cartilha para reflexão em grupos de base e traz os primeiros rudimentos de uma discussão sobre a Constituinte. São cinco reuniões nas quais se explicam um pouco o funcionamento da sociedade, o funcionamento do Estado, os direitos do cidadão e como deve ser uma constituição escrita em favor do povo. A cartilha chegou à quinta edição com uma tiragem de 75.000 exemplares.
- A BÍBLIA E O TRABALHADOR: § Este livrinho foi organizado pelos companheiros de São Paulo. Trata-se de uma reflexão sobre a espiritualidade de luta. Nasceu a partir de retiros e encontros bíblicos com trabalhadores da CPO e da ACO.
  Tiragem de 5.000 exemplares.
- A CLASSE OPERÁRIA E O MOVIMENTO SINDICAL NO BRASIL: § Este subsídio é uma sugestão de roteiro para agentes de formação sindical. É fruto da experiência de dezenas de encontros, cursos, seminários de formação sindical de uma, duas, três ou quatro semanas de duração. Cursos ou encontros realizados na capital e nas cidades do interior de Minas Gerais ,

promovidos às vezes pela Pastoral Operária, outras vezes por sindicatos, escolas profissionalizantes, etc.

Tiragem de 1.500 exemplares.

• PASTORAL OPERÁRIA - COMO E PARA QUÊ: § Trata-se de um subsídio testado nas experiências das bases. Dá uma idéia geral como nasce um grupo de Pastoral Operária, suas dificuldades, seu progresso, sua organização e seu método. Discute questões como o relacionamento da Pastoral Operária com a Igreja, o Sindicato, o Movimento Popular e a participação política.

• HISTÓRIA DO POVO DE DEUS § É uma publicação conjunta ACO-CPO. Conforme o título indica, trata-se de um estudo sobre a Bíblia dentro duma visão do mundo do trabalhador, da opressão e libertação.

• MOVIMENTOS E SERVIÇOS DE IGREJA E A CLAT: § Trata-se de uma reflexão e um posicionamento conjunto da Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR), Ação Católica Operária (ACO), Juventude Operária Católica (JOC), Comissão de Pastoral da Terra (CPT) e da CPO. Nela, estes movimentos e serviços de Igreja, ligados ao mundo do trabalho, se posicionam à respeito da presença dos cristãos no movimento sindical e da CLAT (Central Latino-Americana de Trabalhadores).

Tiragem de 25 mil exemplares (distribuição gratuita).

CAMPOS DE ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

PASTORAL OPERÁRIA COMO IGREJA

A Pastoral Operária é Igreja, isto é, sendo seus militantes cristãos, batizados, que se reúnem em nome de Cristo, à luz da fé para refletirem seus problemas e sua realidade, se constitue em Igreja, Povo de Deus, fazendo parte da Igreja local (Diocese) onde existe.

A Igreja Universal no cumprimento de sua missão se organizou de formas diversas no longo da história. Ela se presencializa no mundo contemporâneo na forma hierarquizada: Papa, bispos, clero, religiosos e religiosas, leigos.

No entanto, esta hierarquia, por si só, não é a Igreja. A Igreja mesmo é o Povo de Deus, peregrino no mundo, a caminho da Casa do Pai. É o Povo de Deus que se compromete, pelo Batismo, a ser sacerdote, profeta, rei. Nisto, o Cristão deve viver os ideais do Evangelho, hoje para que o Reino de Deus, a ser alcançado plenamente no final dos tempos, seja construído desde já.

Na busca da construção desde já desse Reino, a CPO, seguindo também as determinações do Concílio Vaticano II, de ser serviço, vivendo as angústias e esperanças do homem de hoje, luta para fazer valer os valores do Evangelho.

Nesta luta, ela se une a toda a Igreja do Brasil e da América Latina fazendo sua opção preferencial pelos pobres e sendo ela mesma, pobre. Por isso, a CPO se mantém integrada à Pastoral de Conjunto das dioceses e da CNBB através das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, cujo objetivo geral é:

. Evangelizar

. o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômico político e cultural

. anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o Homem

. à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres

. pela libertação integral do homem,

. numa crescente participação e comunhão

. visando formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade mais justa e fraterna,

. sinal do Reino definitivo (Assembléia CNBB, Itaici, 1987).

A CPO, assim, se entende, não como um espaço a ser ocupado eventualmente, mas, como presença da Igreja que, na sua opção pelos pobres assume criticamente a luta de libertação dentro duma visão política global na esperança de uma Nova Sociedade, justa e fraterna.

Dentro desta proposta, ela se relaciona com os movimentos e pastorais de Igreja que também trabalham na construção desse mesmo Reino, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Ação Católica Operária (ACO), Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR), Juventude Operária Católica (JOC), Comissão de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH), Pastoral da Juventude, União e Consciência Negra, Movimentos dos Religiosos Negros, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Comissão Pastoral do Pescador (CPP), Conselho Nacional dos Leigos (CNL) etc.

PASTORAL OPERÁRIA E O MOVIMENTO SINDICAL

A CPO exerce uma tarefa suplementar de apoio e incentivo ao Movimento Operário e Sindical. Apesar desta tarefa supletiva, seu papel é amplo: constituir-se num espaço de referência onde o trabalhador cristão, militante sindicalista, encontra apoio e incentivo para continuar a aperfeiçoar seu engajamento social.

Do ponto de vista de "linha sindical" ela se identifica, sem compromisso formal, com o setor que procura praticar no Brasil um sindicalismo combativo, classista, organizado pela base e democrático, não

cooperando com aquele que se alinha no atual sistema sindical atrelado ao governo (ou reformista) e subserviente aos caprichos da classe dominante.

Isto significa que a CPO não aceita que nenhuma "linha sindical " lhe dê a conotação de mais uma tendência dentro do sindicalismo brasileiro, muito menos de estar propiciando ou puchando um sindicalismo cristão.

A CPO quer oferecer ao operariado cristão condições para que, por seu testemunho evangélico, se insira, como fermento na classe trabalhadora, na própria caminhada do Movimento Operário e Sindical, sendo agente transformador da sociedade global. Ela se nega, portanto, a criar organizações operárias próprias porque acredita na capacidade de organização da classe operária, respeitando e estimulando suas organizações autônomas.

PASTORAL OPERÁRIA E O MOVIMENTO POPULAR

O povo precisa se organizar se quiser melhorar sua vida. Toda verdadeira e radical transformação da sociedade brotará pela organização da sociedade civil.

A CPO tem o papel importante de ajudar o povo (o(a) trabalhador(a) e sua família) a lutar, organizado, no seu bairro, na cidade, no estado para enfrentar os problemas que o atinge: saneamento básico, luz, escola, participação, postos de saúde, etc.

É tarefa da CPO mostrar que participar, animar e promover todo estes tipos de luta organizada à nível popular é uma maneira também de ser Igreja, é uma forma de manifestar o amor evangélico.

Por isso, os membros da CPO devem estar nas Associações de Moradores e suas federações, nos Clubes de Mães, na luta dos negros e índios, no Movimento das Mulheres, nos Comitês de Defesa dos Direitos Humanos, na luta contra a carestia e o desemprego, na defesa dos povos que lutam por sua libertação, na luta dos favelados, nas pesseatas e manifes

tações contra todo tipo de opressão e dominação.

PASTORAL OPERÁRIA E A POLÍTICA PARTIDÁRIA

Não compete à Igreja ser um partido político. Mas sim, um espaço onde o cristão tenha acesso à formação política e seja animado à participação política. Ser cristão não é ficar na esfera interna da Igreja. Mas participar ativamente da sociedade humana denunciando as situações injustas que se contrapõem ao Evangelho e agindo através de medidas concretas e eficazes na construção do Reino de Deus.

A política é um instrumento para mudar ou conservar a sociedade. A classe dominante usa da política para conservar tudo como está e assim permanecer no poder. O operário cristão, por pertencer à classe dominada, deve fazer política para mudar e construir uma Nova Sociedade, de justiça e igualdade, onde não exista a divisão de classes, exploradores e explorados, dominados e dominadores, ricos e pobres.

O cristão deve participar da vida política partidária. Como cristão, o trabalhador, membro da CPO, deve assumir a posição de atuar em um partido político. O partido político deve ser de sua livre escolha. Esta escolha, no entanto, deve ser coerente com sua prática, sua consciência. O partido político escolhido deve apresentar uma proposta viável com a luta e o engajamento do trabalhador cristão, membro ativo da CPO. Este partido deve ser aquele nascido no meio do trabalhador e suas propostas discutidas pelos trabalhadores.

Dessa forma, a CPO quer levar o trabalhador cristão (e não-cristão) a assumir as questões políticas e político-partidária. Por isso, sua militância em partidos que propõem e têm uma prática libertadora, que se preocupam com a organização e participação do povo e que não se alinham aos poderosos e dominantes da sociedade, é de fundamental importância.

Os cristãos, motivados pela compreensão do conteúdo radical do Evangelho, dão a sua contribuição para a elaboração de um projeto político voltado para a Nova Sociedade, presença do Reino de Deus já aqui.

Obs. 1

PERSPECTIVAS DA PASTORAL OPERÁRIA

Diante da atual conjuntura sócio, político, econômica a Pastoral Operária tem como perspectiva:

- ORGANIZAR nos diversos estados e dioceses grupos de Pastoral Operária, criando novos grupos onde ainda não existam, ajudando, assim, ao trabalhador e à Igreja a entenderem e assumirem os desafios do Mundo do Trabalho.
- TER como prática o trabalho em conjunto e integrado com outras pastorais e movimentos como CPT, ACO, JOC, PJ, CPP, CIMI, CDDH, dentro das prioridades assumidas pela Pastoral de Conjunto da CNBB.
- PARTICIPAR, como serviço, no avanço da Igreja e na tomada de posição de uma Teologia da Libertação dos pobres e com os pobres.
- SER um serviço à própria Igreja levando-a a refletir e tomar posição frente à violência do dia-a-dia da imensa massa trabalhadora, assumindo assim, seu papel profético evangelizador.
- SER um serviço à classe trabalhadora contribuindo para que os trabalhadores se organizem chegando a uma consciência crítica nacional.
- PARTICIPAR, decisiva e concretamente, nos diversos movimentos populares contribuindo para a Defesa dos Direitos Humanos, denunciando as injustiças cometidas contra os trabalhadores e suas famílias no campo e na cidade, reivindicando seus direitos de melhores condições de vida.
- AUXILIAR os trabalhadores a implantarem a Nova Sociedade a partir das organizações de base dentro da fábrica, no bairro e cidade.
- CONTRIBUIR para um maior avanço da luta dos trabalhadores no Movimento Popular e no Movimento Sindical, para que haja participação política no poder e se chegue à instauração de uma sociedade socialista autogestionária na qual a gestão das fábricas e dos Meios de Produção, em geral, seja feita pelos trabalhadores e a autogestão do conjunto da economia e da cidade pelos cidadãos.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Lauda nº 89

Tipo	Corpo	Bitola	Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

5

10

15

UN-11/12-B

4ª PARTE

ANEXOS

20

25

30

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

ANEXO 1:
PRINCÍPIOS DE AÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

Durante todos estes anos de existência, a Pastoral Operária foi se orientando a partir de alguns princípios que definiram suas diversas tarefas. Não são normas ou estatutos.

A Pastoral Operária não se preocupou com definições aprimoradas ou normas rígidas que lhe dessem cunho de movimento.

Na 1a. Assembléia Nacional definiu-se as tarefas e um mínimo de organização da Pastoral Operária para todo o Brasil. Estas definições de tarefas e de organização sofreram algumas modificações nos anos posteriores, mas no seu todo são até hoje os guias da Pastoral Operária a nível nacional.

I - NECESSIDADES A SEREM ATENDIDAS POR UMA ORGANIZAÇÃO INTERNA NA PASTORAL OPERÁRIA A NÍVEL NACIONAL

1 - Coordenação das atividades da Pastoral Operária de nível nacional.

Obs.

2 - Apoio do compromisso dos trabalhadores cristãos com a luta e a organização da Classe Operária.

3 - Estar presente e tomar posição em âmbito nacional nas lutas dos trabalhadores:

- Em relação à Igreja e em relação à Classe Operária;
- Em nível permanente e em cima dos fatos;
- visando sempre a promoção da Classe Operária;
- Levando em conta sempre a participação das bases.

4 - Formação de quadros a nível nacional e estadual.

5 - Explicitação e aprofundamento de uma linha que garantindo a unidade de orientação da Pastoral Operária:

- Na fé, na política, no sindical, no movimento popular e no cultural;
- à partir da experiência acumulada da Classe Operária;
- segundo uma pedagogia adequada à Classe Operária.

6 - Prestação de serviços tais como:

- Informação, assessoria, documentação, criação de canais de comunicação, socialização das experiências.

7 - Elaborar um plano indicativo para organizar o conjunto de atividades da Pastoral Operária.

- Objetivos e metas
- Métodos
- Revisão

II - ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA ATENDER ESTAS NECESSIDADES

1 - Assembléia Nacional

2 - Comissão Nacional - Militantes eleitos pela base: animadores - tesouraria - assistentes - executiva - secretaria.

3 - Assessoria: teológica e técnica.

4 - Centro de Documentação

5 - Publicações

Obs III - FORMA ESTRUTURAL

Eleições em todos os níveis: nacional, estadual, diocesano, local

ASSEMBLÉIA NACIONAL

§A Assembléia Nacional passa a ser referência básica da Pastoral Operária.

Composição da Assembléia Nacional

A Assembléia [redacted] Nacional será constituída de pessoas eleitas:

- O número de participantes será sugerido em vista das possibilidades e do grau de avanço da Pastoral Operária nos estados, num acordo entre a Comissão Nacional e as Comissões Estaduais, segundo critérios elaborados em cada estado.

Funções da Assembléia Nacional

- Determinar a orientação geral da Pastoral Operária, avaliando e decidindo sobre as propostas e atividades da Comissão Nacional, da Executiva e dos diversos organismos de base;
- Determinar as linhas de direção política da Pastoral Operária;
- compor a Comissão Nacional;
- determinar o mandato da Comissão Nacional (cf. nota 9);
- Referendar os membros da Comissão Nacional eleitos pelos Estados. Eventualmente indicar nomes, etc.;
- Eleger a Executiva Nacional da Pastoral Operária;
- Definir as atividades a nível nacional;
- Cabe à Assembléia Nacional revogar, quando necessário, qualquer decisão anterior.

A periodicidade da Assembléia Nacional será uma vez ao ano, no final do ano (dezembro ou novembro).

A COMISSÃO NACIONAL

9. O mandato da Comissão Nacional ficou sendo de 2 anos.

Para o 1º mandato decidiu-se que 50% dos membros da Comissão deixariam o cargo ao findar o 1º ano de mandato. Os estados decidiram quais dos seus representantes deveriam deixar o cargo. Desde então, a Comissão Nacional vai se renovando em 50% de seus membros a cada ano: os que vão atingindo dois anos de mandato.

Decidiu-se que a Comissão Nacional se reuniria 3 vezes ao ano. As datas ficaram a critério da Comissão Nacional.

Funções da Comissão Nacional

- Executar das atividades correspondentes às "necessidades" em vistas às quais a Nacional foi constituída;
- garantir as linhas de direção "Política" entre uma Assembléia Nacional e outra e adotar eventuais adaptações;
- avaliar o grau de entrosamento entre o Programa Nacional e as atividades locais.

Composição da Comissão Nacional

Dois representantes pelo estado de São Paulo, dois por Minas Gerais e dois pelo Rio de Janeiro... e um por cada um dos outros estados onde existisse a Pastoral Operária organizada com assessores e executiva (cf. notas 10, 11 e 12).

EXECUTIVA NACIONAL

Funções da Executiva Nacional

- Executar as tarefas estabelecidas pela Assembléia Nacional e pela Comissão Nacional;
- ser porta-voz da Pastoral Operária nas ocasiões em que se fizer necessário;
- promover a vinculação entre a Pastoral Operária e o Episcopado e com outras organizações (ex.: CIMI, CPT, CPP, ACR, etc);
- organizar as Comissões de Trabalhos constituídas pela Assembléia Nacional e pela Comissão Nacional, dentro do quadro de Assessores;

10. Com a criação dos Regionais da PO na 3ª Assembléia Nacional (1984), a composição da Comissão Nacional em 1985 passou a ser assim: 2 representantes por regional onde a PO possuísse comissões estaduais e 1 representante por regional aonde ainda não existisse comissões estaduais.

11. A partir da 4ª Assembléia Nacional (1985), a composição da Comissão Nacional passou a ser assim: 2 representantes por regional nos estados aonde a PO não possuísse comissão estadual. E um representante por estado aonde existisse comissão estadual.

12. Conforme a 5ª Assembléia Nacional (1986), para uma pessoa ser da Comissão Nacional é necessário ela assumir a PO como prioridade.

- providenciar membros da Pastoral Operária para representarem a CPO, em Encontros, Seminários, etc;
- ser órgão político de orientação, segundo os princípios estabelecidos pela Assembléia Nacional Geral;
- manter permanente contato com as experiências de base;
- possibilitar a maior socialização possível das experiências locais, regionais, nacionais e internacionais.

Critérios para a composição da Executiva

- Pessoas que individualmente e no conjunto de uma Executiva gozem da confiança da Assembléia Nacional da PO.
- Pessoas de vários Estados.
- Disponibilidade (relativa) permanente (cf. nota 13).
- Funcionabilidade - eficiência.

O mandato da Executiva Nacional será de dois anos, nos mesmos moldes de renovação da Comissão Nacional. Isto é, a cada ano troca-se 50% de seus membros.

13. Conforme a 5ª Assembléia Nacional (1986), para uma pessoa ser da Executiva Nacional é necessário que ela assuma a PO como prioridade.

UN-8/9-MC
m 20

ANEXO 2 - ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

ENTREVISTA COM D. PAULO EVARISTO

Esta entrevista foi feita com D. Paulo Evaristo Arns no segundo semestre de 1986 pela CPO de SP. D. Paulo, desde os inícios da articulação da PO, esteve presente, contribuindo e incentivando.

CPO- O que determinou o surgimento da Pastoral Operária? Como ela surgiu?

Em primeiro lugar, a preocupação da Igreja com o mundo operário vem desde Cristo. Ele foi operário e, os primeiros cristãos, durante séculos, foram sempre aqueles que trabalhavam ou no campo ou na cidade. E uma grande parte, até, era escravo. Então, isto pertence à missão da Igreja.

A Igreja e o operariado deveriam ser uma só coisa. E, a partir do século passado começou um movimento muito forte, tanto entre os homens de estudo como por exemplo "Ozanan" na França, o bispo "Ketler" na Alemanha, na Inglaterra o cardeal "Newmann", eles todos falando que nós precisamos agora levar o cristianismo ao meio onde vive mesmo a pessoa. E o operário é o apóstolo do operário. Isto não tem dúvida nenhuma.

O Papa Leão XIII escreveu, então, no século passado, uma encíclica que abriu a cabeça da Igreja e abriu o coração para o mundo operário. A grande Encíclica chamada "Rerum Novarum".

Depois, Pio XI continuou, escrevendo outra encíclica com o nome de "Quadragésimo Anno" e, isto vem até agora crescendo mais. É claro que não podemos esquecer o cardeal "Cardjin", que foi filho de um operário e jurou ao pai dele que, sendo padre, iria dar à vida ao mundo operário e fundou a JOC e todos os movimentos da Ação Católica.

Mas, a Pastoral Operária moderna, aqui em São Paulo, nasceu com uma força muito grande, porque ela logo entrou numa luta de reivindicações de salários justos e dentro de um programa que se tornou prioridade da própria Igreja, sobretudo a partir de 1975 - a primeira grande Assembléia em que a Pastoral Operária conseguiu passar com o tema "Justiça no Mundo do Trabalho", é a primeira prioridade em São Paulo.

CPO- D. Paulo, e quais foram os objetivos da Pastoral Operária em seu surgimento?

§ Bem, sobretudo de levar a mensagem de Cristo trabalhador ao operário. Falando não só da dignidade do trabalho, sobretudo, da dignidade do trabalhador, mas também da finalidade do trabalho. Quer dizer, todo capital que se acumula deve servir para novos "postos" de trabalho e deve voltar ao trabalhador que o produziu. Isto é, especialmente, uma mensagem evangélica de justiça para todos: Justiça social!

CPO- Quais foram os acontecimentos marcantes no nascimento da Pastoral Operária?

§ Foram muitos, sobretudo os acontecimentos heróicos muito grandes. Nós podemos lembrar os antigos operários, antes de 64 e podemos lembrar aqueles que em 64 foram os primeiros perseguidos. Os primeiros perseguidos foram os da JOC, que foi realmente massacrada pela polícia, e todos os outros movimentos também. Mas a partir de 78, em São Paulo, nós tivemos as lutas para as greves e aí tivemos Santo Dias, como o mártir do mundo operário; lembramos também a morte de Fiel Filho em janeiro de 76. Nós tivemos uma série de acontecimentos que marcaram as assembléias da Igreja em São Paulo. Da grande Igreja de São Paulo onde a Pastoral Operária sempre esteve presente. Mas também nas eleições, em

todas grandes lutas dos sindicatos. Eu acho que a Pastoral Operária é uma das menos conhecidas, mas das mais vigorosas e das mais fiéis, tanto do mundo operário quanto da mensagem do Evangelho.

CPO- Quais foram as propostas iniciais em relação ao movimento operário, movimento popular e movimento político?

§ Bem, as propostas foram da própria Pastoral de Conjunto. A Igreja deu seu apoio e formação às lideranças, isto é o principal. Depois o movimento sindical é o lugar próprio onde a Pastoral Operária encontra sua maior eficiência, o jeito de ser operário e operário cristão. Agora, os movimentos populares foram decisivos na hora das greves, na hora também de reivindicar as coisas para o lugar onde o operário mora, para a sua família, o seu relacionamento com a comunidade que são relacionamentos muito importantes. E o movimento político, evidentemente foi uma das finalidades; quer dizer, sem a política o movimento sindical não conseguiria passar com as propostas. Por isso, seria preciso eleger muito mais candidatos do mundo operário. Conseguir assim que a política não destrua, mas sim apoie aquilo que o movimento sindical propõe, que a Pastoral Operária apoia, desde que seja justo e seja sobretudo em favor dos mais desprotegidos.

CPO- Quais foram os avanços na Igreja, no movimento sindical e político?

§ Eu não posso analisar assim minuciosamente porque levaria muito tempo. A Igreja, aos poucos, vai tomando sempre mais consciência; embora os grupos sejam pequenos, mas todos no coração têm que apoiar a Pastoral Operária. Agora, quanto ao movimento sindical, há dois grandes movimentos nacionais e nos dois há representantes da Pastoral Operária. Eu gostaria, então, que não fosse só de um movimento, mas dos dois movimentos. Na parte popular, eu a-

cho que é sempre nas horas de crise que se revela se o povo está realmente acordado para os problemas ou não. E, em algumas crises o povo respondeu com muita coragem e também com muitas iniciativas, tanto para fornecer alimentos, como para dar respaldo, uma retaguarda boa. Agora, o movimento político não foi bom. Nós temos só dois representantes no parlamento, em Brasília, só dois operários. Isto é ridículo! Isto não pode continuar porque só em São Paulo, ao menos, metade da população vive de salário e é operário no sentido estrito do termo: operários nas fábricas e operários no campo.

CPO- E as dificuldades da Igreja no meio rural, movimento sindical, político e popular?

§ Pois é, justamente eu ia terminar com isto. No campo o que a Igreja faz? Eu acho que a Igreja é a única voz que jamais deixou de ser ouvida, mesmo com perdas enormes de líderes sindicais, de líderes defensores dos posseiros e mesmo padres e irmãs. Nós temos mais ou menos mil mártires no campo nos últimos anos. Portanto, gente que deu a vida para melhorar a situação terrível do campo no Brasil neste momento; e os conflitos em vez de diminuir, aumentam.

§ No movimento sindical, eu acho que o movimento sindical foi bom. Produziu até grandes líderes. Mas, a união de todos não se consegue tão facilmente por causa das instâncias e por causa dos meios que eles possuem. O povo, o movimento popular em geral, é um pouco assustado, sobretudo porque é do interior e não dispõe de meios de comunicação, sempre teme a repressão da polícia, pode também sofrer muito esta repressão, como nós vimos tanto nos canavieiros lá no norte, ~~fraca~~, embora o governo prometa sempre de novo a Reforma Agrária, nós não vemos avanços suficientes.

CPO- D. Paulo, agora, neste fim de ano, a gente vai celebrar os 10 anos de Pastoral Operária, isto é, queremos legitimar os 10 anos de existência da Pastoral Operária. Então, nós gostaríamos que o Sr. desse uma mensagem pelos 10 anos da Pastoral Operária.

§ Meus amigos, em primeiro lugar, meus votos, meu apoio, meu incentivo para vocês. Eu vivi estes dez anos ao seu lado. Sou filho de um operário do Campo e, ao despedir-me de casa, meu pai me disse: em todas as situações na vida eu quero que você sempre diga que é filho de camponês, e, portanto, filho de operário, não tenha vergonha de dizer. De fato não o tenho, porque Deus não teve vergonha de ser operário. Jesus Cristo veio a terra e, durante 30 anos, era chamado filho do operário José. Mas ele próprio assumiu o trabalho das mãos e nos ensinou o respeito a todas as pessoas que trabalham e ganham com o suor do rosto o pão para sua família. Que vocês tenham coragem, mas também que vocês consigam o essencial: a Justiça no Mundo Operário. As grandes soluções para uma nova ordem política e sócio-econômica.

§ O trabalho e o trabalhador são o centro da sociedade, e não o capital e o capitalismo. Que Deus, que se fez operário, escute estes nossos votos.

UN-11-B' DEPOIMENTO DE WALDEMAR ROSSI

Waldemar Rossi, metalúrgico, membro do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgico de SP, militante da PO desde o seu início. Por ocasião dessa entrevista ocupava o cargo de semi-liberado da PO Nacional. E estava se candidatando como deputado constituinte pelo PT.

"A Pastoral Operária nasceu de experiências realizadas a partir de 1966, mantendo as propostas da JOC e ACO, que se mostravam insuficientes para atender a uma população operária que crescia de maneira extraordinária.

O objetivo principal era abrir um espaço dentro da Igreja para a questão operária. Queríamos que os trabalhadores cristãos parassem para refletir a sua vida à luz do Evangelho e que isto desse motivação para o seu engajamento e, consequentemente, que ajudássemos a Igreja a descobrir o mundo operário e refletir sobre ele. Queríamos que a Igreja se abrisse para o movimento operário e que ela entendesse que o fundamento de toda situação de miséria que estava vivendo o povo e de um afastamento cada vez maior da Igreja, do esvaziamento no sentido da fé, que tudo isto estava vinculado a uma questão de exploração.

Houve muita dificuldade por parte de algumas pessoas ligadas à igreja em compreender o que a gente propunha porque, cada vez mais, nós avançávamos na questão da compreensão de que o mundo estava dividido em duas classes básicas: explorados e exploradores.

Além disso, éramos também mal interpretados por bispos, padres etc., mas com muito jeito fomos superando isto.

As propostas iniciais com relação ao movimento sindical era ajudar o trabalhador cristão a entender a importância de fortalecer uma história de lutas contra a exploração e ele mesmo ir se tornando o agente de transformação da sociedade. O objetivo era ajudar os trabalhadores, na medida em que fossem compreendendo o problema, a entrar na luta sindical como um dos instrumentos fundamentais contra o sistema de exploração.

Se hoje temos um sindicalismo que defende comissões de fábrica, organização, CUT pela base, coisas dessa natureza, podemos dizer que a Pastoral

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Obs. Operária assumiu uma espécie de pioneirismo - seus militantes assumiram isto com unhas e dentes. Outro fator de destaque é que a P.O., através da participação de seus militantes, foi importantíssima na formação da CUT.

A Pastoral Operária também se propunha a ajudar o trabalhador não só em seu local de trabalho, não apenas na luta sindical, mas também em seu dia-a-dia na vida do bairro para conquistar os direitos que lhe cabem: água, esgoto, rede de luz, escolas etc.

Na medida em que crescia a nossa consciência de classe, crescia também a nossa consciência política, uma vez que entendíamos que o movimento operário sindical é fundamental, mas não basta para uma transformação profunda da sociedade. Para mudanças nas regras do jogo era preciso uma organização mais ampla do povo. Para isto era preciso o engajamento em um partido político, e os cristãos teriam que assumir a sua participação na elaboração de um projeto de transformação da sociedade.

Muitas dificuldades encontramos nessa caminhada. Às vezes, para avançar estas propostas, exigia-se um esforço grande, um desgaste extraordinário. Soma-se a isto o cansaço dos militantes na luta dentro da empresa, o cansaço das reuniões, na luta no movimento operário, a dificuldade de conciliar a vida familiar e a vida afetiva. Com todos estes obstáculos, ainda encontrávamos críticas de alguns setores da Igreja e isto foi muito duro.

No movimento sindical, devido à repressão militar na sua época mais dura, que reforçava o sindicalismo assistencialista, muitos companheiros foram presos, torturados e alguns assassinados. Nas empresas, nossos militantes, na medida que iam sendo descobertos, eram demitidos. E quantas lutas sindicais ganhas, que, no entanto, foram traídas! Na batalha as dificuldades eram enormes, era repressão de todo lado. Mas as dificuldades foram positivas porque nos ensinaram a enfrentar o adversário com mais agudeza e senso crítico.

Outra dificuldade que a P.O. sofreu, que está relacionada com a questão político-partidária e com a sindical, foi o esvaziamento dos seus qua-

dros. Na medida em que surgiu, por exemplo, uma oposição sindical, é evidente que os militantes que vinham sendo formados para assumir a tarefa sindical, davam prioridade a este trabalho. Se, para formar um militante, às vezes, é preciso anos de prática, de reflexão, de aprendizado na marra, de repente os companheiros envolvidos em toda militância acabam se vendo obrigados a optar por uma coisa ou outra, dando preferência ao movimento operário ou político.

E aí vem o problema da continuidade. Era este equilíbrio que estava sendo difícil. No movimento político a questão foi mais forte, porque, por exemplo, o surgimento de alguns partidos políticos em várias regiões do Brasil, em São Paulo particularmente o PT, levou a uma verdadeira euforia. A luta sindical vinha mostrando que ela é importante, mas tinha suas limitações. Uma descoberta de dimensão mais ampla da ação política empolgou a turma, e criou nova debandada, dentro da P.O., Companheiros que não conseguiam fazer simultaneamente ação pastoral e ação política. Hoje, a Pastoral Operária, pelo menos aqui em nosso estado, faz um esforço muito grande para conciliar simultaneamente todas estas questões: engajamento operário, de fábrica, sindical, no movimento político e a continuidade da ação pastoral. É difícil mas não é impossível.

Hoje a P.O. é tão importante quanto ela foi na época que iniciou. Ela tem dado uma contribuição muito grande porque, se a situação não é a mesma, se nós não temos a mesma ditadura militar, embora ainda os militares mandem neste país, se a situação não é a mesma em relação a eles, ela é pior em relação à repressão patronal. Então temos que estar capacitando os nossos militantes cada vez mais a entender essas mudanças e buscar uma saída.

Em relação ao movimento político se dá a mesma coisa. As novas experiências estão nos obrigando a repensar o nosso engajamento. Se 20 ou 25% da população tem elementos básicos de análise dessa situação de classe, significa que tem muita coisa ainda pra se fazer.

Eu diria que, mesmo entre os cristãos, ainda tem muita coisa a ser feita para atingir a imensa maioria e ajudarmos a descobrir esta dimensão evangélica do seu engajamento hoje. Acho que a Pastoral Operária é mais atual do que nunca. O que ela precisa é constantemente se adaptar à realidade. Ela precisa ser dialética, não dogmática."

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

DEPOIMENTO DE Pe. GEORGE WINNICK

O companheiro George Winnick participou da CPO desde os seus inícios sendo dos que compunham a Comissão Nacional e vinha periodicamente de São Paulo para Volta Redonda (RJ) participar da reunião semanal do Secretariado Nacional.

"O surgimento da Pastoral Operária [redacted] foi importante para o movimento operário assim como para a Igreja. Importante porque vários militantes cristãos começaram a participar do movimento operário, não com espírito de tentar converter, de transformar todo mundo em bons católicos e cristãos, mas para se descobrir cristão na luta. O cristão sentia que a Igreja deveria estar mais presente na vida operária, não para sacramentalizar, mas como um espírito que animasse o operário a descobrir a sua realidade, a descobrir que ser cristão é ser, fundamentalmente, transformador e quer uma sociedade nova.

A P.O. nasceu dentro de um processo da Igreja, de alguns cristãos que queriam ser uma resposta, ser uma luz no mundo, mas neste mundo, não se iludindo com um outro mundo que levasse a gente a não se engajar, a não encarar nossa própria realidade. Assim, o surgimento da P.O. se deveu fundamentalmente a esta necessidade do cristão de ser alguém que não impedisse a luta, mas, justamente, que estimulasse o trabalhador a reagir, a lutar, a conhecer seus direitos e sua força, com o objetivo de construir uma sociedade justa e fraterna.

Entendemos que o trabalho é algo fundamental em todo ser humano. É a partir dele que se constrói toda uma concepção de sociedade. Então, é necessário se mudar as relações de trabalho. Transformar o [redacted] homem em homem de verdade e não em simples escravo que executa tarefas num sistema de produção.

A partir de reflexões do Evangelho, a gente começava a perceber que a realidade que vivíamos não se diferenciava muito da realidade de antigamente. Um dos objetivos que surgiu a partir destas reflexões foi organizar os trabalhadores aonde os sindicatos fossem pelegos, apoiar lideranças e organizações autênticas que defendiam os interesses dos trabalhadores, pois, entendíamos que os sindicatos eram instrumentos fundamentais de organização dos trabalhadores.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Percebemos, então, o surgimento de várias oposições sindicais, claro que não exclusivamente de pessoas ligadas à Igreja; companheiros que junto com outros, embora não explicitamente manifestado uma fé, por uma série de razões, discutiam a formação de sindicatos, a tomada de direções sindicais para que fossem instrumentos de luta. De 65 até hoje percebemos que vários companheiros, estimulados pela PO, conseguiram organizar oposições sindicais fortes e conseguiram realmente assumir direções de sindicatos.

Em vários locais do Brasil, se deu uma série de trabalhos conjuntos com a CPT, porque entendíamos que a luta do trabalhador do campo é a mesma do trabalhador da cidade, e a Igreja se colocou ao lado dos oprimidos nestas questões. O próprio surgimento da CPO e da CPT, como pastorais reconhecidas pela CNBB, tendo um espaço cada vez maior nas reuniões, foi muito importante, porque passaram a ser integrantes de uma pastoral oficial e respeitadas pelo seu trabalho e seriedade.

Eu acho que hoje em dia, a P.O. consegue realmente influenciar na estrutura da igreja. Hoje, ela não é uma pastoral desconhecida. Ela é respeitada pelo movimento operário.

Quanto ao partido político, ficou claro pra gente que seria a forma de juntar os movimentos populares numa única luta. Seria uma ferramenta importante para mudar a estrutura da sociedade. E aí vários companheiros começaram a entrar no partido, principalmente no PT.

Hoje, eu acredito que tanto o futuro da igreja como da Pastoral Operária é extremamente promissor. A igreja no Brasil tem uma importância fundamental para a transformação da sociedade e isto é reconhecido por todos aqueles que realmente fazem um trabalho sério. Existem uma série de experiências em toda a América Latina, e mesmo na Europa, de cristãos que estão lutando. Mas, aqui existe uma particularidade muito grande - as Comunidades de Base, e a Pastoral Operária são realidades que têm dado grandes contribuições. Eu acho que fica aqui um grande desafio para todos nós, na realidade que estamos vivendo: vamos transformar e vamos realmente construir a sociedade que a gente sonha. Mas como dizia o poeta: o sonho quando a gente sonha sozinho não passa de um sonho, mas quando a gente sonha junto este sonho se torna realidade."

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

ANEXO 3 - PERIÓDICOS

Apresentamos neste anexo amostra do 1º Boletim da Comissão de Pastoral Operária Nacional e do CPO INFORMA.

O BOLETIM surgiu como uma necessidade de formar e informar às bases da Pastoral Operária sobre as grandes questões que acontecem na sociedade brasileira, na Igreja e na própria caminhada da Pastoral Operária. Desde maio-junho de 1979 até hoje a Comissão Nacional de Pastoral Operária mantém o "BOLETIM". Ele já está no nº 46. Se mantém também firme no seu objetivo maior de ser um instrumento de reflexão, posicionamento e testemunho da caminhada da Pastoral Operária.

O CPO INFORMA começou a circular em setembro de 1981. Ele nasceu a partir da decisão da Comissão Nacional de informar as principais notícias do mês. Sua característica principal é ser um instrumento informativo rápido e agil. Por isso, sua publicação é quinzenal. Hoje o CPO INFORMA está no nº 110.

redação Boletim e CPO nº 1

Obs. UN-11-B-m 42

ANEXO 4 -

Foto 1C

SANTO DIAS DA SILVA

UN-11-B-m 42 m 34

§ O companheiro Santo Dias da Silva foi assassinado no dia 30 de outubro de 1979 em frente à fabrica Sylvânia, em Santo Amaro, na Zona Sul da cidade de S. Paulo quando participava de um piquete na grande greve dos metalúrgicos daquele ano. É a polícia quem o mata. A bala que mata o metalúrgico é disparada à queima-roupa, a menos de 1 metro e 40 centímetros, por um miliciano da Rota 220. O companheiro Santo Dias, após ser baleado, dá alguns passos e cai entre mais de 40 policiais e guardas de segurança// da Sylvânia e cerca de 20 companheiros. O corpo, depois de ser autopsiado no IML, só foi liberado graças à atitude firme da esposa do companheiro morto, que enfrenta os policiais do DOPS os quais pretendem trancá-lo numa sala e impedir que seja levado para a Igreja da Consolação.

No 43º Distrito Policial, a morte de Santo Dias é registrada como causada por "resistência e agressão".

Às 11 horas da manhã do dia 31 de outubro o corpo do companheiro Santo Dias da Silva sai da Igreja da Consolação, vai para a Catedral da Sé, no coração da cidade de São Paulo e segue depois para o Cemitério de Campo Grande. O centro da Capital pára. Foi a maior manifestação pública no / país nos últimos dez anos.

A CNBB emite nota condenando a "inusitada repressão", a Juventude Operária Católica, a Ação Católica Operária do Brasil e a Comissão de Pastoral Operária divulgam nota de protesto "veemente contra o sistema de / repressão, maus-tratos, prisões e morte praticados contra os metalúrgicos. A nota é dirigida aos ministros da Justiça e do Trabalho, ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e à Imprensa. A Comissão de Justiça e Paz de São Paulo e Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo também se manifestam.

Santo Dias da Silva era metalúrgico, líder da Oposição Sindical e membro da Pastoral Operária da Região Sul e do movimento de bairros.

Neste anexo, registramos a homilia de D. Angélico Sândalo Bernardino na missa de sétimo dia de Santo Dias. Bem como a homilia de D. Angélico S. Bernardino na missa do 1º aniversário da morte de Santo Dias. Ambos os textos são extraídos do Boletim da CPO nºs 2 & 7 de 1979 e 1981 respectivamente.

Santo Dias continua vivo em nossa caminhada construindo conosco a História.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

5

10

15

20

25

30

34

UN.11-Bm 42

UN-11H2-L n 20

SANTO: A LUTA QUE CONTINUA

Homilia de D. Angélico S. Bernardino, na missa de 7º dia por Santo Dias da Silva

Irmãos,

Estamos aqui reunidos, num gesto de fé, esperança e amor para colocarmos nas mãos de Deus, a vida de nosso irmão e companheiro **Santo Dias da Silva** que, há sete dias, partiu de nosso convívio, para a casa do Pai.

— O peito varado pela bala, ele tombou como Cristo, com o peito cortado pela lança do soldado.

A lança do soldado romano rasgou o corpo do carpinteiro Jesus de Nazaré cujos braços indefesos, pacíficos, estavam pregados na cruz.

A bala do soldado da Polícia Militar atingiu o corpo do metalúrgico, desarmado, com fome e sede de justiça.

Tanto aquele, quanto este, estavam bem perto de suas vítimas. Aquele representava os interesses de uma nação estrangeira opressora; este não representa os interesses de seu povo.

Sobre a vítima de então, como a de agora, partiam os detentores do Poder, idênticas suspeitas, acusações e mentiras: subversão, conspiração contra a lei, contra a ordem estabelecida.

Como Cristo derramou seu sangue para quebrar o egoísmo humano, para libertar o homem todo e todos os homens de todas as escravidões, assim o operário Santo, discípulo de Cristo, verteu seu sangue, na defesa da classe operária, vítima da exploração do egoísmo selvagem de poucos sobre multidões.

A exemplo de Cristo que venceu a morte, ressuscitando, estando vivo no meio de nós, também a classe operária banhada em suor e sangue causados por tantas violências, irá alcançando a sua libertação, através da união e organização. Firmes nesta convicção, milhares de pessoas proclamaram, durante a caminhada por ruas de nossa cidade: "Companheiro Santo, você está presente!"

Santo Dias da Silva, trabalhador simples e forte, pacífico e humilde, torna-se símbolo da luta e resistência contra todas as formas de violência.

OPERÁRIO — Tinha clara visão de classe e de que a libertação não é, antes de tudo, assunto individual e sim, de todo um povo: Libertamo-nos unidos ou jamais nos libertaremos!

Compreendeu, com lucidez, que a luta de classe nasce, não da reação do operário contra a injustiça patronal e, sim,

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

da própria estrutura da empresa que escraviza o trabalho ao capital.

Entendeu que optar pela classe trabalhadora, pelos oprimidos, pelos pobres, significa estar em luta contra a fábrica que fabrica o pobre, isto é, o sistema capitalista selvagem e dependente, responsável pela abastança de poucos privilegiados; pela venda do País a interesses de grupos estrangeiros, às custas da miséria de nosso povo.

Trabalhador consciente compreendeu que o operário nasce operário na fábrica, sendo aí que a mudança deve se operar. Mudança que se fará através da união e organização da classe trabalhadora e de todos quantos estiverem dispostos a criar a "civilização do amor" de que nos fala Puebla.

Daí seu fervor na luta sindical, onde sempre esteve do lado daqueles que se batem por sindicato livre das amarras do Ministério do Trabalho e de falsos líderes da própria classe; por sindicato com raízes profundas na fábrica, totalmente voltado à causa da justiça, da verdade, da fraternidade.

Lúcido, compreendeu que a luta do trabalhador pela fundamental organização sindical, não pode deixar de lado a organização do povo nos bairros, onde sofremos, em particular, as consequências da estrutura injusta da empresa e, em geral, as discriminações do sistema. Nós o vemos, então, ativo na participação de movimentos populares, na periferia da cidade.

Operário CRISTÃO — Participou ativamente da Pastoral Operária em nossa cidade e em âmbito do Estado de São Paulo, dando o melhor de si, para que a ação do militante cristão do movimento operário, fosse sempre iluminada pela força inspiradora do Evangelho.

Cristão no bairro, integrava com entusiasmo, comunidade eclesial de base, ligando sempre a fábrica e bairro e este com a fábrica, num contexto nacional.

No terno e simples aconchego familiar, tinha mãos dadas à sua querida Ana, os olhos voltados para os filhos e o coração aberto para a sorte de todas as famílias sofridas. Não somente ele, mas sua família era militante operária das organizações populares, marcadamente do movimento "Custo de Vida".

Esta vida de intensa e madura militância foi cortada pela bala assassina. No caso um policial acionou o gatilho. Outros, porém, lhe armaram as mãos. Seus nomes não são muitos, estando todos em quadros do Governo mais explicitamente no Ministério falsamente chamado do Trabalho, pois é do capital, do Ministério da Justiça, na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, no comando da Polícia Militar. E, nisto, nada de novo: o poder dos exploradores é para oprimir o povo. No campo político, um único poder

Obs.

é legítimo: o poder do povo! E este continua sendo roubado ao povo brasileiro. Entre nós, o governo continua a serviço do sistema econômico, não do povo. Sistema responsável pela morte, a contagota, de multidões no Brasil. Morte de fome, de analfabetismo, de falta de terra para os que a terra trabalham. Morte de falta de liberdade. Morte de tortura. De violência. Morte responsável pela viuvez de milhares de Ana e de incontestáveis órgãos. Morte de operários presos como bandidos, quando lançam mãos à greve e aos piquetes de greve. Morte de milhares de menores simplesmente abandonados até pela polícia, como não fosse já pesada em demasia a tortura de sua própria vida! Morte da marginalização, da não participação. Da ausência de fraternidade. Morte da exploração do homem pelo homem, em afrontar à verdade fundamental que Jesus nos anuncia: Deus é nosso Pai. Somos, pois, todos irmãos!

Santo tombou como operário, como cristão. Sua luta, que é a nossa, continua. E, desta luta que é de um povo inteiro, os frutos de vitória começam a aparecer.

— O povo perdeu o medo da opressão e sai às ruas;

— Apesar das leis injustas e contra elas, o operário construtor deste País, vai cruzando os braços, parando máquinas para que, no silêncio pesado das máquinas inativas, sua voz possa ser ouvida;

— O tempo obscurantista das torturas em massa passou e embora raquítica, surgiu a anistia;

Já voltamos a falar em reforma agrária e em tantas outras de base!

Estamos diante da verificação concreta, embora embrionária, daquilo que dizia o salmista:

"Quem vai, vai chorando a lançar suas sementes; ao voltar, voltará cantando, a colher seu trigo" (Ps.125):

Caminhamos confiantes na luta, porque acreditamos no homem, na vida, no amor em Deus que é amor!

O egoísmo humano se defende matando;

O amor, apesar de tudo, acredita que é mais forte que o ódio, que a própria morte;

O egoísmo do dinheiro, do Poder, tira a vida dos outros, colocando, inclusive, policiais armados contra operários em greve e em piquetes de greve, o amor dá a vida para que outros tenham a vida.

A curto prazo, a violência parece eficiente. Na verdade, porém, é covarde e

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Iaudê nº 110

Tipo	Corpo	Bitola	Obs.

frágil, pois somente a justiça, verdade, fraternidade, constróem a paz. Este foi o exemplo que o senhor Jesus nos deu e que Santo seguiu! Esta é a prece que vamos dirigir a Deus nesta hora:

"Que num mundo de ódio e opressões, sejamos homens novos, capazes de construir a civilização do amor, não com a inutilidade da violência das armas e, sim, com a violência pacífica e imbatível da verdade, justiça e fraternidade. Que a inteligência, técnica, do homem estejam a serviço dos celeiros de trigo e não dos arsenais de guerra".

Saibam os operários, nesta hora, estar com eles os homens de boa vontade, a Igreja que hoje, de maneira séria, se dá a trabalho de conversão, por se identificar cada vez mais, ao carpinteiro filho de Deus, Jesus de Nazaré, procurando ser servidora de todos os trabalhadores das pequenas e imensas Nazaré do mundo, em sua incontida e irreversível busca de total libertação.

Ajude-nos Deus, nosso Pai, nesta árdua caminhada, meus irmãos e companheiros! ■

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

obra

lauda nº 111

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

UN-11-B-nº 12

0 1 2 3 4 5 6 7
1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs.

"NINGUÉM, JAMAIS, PODERÁ CALAR A VOZ DA JUSTIÇA"

Homilia de D. Angélico S. Bernardino, no 1º aniversário da morte de Santo Dias da Silva - São Paulo, 1º de novembro de 1980

UN-11/12-L
nº 20-corrido

§ *IRMÃOS,*
§ *A fé inabalável*
na vida que vence a própria morte,
nos congrega, hoje, aqui,
um ano após ao assassinato
de nosso irmão e companheiro
SANTO DIAS DA SILVA.

§ *Irmão e companheiro*
porque homem simples, amigo,
comprometido com a sorte
de seu Povo. Militante cristão
das Comunidades Eclesiais de Base,
dos Movimentos Populares e das
grandes lutas do Movimento Operário,
forjado que foi nos princípios de
justiça, solidariedade,
proclamados pela Pastoral Operária
de que fazia parte.

§ *Um dia, no alto do Calvário, o soldado*
a serviço da potência estrangeira
que dominava a terra de Jesus,
cortou-lhe o peito com a
lança (Jo. 19, 34).

§ *No dia 30 de outubro do ano passado,*
mãos de soldado, a,
serviço dos donos do capital nacional
e, sobretudo, multinacional,
acionadas pela repressão
governamental, cortavam, à bala, o
peito de nosso companheiro SANTO!
Longe de se abater,
a classe trabalhadora ouviu,
na morte do companheiro,
a certeza das palavras de Jesus:
"Eu sou a ressurreição e a vida.
Quem crê em mim,
ainda que morra, viverá;
e quem vive e crê em mim nunca
morrerá" (Jo. 11,25).

§ *Quando Jesus morreu,*
depositaram-no no sepúlcro
e taparam a entrada com pedra.
Ainda, colocaram soldados montando
guarda ao túmulo,
pois os chefes dos sacerdotes e fariseus
se reuniram com Pilatos, e disseram:
"Governador, nós nos lembramos de
que, quando ainda estava vivo,
aquele mentiroso disse:
depois de três dias eu ressuscitarei"
(Mt. 27, 62-63).

§ *Hoje, o poder econômico,*
contando com a proteção e conivência
do poder político,
atira ao túmulo da opressão a
classe trabalhadora.
Roubam-lhe as terras;
arroxam-lhe os salários; mercandejam
com o trabalho;
estabelecem sindicatos sem liberdade,
sem autonomia;
corrompem muitas diretorias sindicais;
intervêm em Sindicatos,
depondo e prendendo Diretorias
autênticas e arrebentam, pela violência,
as reivindicações de base da
classe trabalhadora.

§ *Tais poderes*
colocam sempre em perigo a
existência de nosso Povo!
Esta situação precária existe,
como dizia o Papa aos operários,
no Morumbi,
"quando, no domínio da
distribuição dos bens,
se confia unicamente nas
leis econômicas
do crescimento e do maior lucro;
quando os resultados do progresso
tocam apenas marginalmente,
ou não tocam em absoluto,
as vastas camadas da população;
ela existe também, enquanto
persistir um abismo profundo
entre uma minoria de ricos de um lado,
e a grande maioria dos que vivem
na necessidade e na miséria, de
outro lado".

§ *Pois bem, tal violência estrutural,*
organizada, parte integrante do sistema
sócio-econômico-político reinante,
monta guarda à situação em que está
atirada a classe trabalhadora,
valendo-se também, da força
repressiva policial e atirando
mentiras, calúnicas, através dos muitos
meios de comunicação social.

§ *Esforço inútil porém!*
Assim, como Jesus,
a classe trabalhadora sairá viva e forte
do túmulo opressivo de agora!

§ *Na persistência, na luta,*
irá conseguindo aberturas

*na rocha da opressão! A vergonha
da mortalidade infantil,
dos menores abandonados, cessará!
§A terra, a fábrica, serão de
quem nelas trabalham.
§O trabalho humano não mais será
aviltada mercadoria
e o lucro será dividido com
justiça e fraternidade,
"dando cada um segundo
suas possibilidades
e recebendo segundo suas
necessidades (At. 4,35).
§Os Sindicatos não mais sofrerão
vergonhosas intervenções,
nem seus líderes
democraticamente eleitos
serão cassados e colocados sob a
mira da Lei de Segurança Nacional.
§Assembléias de trabalhadores não
mais serão triste farsa,
nem os trabalhadores impedidos ou
desestimulados de se organizarem.
§Não mais teremos, por exemplo,
o lamentável espetáculo de uma
categoria de quase 400 mil
trabalhadores, ser
representada em Assembléia
por apenas dois (2) mil,
aceitando a proposta do
Grupo 14 da FIESP
a respeito dos aumentos salariais,
como aconteceu dia 24 último,
no Sindicato a que Santo pertencia
e cujo comportamento alinhado ao
Governo e classe patronal
tanto combateu. Não mais
teremos expulsão de homens
cuja pátria é o mundo,
porque comprometidos com a justiça
e fraternidade,
como o é Padre Vitor Miracapillo.
§Por outro lado, a Pátria não mais será
vendida ao capital estrangeiro!
Enfim, não mais existirão
opressores e oprimidos,
corruptos que vivem em mordomias,
diante da fome do Povo,
porque a terra, então livre,
será habitada por homens irmãos,
pois, como nos dizia João Paulo II
no Morumbi, "a festa cristã da alegria
não é um luxo reservado aos ricos.
Todo o mundo está convidado
a tomar parte".*

maiúscula

**"Se me matarem, ressustarei
na luta do meu Povo"**

*§Alguns meses depois da morte
de nosso companheiro SANTO,
era assassinado em EL SALVADOR,
o Arcebispo D. Oscar Romero,
vítima do mesmo sistema selvagem!
Dizia ele, pouco antes de sua morte:
"Podem matar-me,
mas que fique bem claro, que
a voz da justiça ninguém pode calar".
E mais: "Tenho sido
freqüentemente ameaçado de morte.
Devo dizer-lhe que,
como cristão, não creio na morte,
mas sim na ressurreição.
Se me matarem,
ressuscitarei na luta do meu Povo".
§Penosamente
o Povo brasileiro vai saindo da
morte para a vida!
§São os grupos de base,
os movimentos populares de
organização e reivindicações!
§São as lutas por sindicatos
livres, autônomos,
nascidos da base.
§É o trabalho por coligar
os esforços e organizações
comprometidos com o Povo!
§São Partidos Políticos
possibilitando opções fora da
camisa-de-força do bi-partidarismo.
§É a luta pela terra, pela
anistia, pela queda do obscuro AI-5,
da Lei de Segurança Nacional,
pelos espaços de liberdade!
Pelo direito à total participação.
Pela mudança do sistema
sócio-econômico-político reinante
e opressor.
§Tudo isto, o Povo vai conseguindo
através de sua união e organização
que nada mais são que
a atualização do mandamento
de Jesus:
§"Amem-se uns aos outros" (Jo. 13,34).
§Quando Jesus foi julgado,
seus adversários
apresentaram as mais disparatadas*

acusações contra ele.
§ Não faltou a acusação de subersão (Lc 23,2) nem esteve ausente a omissão criminosa de quem lavou as mãos (Mt. 27,24).
§ Quando Ele vence a morte e ressuscita, os líderes do Povo compram os soldados e ordenam que afirmem terem os discípulos roubado o corpo de Jesus, enquanto eles, guardas, dormiam (Mt. 28,11-13).
§ Utilizam-se, desta forma, para seus planos, até do testemunho de pessoas que estavam dormindo!
§ Fatos altamente semelhantes acontecem com a morte do SANTO e processo contra os culpados.
§ Chovem mentiras.
§ A Justiça em incrível morosidade, se omite.
§ Os verdadeiros responsáveis pelo assassinato que, há um ano, denunciamos como estando no "Ministério falsamente chamado do Trabalho pois é do Capital, no Ministério da Justiça, na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, no Comando da Polícia Militar", ficarão impunes!
§ E não nos assustemos se, no final de tudo, a vítima for acusada de culpada!
§ Toda farsa, toda mentira, porém, cairão por terra.
§ O Povo que hoje "semeia entre lágrimas, voltará a cantar" (Ps. 125).
§ O chão de nossa América Latina e, particularmente, do Brasil, marcado por tanto sangue, por tanta dor, será finalmente livre.
§ Ninguém deterá a vida em sua marcha vitoriosa, assim como ninguém — poder político, religioso, econômico, soldados, mentiras, túmulo com pedra lacrada à porta — conseguiu impedir a ressurreição de Cristo.
§ É por isso que hoje, lutando e trabalhando, atiramos nossos olhos para o futuro e, na fé, dizemos:
§ COMPANHEIRO SANTO, VOCÊ CONTINUA VIVO, POIS AQUELE QUE MORRE PELO POVO, NO POVO, EM DEUS, PARA SEMPRE VIVERÁ, POIS "NINGUÉM, JAMAIS, PODERÁ CALAR A VOZ DA JUSTIÇA".

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890123456789 0

Obs.

UN-M-B-42

ANEXO 5 – DOCUMENTOS E PRONUNCIAMENTOS SIGNIFICATIVOS

UN-M-1/2-M1 m34

§ Neste anexo encontramos alguns documentos de muita importância para a caminhada da Pastoral Operária nesses 10 anos. A leitura deles possibilitará, não só um maior conhecimento sobre o específico da Pastoral Operária, mas também sobre a forma e o modo como a PO procurou influenciar e foi / influenciada na sua caminhada.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra | Lauda nº 115

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

UN-11-D
Obs.

DOCUMENTO 1 A JOÃO PAULO II

DISCURSO [redacted]

Por ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, o / companheiro Waldemar Rossi, metalúrgico, foi escolhido para dirigir a palavra ao Papa/ em nome de todos os trabalhadores brasileiros. O encontro do Papa com os trabalhadores foi no Morumbi, SP. Apresentamos um resumo do discurso do/ companheiro Rossi. [redacted]

julho de 1980

UN-11/12-M
nn34

UN-11/12-LB
nn28

"Caríssimo Papa João Paulo II

É com imensa alegria que os trabalhadores brasileiros vêm a este encontro para recebê-lo de braços e coração abertos. Sabemos que estamos junto ao Papa que foi operário e dedicou grande parte de sua obra pastoral aos trabalhadores de sua terra. Por isso, temos certeza de que o senhor entende a nossa linguagem simples e estamos à vontade para chamá-lo de Companheiro e para falar das coisas que sentimos e vivemos.

Queremos, caro Companheiro, a exemplo dos primeiros cristãos que partilhavam seus bens com a comunidade, que o senhor também partilhe conosco das coisas que produzimos, embora saibamos que sobre elas não temos nenhum poder de decisão.

[redacted]

Gostaríamos de comunicar-lhe que somos um povo no qual mais de 40 milhões são migrantes. Gente, que, na sua quase totalidade, rompemos com os laços de origem expulsos que fomos de nossas terras, seja pela força do dinheiro e da grilagem, seja pela violência das armas. Asseguramos-lhe que milhares de trabalhadores camponeses foram e são mortos nesse processo. Grandes empresas capitalistas implantam-se na terra, em prejuízo do campo. Esses nossos irmãos continuam vagando em busca de um lugar onde viver, transformados em verdadeiro exército de mão-de-obra de reserva e de baixos salários. São milhões de bóias-frias por esse Brasil afora; são mais de 5 milhões de seres humanos-crianças, jovens adultos e idosos que habitam as tristes favelas brasileiras.

[redacted]

Todo esse contingente de trabalhadores disponíveis, sentem grandes dificuldades em conseguir emprego, o que os obriga a trabalharem sujeitos às mais precárias condições de trabalho e em troca de salários miseráveis.

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

Lauda nº 116

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

Waldemar e o Papa no Morumbi

Esses salários se refletem nas condições de moradia e de vida em geral. Veja o exemplo de S. Bernardo do Campo, a capital da indústria automobilística da América Latina: em 1964, havia 4 favelas, hoje são 54, o que equivale dizer, que de cada 4 habitantes de S. Bernardo, 1 é favelado. Nas cidades do ABC, entre 200 mil favelados, 50 mil chefes de família trabalham, principalmente, na Brastemp, na Volkswagen, na Scania Vabis, na Mercedes Benz e outras empresas. São nossos irmãos que habitam em barracos paupérrimos.

Salário de fome que gera condições precárias de moradia, de higiene e de saúde, causando doenças e apressando a morte. No Estado de S. Paulo, em cada mil crianças até um ano de idade, 67 morrem, vítimas, principalmente, de desnutrição. São seres humanos, filhos de Deus, nossos filhos.

Condições de Trabalho e Acidentes de Trabalho

Milhares e milhares de companheiros enfrentam uma jornada de trabalho entre 12, 14 e até 16 horas diárias sem descanso. Condições desumanas dos ritmos de trabalho obrigam cada operário a gestos mecânicos sempre mais velozes e, sob forte repressão patronal, levam ao esgotamento físico, muitas vezes irreparável e até mesmo à loucura. O trabalho sob constantes riscos de graves acidentes, tem ceifado a vida de milhares de nossos companheiros ou provocado a sua mutilação.

Caríssimo Papa, somos também campeões mundiais em acidentes de trabalho. Para a mulher, a situação é ainda mais grave, porque dela se exige maior produção contra salários ainda menores. As condições de trabalho violentam sua condição de mulher. Quantos abortos se dão nos recintos de trabalho!... Soma-se a tudo, a repressão nas empresas-controle de tempo até para ir ao sanitário, constante ameaça de desemprego sob qualquer pretexto, perseguição aos companheiros que se destacam pela liderança e, por isso, são demitidos; listas negras dos indesejáveis, serviços de segurança particular que prendem e maltratam trabalhadores, como no caso da Fiat de Minas Gerais. O empresário é favorecido também pela rota-

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

tividade da mão de obra em cada 10 operários, pelo menos 4 perdem seu emprego uma ou mais vezes ao ano, desajustando o seu orçamento familiar. A cada novo emprego, seu reajuste salarial é neutralizado. A cada novo emprego, ocorre um novo rebaixamento do seu salário.

Estrutura Sindical

Toda essa repressão é forçada pela estrutura sindical brasileira, inspirada no modelo corporativo vertical e fascista de Mussolini. Estrutura sindical que impede e reprime a organização independente do trabalhador, especialmente dentro das empresas; que se constitue oficialmente em órgão de colaboração com o Governo e, praticamente, está a serviço dos patrões; que é controlada à mão de ferro pelo Ministério do Trabalho; que alimenta a carreira do peleguismo, impedindo ao trabalhador o controle do seu Sindicato.

No Brasil, a luta operária é considerada caso de polícia ou de segurança nacional. Os trabalhadores, quando lutam por melhores salários e condições de trabalho, são reprimidos, presos e até assassinados, como foi o caso de nossos companheiros SANTO DIAS DA SILVA, líder operário, RAIMUNDO FERREIRA LIMA, líder camponês, ambos militantes da Pastoral.

As direções sindicais mais combativas são presas e cassadas, a exemplo dos bancários de Porto Alegre e São Paulo e dos metalúrgicos de Santo André e S. Bernardo.

Enquanto isso, os boicotes patronais ao leite, à carne e aos remédios são beneficiados com gordos reajustes em seus preços.

A legislação trabalhista e a Justiça do Trabalho, estão voltadas para os interesses patronais, em prejuízo do direito do trabalhador explorado.

Sistema e Causa

Entendemos, Caro companheiro, que a causa fundamental da situação desesperadora em que vive a classe operária, é o sistema econômico e político implantado em nosso país para produzir riquezas, não importa quais e nem a que preço.

Para atingir seu objetivo único - o lucro exorbitante - o capitalismo impõe condições violentas de trabalho suborna e corrompe, determina suas próprias leis. É o capitalismo selvagem das multinacionais.

[redacted]

Diante de tudo isso, o Evangelho nos exige **fome e sede** de justiça, nos lembra que somos o "sal da terra" e aumenta em nós o compromisso com a transformação da sociedade.

Entre aquilo que nos prometem e aquilo que nos permitem, nós trabalhadores, vamos tomando consciência da nossa condição de explorados, organizando grupos nas empresas e nos bairros, ocupando nossos sindicatos, entre derrotas e vitórias.

Em nossas lutas, acumulamos experiências, renovamos nossas forças, encontramos nossa união. Situando-nos na História, vamos conquistando nossa liberdade.

Lutamos hoje, no Brasil, por salários menos injustos e melhores condições de trabalho. Mas, lutamos também para conquistar um Sindicato livre e independente. Queremos liberdade de organização e de expressão. Queremos o fim das medidas e instrumentos de repressão. Queremos ainda, Companheiro, ter direito à nossa organização e representação sindical a partir das empresas. Reivindicamos menor jornada de trabalho. Lutamos para termos a garantia de trabalho. Somos seres humanos, filhos de Deus e não peças de reposição da indústria capitalista. Queremos sentir a alegria de viver com segurança.

[redacted]

Caríssimo Pai, os trabalhadores cristãos estão fortemente engajados nas lutas dos movimentos operários brasileiros. A Igreja no Brasil, e particularmente, em São Paulo, através de suas prioridades pastorais e, em especial da Pastoral Operária, vem desenvolvendo intenso trabalho junto aos operários, abrindo espaços para que eles descubram amplamente sua realidade de vida. Queremos que os trabalhadores, dotados de aguda consciência crítica, estejam capacitados a assumir as responsabilidades que momento histórico exige. Queremos que

o trabalhador rompa a barreira imposta pelo sistema político que nos governa, e saindo da passividade se torne agente das transformações sociais. Buscamos uma nova ordem, onde o trabalhador usufrua do produto do seu trabalho e, mais que isso, decida sobre seus destinos.

Construção do Reino
[redacted]

Como cristãos, procuramos descobrir sempre mais, a vontade do Pai em nosso empenho de construir o Reino de Deus a partir da vida terrena e que alcança sua plenitude na vida eterna. Queremos, na grande batalha do dia-a-dia, ser testemunhas vivas do Evangelho.

Aguardamos ansiosos sua orientação e sua bênção, esperamos também que seu estorço pastoral seja no sentido de que a Igreja Universal se irmane e se comprometa cada vez mais nesta caminhada do Povo de Deus em direção ao Reino.

O Espírito de Deus o ilumine sempre.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra | Issuda nº 120

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1

UN-11/12-B-nº 42

5

DOCUMENTO 2

JUSTIÇA NO MUNDO DO TRABALHO

UN-11/12-M1 nº 34

10

§ "Justiça no Mundo do Trabalho" é um documento do PO apresentado à 21ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil (CNBB), em Itaici, 15/4/83. Nele se acentuam: o desenvolvimento do Brasil se realizando nas costas dos trabalhadores, o aumento do desemprego, a perda do poder aquisitivo dos salários. Solicita, por fim, uma palavra dos bispos em favor da justiça e da fraternidade nas relações de trabalho e do produção. [redacted]

20

UN-11/12-L1B nº 23

25

Maiúsculo

1. O desenvolvimento e as reivindicações dos trabalhadores

30

§ O desenvolvimento do Brasil sempre se caracterizou pela desigualdade na divisão de seus custos e benefícios. No período colonial, o desenvolvimento de uns poucos se deu às custas do trabalho escravo de milhões de pessoas. Na verdade não seria legítimo afirmar que o regime de trabalho no Brasil pode ser chamado livre.

§ O país sempre foi relativamente rico, com a maioria de sua população pobre, conservada à margem e sem acesso à riqueza nacional. A desigualdade e a indiferença pelos direitos humanos mais elementares são partes e o traço básico da bibliografia dos grupos dirigentes e do Estado.

§ Apesar de todas as lutas dos trabalhadores, negros, camponeses, posseiros, assalariados rurais e urbanos, o desenvolvimento tem sido feito sobre seus ombros e em benefício de uma minoria que monopoliza a direção da econo-

34

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

mia e da política. Este é o fundamento real da ordem autoritária e elitista que define nossa sociedade, suas instituições e leis.

§ Contra essa ordem ilegítima e imoral, os movimentos populares lutaram ao longo de nossa história. Essas lutas foram muitas. A primeira foi contra a escravidão e, nos tempos mais recentes, as lutas em torno da apropriação, posse e uso da terra. O comércio da terra gerou muita violência e fez muitas vítimas.

§ Nas últimas décadas aconteceram as lutas do movimento sindical pela autonomia sindical, pela organização dos sindicatos, por melhores salários, assistência e benefícios sociais, direito de greve, segurança e estabilidade no trabalho.

§ Ao longo das décadas do chamado «desenvolvimento industrial», o movimento operário lutou para garantir os direitos mais elementares relativos ao salário, à estabilidade, à assistência e ao direito de lutar por seus direitos através da organização livre e independente dos seus sindicatos.

§ Nesta caminhada o movimento operário foi crescendo e superando, na prática, muitas das limitações impostas por uma legislação trabalhista fundada na Carta del Lavoro de Mussolini e transplantada para o Brasil. Até que chegou a Revolução de 1964.

§ Essa Revolução foi feita contra os interesses dos trabalhadores. A intervenção em centenas de sindicatos rurais e urbanos, a prisão de seus dirigentes, uma seqüência de medidas foram tomadas, privilegiando o grande capital, transnacional e nacional, às custas de crescentes sacrifícios dos trabalhadores, a saber:

§ a) Fim da estabilidade e criação do FGTS, colocando os trabalhadores totalmente à mercê dos interesses imediatos dos empresários.

§ b) Políticas variadas de arrocho salarial, que mudam de forma, mas não de conteúdo e que submetem os trabalhadores a perdas constantes no valor de seus salários.

§ c) Legislação submetendo o movimento operário a todo tipo de pressões e ameaças definidas na Lei de Segurança Nacional, além de novas intervenções e processos contra líderes sindicais mais combativos. Foram definidos dispositivos na Lei de Segurança Nacional, Código Penal Militar e CLT, que considerem crimes con-

tra a LSN simples críticas ao sistema econômico, a organização de movimentos populares e que permitem, ao governo, cassar mandatos de dirigentes sindicais e intervir em sindicatos.

§ d) Legislação que torna a greve praticamente ilegal e, portanto, sujeita à repressão policial e militar, assim como enquadramento na LSN.

2. A crise atual e seus efeitos sobre o Movimento Operário

§ A crise econômica, fruto de 19 anos de regime autoritário, assume proporções imensas. Com a abolição da censura e com as primeiras brechas da abertura conquistada, em boa parte, pelos movimentos populares, podemos hoje perceber a extensão e gravidade da situação econômica do país, do grau de corrupção na manipulação e espoliação dos recursos da Nação. Ultrapassada a falsa euforia do «milagre» o Brasil acorda com a dívida externa de cerca de 100 bilhões de dólares e com a possibilidade de ver no futuro imediato realizar-se a seguinte previsão:

§ a) O Produto Interno Bruto caindo até 5% em 1983 e 4% em 1984.

§ b) Queda do produto industrial na ordem de 20% em 1983/84.

§ c) Queda na produção agrícola na ordem de 5 a 10%.

§ d) Inflação superior a 130%.

§ e) Aumento da dívida externa bruta, podendo chegar a mais de 100 bilhões de dólares em 1983.

§ f) Se considerarmos que a recessão pode perdurar até 1987, teremos uma perda de 200 a 250 bilhões de dólares em nosso Produto Interno Bruto.

§ O Brasil acorda também sendo governado pelos banqueiros internacionais e pelo FMI. Enquanto isso, sobre os trabalhadores recaem todo peso e os sacrifícios.

§ g) Aumentam o desemprego e o subemprego, pois a taxa de desemprego pode subir de 10% a 12% em 1984. Temos agora 6 milhões de desempregados, poderemos ter mais 5 milhões nos próximos 5 anos, totalizando 11 milhões de desempregados.

§ h) O salário médio real pode sofrer uma perda de 15% em seu valor nos próximos 2 anos, caracterizando um novo achatamento salarial que será legalizado através das previsões da legislação salarial, feitas por decreto, ou pela modificação de índices e cál-

culos cuja única virtude é a de diminuir salários e aumentar lucros.

§ i) O Governo ameaça com o rigor das leis e com as conseqüências da crise alegando momento de trégua e da socialização dos sacrifícios, como se o povo trabalhador ainda devesse algo a um desenvolvimento que nunca o beneficiou.

3. As novas reivindicações do Movimento Sindical frente à crise e à Nova Conjuntura Política

§ A primeira grande reivindicação do movimento operário brasileiro neste momento de crise é a revisão da política econômica que gera a recessão, o desemprego, a inflação e ainda maior concentração de riqueza.

§ Esta revisão deve nascer de uma opção política que responda ao clamor de milhões de brasileiros: os trabalhadores não podem mais pagar o preço da crise com o desemprego, a instabilidade, o aumento da rotatividade, a perda do valor dos salários, a fome, a angústia e o medo.

§ Neste sentido, os trabalhadores exigem a revisão da política salarial, imposta por decreto, e a adoção de medidas que além de promover o emprego pelo menos mantenham o valor real dos salários, protegendo-o da inflação de 130%.

§ O movimento operário também reivindica a revisão de toda legislação que faz cair sobre os trabalhadores os rigores arbitrários da Lei de Segurança Nacional e da CLT, deixando na mais perfeita liberdade e conforto às grandes empresas transnacionais.

§ O movimento operário considera que a questão agrária é uma questão central do desenvolvimento e da democracia em nosso país. Uma reforma agrária mesmo realizada nos termos do Estatuto da Terra poderia possibilitar imediatamente trabalho, emprego e bem-estar para milhões de brasileiros, sem necessidade de modificações nas leis existentes e na Constituição.

§ Finalmente o movimento operário considera que a abertura democrática que efetivamente vem ocorrendo em nosso país e que abriu espaços para que o povo e as oposições elegessem 10 governadores, mais de um terço das Prefeituras e fizessem a maioria no Congresso, deve tornar-se também uma realidade para o movimento operário. Neste sentido é fundamental que a sociedade brasileira se abra à participação dos

operários e que os trabalhadores ocupem um lugar de destaque na construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e igualitária. Esta participação implica na afirmação da autonomia do movimento operário, na liberdade sindical e no reconhecimento de que não haverá sociedade democrática fundada na marginalização do trabalhador e na exploração do trabalho.

Maúscula

4. Apelo da Pastoral Operária à Assembléia Geral da CNBB

§ A Pastoral Operária no Brasil realizou sua primeira Assembléia Nacional na cidade do Rio de Janeiro, aos 11 e 12 do mês de dezembro de 1982, com a participação de trabalhadores cristãos e engajados provenientes e representando mais de 100 dioceses e 17 Estados do Brasil.

§ Frente à realidade que acima tentamos descrever, sentimos a importância e a necessidade de colocar nossos irmãos Bispos, Pastores da Igreja no Brasil, reunidos em sua Assembléia Geral Ordinária, a par de nossa visão e compreensão da realidade brasileira, dos nossos sofrimentos e de nossas legítimas e justas reivindicações. Anima-nos a sensibilidade pastoral dos nossos bispos, demonstrada com coragem e fidelidade nos últimos e doloridos anos pelos quais passou a Nação Brasileira.

§ Somos ainda encorajados a confiar e a esperar solidariedade e uma palavra serena, firme e profética de nossos bispos, pelo testemunho de fidelidade comprovada e crescente desde o Concílio Vaticano II. A Igreja no Brasil caminhou muito desde o Plano Pastoral de Emergência. A preocupação e o compromisso dos Bispos com as questões sociais do país transparecem no incentivo à vida comunitária e organização do povo, no estudo da realidade e nas opções de projetos pastorais relacionados com a situação das nações indígenas, dos posseiros, camponeses e agricultores e do povo trabalhador e operário.

§ A participação dos Bispos do Brasil nas Assembléias de Medellín e de Puebla trouxeram novo alento, esperanças e maior presença do Evangelho nas questões que mordem e ferem os pequenos e marginalizados.

EDIÇÕES PAULINAS

Título da obra

lauda nº 125

Tipo | Corpo | Bitola | Obs.

§ Não é necessária muita pesquisa para evidenciar que nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, no Plano de Pastoral de Conjunto e nos subseqüentes planos bienais de Pastoral, a realidade brasileira nas suas dimensões econômica, social e política, merecem constante estudo, posicionamento e ação concreta da parte da Igreja.

§ Os documentos da CNBB revelam uma constante e coerente posição profética face à crescente marginalização e empobrecimento do povo brasileiro.

— «Exigências Cristãs de uma Ordem Política», «Proclamação Pastoral do Povo de Deus» e «Igreja e Problemas da Terra», entre tantos outros estudos e pronunciamentos, confirmam o que afirmamos.

— Em nossa compreensão, face à realidade que acima descrevemos e que nos atinge profundamente como cidadãos, trabalhadores, pais e mães de família, julgamos que a missão profética da Igreja e dos Bispos não pode ser atenuada, pois as estruturas sócio-econômicas, principalmente, continuam iníquas e geradoras de marginalização e miséria.

— Assim, irmãos Bispos, como cristãos comprometidos em ser luz e fermento do Evangelho no mundo do trabalho, como trabalhadores engajados no Movimento Operário do Brasil, vimos colocar em seus corações de Pastores os nossos anseios, esperando uma palavra profética em favor da justiça e da fraternidade nas relações de trabalho e de produção. Esperamos confiantes, também, pelo apoio decidido à Pastoral Operária e solidariedade com as reivindicações legítimas e justas dos trabalhadores brasileiros.

§ Sabemos e assumimos como responsabilidade primeira dos trabalhadores a nossa própria causa. Queremos organizações livres e independentes para que sejamos sujeitos e participantes da construção de uma sociedade justa, mas não podemos dispensar a solidariedade dos que amam a justiça, respeitam e promovem a dignidade e a vida da pessoa humana.

§ Com nossa saudação fraterna estaremos unidos na oração diária que o Senhor nos reixou: «Pai... venha a nós o Teu Reino».

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

EDIÇÕES PAULINAS
Título da obra
UN-11-B
Tipo
Obs.

DOCUMENTO 3

CARTA [redacted] AOS BISPOS DO BRASIL

"Carta da 2ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária (3 a 4 de dezembro de 1983) aos Bispos do Brasil". Ela mostra a necessidade dos Bispos sepronunciarem, com maior decisão e exigência, frente à grave situação de desemprego no país.

Aos nossos irmãos Bispos do Brasil,

Como membros da Comissão Nacional da Pastoral Operária e na qualidade de Comissão Executiva Nacional reunidos em Assembléia Geral de 3 a 4 de dezembro de 1983 , no Rio de Janeiro, sentimos que é nosso dever dirigir-nos aos irmãos Bispos neste momento da vida nacional.

A crise econômica que vivemos resulta de ações e opções políticas tomadas pelos grupos dirigentes de forma deliberada e consciente. A crise econômica não acontece espontaneamente nem seu custo recai sobre os assalariados de forma ocasional. Os últimos decretos-leis sobre a política salarial, estão aí para mostrar este fato. Há uma lógica em todas as medidas da política econômica do Governo Federal voltada para beneficiar os grandes bancos e empresas multinacionais e nacionais a eles associados.

Sabemos que enquanto milhões de trabalhadores vêm para as cidades em busca de empregos, a terra continua concentrada e ociosa nas mãos de uma minoria de privilegiados. O latifúndio apesar de terreno parece eterno. Não muda. Não se divide. Não produz. Não emprega. A reforma Agrária se anuncia mas não se pratica.

Existe hoje a consciência de que esta crise resultou de um desenvolvimento que beneficia muito a poucos, às custas da minoria. As causas são conhecidas e o preço está sendo jogado de novo sobre os ombros dos trabalhadores.

Queremos no entanto, agora, chamar a atenção para um dos efeitos mais dramáticos deste desenvolvimento que está sendo imposto ao país: o desemprego.

O desemprego é filho direto da crise provocada pelo desenvolvimento capitalista. Mas ele não é filho só do capitalismo em crise. O capitalismo moderno está produzindo bens em massa e substituindo cada vez mais o trabalho vivo,pelo trabalho incorporado em máquinas e robôs. Portanto o capitalismo está produzindo o desemprego a nível mundial. São milhões os desempregados na Europa capitalista e nos Estados Unidos. São milhões os desempregados no chamados países capitalistas atrasados. O desemprego já é um elemento constitutivo do capitalismo moderno e os progressos tecnológicos aliados às políticas de maximização dos lucros, só tendem a ampliar este abismo entre os objetivos do capital e as necessidades do trabalho.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

No Brasil, o desemprego é a nossa experiência de cada dia, apesar da desinformação interessada das estatísticas oficiais. Ele está nas ruas, nas praças, no desespero dos pais e mães que saem em busca de qualquer coisa para fazer ou vender.

A estatística oficial fala de taxas de desemprego que nos colocam perto dos países capitalistas desenvolvidos... Na verdade, existem hoje no Brasil, mais de 25 milhões de pessoas desempregadas, subempregadas, e subremuneradas, o que constitue cerca de 50% da população econômicamente ativa atual. Só em relação aos subremunerados, os dados do IBGE indicavam que 47,7% ganhavam até um salário mínimo em 1982 e que 24,5% ganhavam de 1 a 2 salários mínimos.

Estes números indicam a extensão do problema e o quanto é dramática a situação da maioria das famílias brasileiras.

Acreditamos, que frente a esta questão que está na raiz do sofrimento imediato de milhões de seres humanos, a Igreja como um todo deve erguer a sua voz com um sentido de urgência e com força redobrada.

Antes de mais nada, é fundamental que a sociedade brasileira seja mobilizada para colocar a criação de empregos como prioridade social número um. Criar empregos é desenvolver o mercado interno, é fazer a reforma agrária, é redefinir o sentido do desenvolvimento econômico que deve estar voltado para atender às necessidades dos trabalhadores e do país. É voltar a produzir, é não se submeter à política do Fundo Monetário Internacional, é condenar a recessão como política antinacional e antidemocrática. É mobilizar as energias do país para as atividades produtivas e não para a especulação e o lucro fácil. É ouvir o trabalhador e seus sindicatos, é ter os trabalhadores como sujeitos do processo de desenvolvimento econômico e político, é adotar uma política salarial que aumente salários e não uma política econômica que aumente as taxas de juros.

Criar empregos é repensar o desenvolvimento e a sociedade brasileira. É fazer uma opção pelo Brasil e pelo Trabalho.

Um país desempregado é um país injusto, desumano e violento que deverá recorrer cada vez mais à repressão, à violência e ao autoritarismo para manter a ordem por cima dos direitos da maioria. Talvez seja este exatamente o objetivo daqueles que impoem esta política ao país.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

Se o desemprego resulta da ditadura econômica que prende milhões ao destino da pobreza, para democratizar o Brasil é necessário criar empregos, acabar com a política do desemprego.

É necessário pensar um país que produz e beneficia os que produzem para atender às necessidades de 120 milhões de habitantes. O Brasil não é habitado por minérios, máquinas e carros, mas por homens e mulheres que antes de serem consumidores, são os cidadãos, os sujeitos da historia do nosso país. Para isso no entanto, é fundamental que tenhamos no trabalho, a fonte de nossa sobrevivência, com dignidade e justiça. Para isso é também fundamental que as organizações dos trabalhadores, os sindicatos sejam efetivamente livres da tutela do Estado, sejam autômomos e que o direito de greve seja assegurado na lei e na prática.

Diante desta análise e reflexão, queremos compartilhar nossas angústias frente às realidades que vivemos, sofremos e presenciâmos no dia-a-dia de nossa militância junto aos trabalhadores brasileiros. Queremos levantar a nossa voz pelos trabalhadores que uma vez mais estão sendo violentados em seus direitos, em nome de uma crise que não produziram, mas cujo peso recai sobre eles.

Tomamos conhecimento, reconhecemos o valor e nos sentimos estimulados pelos corajosos pronunciamentos dos senhores Bispos, a respeito da Igreja e os problemas da Terra, na Assembléia Geral de 1980 e a respeito da questão do desemprego, por ocasião da última Assembléia Geral da CNBB, em abril de 1983. A palavra do Santo Padre o Papa João Paulo II, alí retomadas, bem como a carta de Sua Santidade a respeito do "Trabalho Humano" colocam com muita clareza, a urgência de mudanças nas relações entre capital e trabalho, chegando efetivamente a uma nova ordem econômica e social. Tais princípios aceitamos, nos comprometemos a conhecê-los melhor e a divulgá-los em nossa militância cristã.

Acreditamos, ainda, que diante dos desafios da realidade da hora presente do Brasil, urge que surjam medidas práticas e eficazes, para que como Igreja, sejamos sinais de esperança.

Há uma qualidade nova em nosso testemunho profético e em nossa participação como trabalhadores cristãos, ao lado de nossos Pastores.

Estamos convencidos de que são importantes, nesta hora, alguns gestos concretos de mobilização e organização consciente de todos os cidadãos e dos operários em particular.

Em nossa luta cotidiana nos defrontamos permanentemente, com questões práticas, desde a sobrevivência até às justas reivindicações dos direitos da classe operária.

Para que esta luta se torne firme e perseverante, esperamos contar com o apoio e a solidariedade de nossos pastores, particularmente nos momentos de gestos concretos, ligados a nosso esforço de estabelecer uma nova relação no trabalho e na produção, em vista da mudança, tendo em vista uma sociedade mais justa e fraterna, e, consequentemente, uma ordem onde todos se sintam mais filhos de Deus.

Entendemos que este apoio e solidariedade significarão um passo importante para transformar em prática de vida, o que nos é lucidamente ensinado pelo Santo Padre, pelos recentes pronunciamentos do Episcopado e pelas "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil".

Deixamos aqui muitas propostas concretas nascidas do esforço de ver, à luz da fé, os desafios do momento presente da vida brasileira, diante dos quais nos comprometemos e sentimos necessidade de apoio e solidariedade, através de gestos concretos. A missão profética, nesta situação, nos pede tais gestos de apoio particularmente à luta dos operários e camponeses.

- Como Igreja sentimos, como importante, denunciar o pecado social de incoerência de quem propõe e vota (e se declaram cristãos) decretos que, na prática, alimentam o desemprego e a recessão, como é o caso do Decreto-lei 2065.

- Como Igreja temos que tomar posição frente à repressão às organizações dos trabalhadores, tanto no campo quanto na cidade. Denunciar, igualmente, o assassinato de lavradores, operários, sindicalistas, as intervenções nos sindicatos e toda tentativa para impedir a organização e mobilização popular, através dos quais cresce a participação, no processo de mudança social em nosso país.

- Apoiamos e vemos como exemplo a realizar em outras partes do Brasil gestos como o da Igreja de São Paulo, e outras, que reúnem em oração, bispos, padres, e mais de 50.000 pessoas, em torno do problema do desemprego.

- Assumimos a luta pela posse da terra no campo e nas periferias urbanas a exemplo do que foi feito no Rio Grande do Sul (colonos de Ronda Alta) e no Nordeste (conflitos de Alagamar).

Obs.

- Urge enfrentar juntos o grande problema da seca e da "indústria da seca", mobilizando-nos como no caso da "Romaria da seca" promovida pela Igreja de Picos e outras iniciativas.

Mobilizar o país pela realização de uma Reforma Agrária ampla e efetiva é uma medida fundamental para assegurar a vida, o trabalho de milhões de pessoas e o futuro da democracia no Brasil. Pelo menos 12 milhões de famílias poderão ser empregados se as terras ociosas e improdutivas dos grandes latifúndios forem divididas. Se a seca é a causa da miséria e dificuldades de milhares de camponeses, sabemos que a questão central não está no clima, mas no latifúndio que expulsa milhões de famílias para as grandes cidades.

- Apoiamos e nos solidarizamos com as greves, lamentavelmente reprimidas com violência, que se manifestam contra a imposição de leis injustas (arrocho salarial), como fizeram às Igrejas locais, durante as greves do ABC paulista e em outros lugares.

Enfim, pensamos ser importante que, juntos, Bispos, padres, militantes da Pastoral Operária e leigos em geral, organizemos e participemos, ativamente, das lutas dos trabalhadores, com confiança e coragem, como já o fazem inúmeras Igrejas locais.

Este é o apelo que fazemos, estas as reflexões que queriamos fazer chegar aos irmãos Bispos neste momento decisivo da história de nosso país."

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

UN-11-B

DOCUMENTO 4

CARTA [redacted] A POPULAÇÃO

"Carta da 2ª Assembléia Nacional da Pastoral Operária (3 a 4 de dezembro de 1983) enviada aos militantes da Pastoral Operária e ao público em geral."

UN-11/12-M 34

UN-11/12-L 98 m 20

"COMPANHEIROS E IRMÃOS,

Nós, operários e militantes da Pastoral Operária, reunidos na 2a. Assembléia Nacional, nos dias 3 e 4 de dezembro, no Rio de Janeiro, estando presentes 126 delegados de 18 estados, mais bispos, assessores e representantes da CPT e CIMI, de outras pastorais e de movimentos (ACO e JOC), com o objetivo de fortalecer nossa fé e confirmar nosso compromisso de serviço à causa libertadora da classe operária, gostaríamos de dirigir a cada companheiro uma palavra que expressasse, resumidamente, o que foi esta nossa grande Assembléia.

Refletimos sobre a crise em que foram mergulhadas mais de 80% da população brasileira. Constatamos que ela não foi feita por nós e somos quem tem de pagá-la. A crise afeta profundamente a nossa vida. O desemprego é uma violência imposta pela classe dominante que atinge e amedronta a classe trabalhadora. Nossos salários são rebaixados. Nossas condições de vida e trabalho pioram. A fome, a miséria e a exploração nos cercam, fruto de um sistema capitalista devorador que é comandado do estrangeiro. Vimos também que as perspectivas para 1984 são de que esta situação se agrave ainda mais: mais recessão, mais achatamento salarial, mais desemprego, mais desnacionalização, mais fome, mais miséria.

Analisamos também o que o movimento operário e sindical está fazendo para enfrentar esta crise. Vimos que há esforços de todos os lados. Há greves, há mobilizações, há passeatas, há protestos. Saudamos a criação da CUT como um passo importante na organização dos trabalhadores brasileiros. Constatamos que, em muitos lugares, direções novas e combativas são vitoriosas nos sindicatos e a luta dos trabalhadores avança. Mas não é suficiente. Estamos ainda na defensiva. É preciso passar para a ofensiva, para conquistas e vitórias: melhorar o salário, mudar a legislação sindical, evitar a cassação de dirigentes sindicais, dar uma basta definitivo aos assassinatos de companheiros, acabar com a exploração, fazer com que os custos da crise sejam pagos pelos seus responsáveis, os capitalistas, os banqueiros e os latifundiários.

Analisamos ainda a atuação da Igreja diante deste contexto. Vimos que cada vez mais a Igreja, a exemplo de Jesus, converte-se ao pobre povo trabalhador, assume sua causa e seus interesses. Há exemplos disso :

A tarde de oração contra o desemprego e o arrocho salarial que reuniu 50 mil pessoas promovida pela Igreja de São Paulo, o apoio efetivo da Igreja aos colonos de Ronda Alta, a presença da Igreja nas greves do ABC, o apoio aos Comitês de Desempregados, os documentos dos bispos, e tantos outros. Estes exemplos precisam ser multiplicados. Contudo, embora estes fatos positivos, não podemos deixar de reconhecer e lamentar: ainda há bispos, padres, religiosos e leigos que não assumiram a opção pelos pobres, não apoiam os movimentos dos trabalhadores, não reforçam suas lutas.

Companheiros e irmãos,

a sociedade nova está por ser construída, seus sinais já são visíveis, mas ainda falta muito para chegarmos ao Reino da justiça e da fraternidade.

Como fazê-lo? Que passos dar?

Elegemos 4 prioridades para o ano de 1984:

1. SINDICALISMO: todo trabalhador cristão deve estar presente nas lutas operárias e sindicais. Apoiar o surgimento de direções sindicais combativas. Reforçar e fortalecer a CUT.

2. FORMAÇÃO: todo trabalhador deve conhecer a realidade e saber analisá-la. A formação deve dar-se nas áreas bíblico-teológica, sindical, político-econômica e história do movimento operário.

3. REFORMA AGRÁRIA: os companheiros do campo, incentivados pela CPT e outras entidades, já iniciaram esta campanha. Precisamos assumi-la e engrossá-la.

4. DESEMPREGO: Com urgência, devemos exigir o direito do emprego e condições dignas de vida. Não podemos aceitar a fome e o desespero.

Esta é a nossa proposta e o nosso compromisso para 1984. Chamamos todos os companheiros e irmãos das CEB's, todos os setores da Igreja, o movimento sindical e a sociedade para formarmos corpo e tornar esta pro

posta e este compromisso concretos e práticos. O Reino de Jesus Cristo nasce assim: na organização e na luta. A sociedade nova e igualitária que queremos depende de nós, de nossa união e esperança. Que estas estejam entre nós e nos acompanhem.

Saudações operárias.

~~ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA~~

~~Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1982.~~

DOCUMENTO 5

CARTA [redacted] A CNBB

Esta Carta da CPO Nacional à CNBB é de 6 de abril de 1984. Procura mostrar a situação dos trabalhadores brasileiros e solicita da Assembléia dos Bispos do Brasil um pronunciamento conjunto e de forma vigorosa sobre os problemas e a condição das classes trabalhadora do campo e da cidade.

Rio de Janeiro, 06 de abril de 1984.

Caros Irmãos Bispos,

Paz e Bem!

Ao mesmo tempo em que vocês estarão reunidos em Assembléia Nacional, milhões de trabalhadores do mundo inteiro estarão celebrando o Primeiro de Maio - Dia do Trabalhador. Este costuma ser um dia de festa e de luta. Mas neste ano, o trabalhador do nosso Brasil celebra o seu dia num clima de desolação e mesmo de tragédia. Nunca na nossa história tivemos tanta miséria, desemprego, fome e exploração.

A política econômica depressiva do governo e do FMI esmaga os trabalhadores. Aqueles que escapam às malhas do desemprego, vêem seus salários se desvalorizarem cada dia, devido à política do super-arrocho. O desemprego não só aflige milhões, mas também representa um desperdício da capacidade produtiva e criativa da nossa gente e, portanto, uma grande perda para a economia. Quantos pais e mães de família são levados a buscar a sobrevivência em atividades que violam sua própria dignidade humana, desde a cata de comida e objetos nos lixos da cidade até o comércio de drogas, à prostituição ou à violência. São expressões do desespero causado pelo desemprego, pela marginalização e pela miséria que estão flagelando os nossos trabalhadores da cidade e do campo.

No Nordeste, 3,5 milhões de nordestinos morreram de fome entre 1979 e 1984, enquanto a "indústria da seca" continua fazendo lucros. A situação dos que vivem nas regiões atingidas pela seca é desesperadora. As frentes de emergência, que talvez minorem os sofrimentos dos que as integram, oferecem apenas Cr$15.300,00 por mês. Os trabalhadores - homens e mulheres - frequentemente desmaiam de fome. Muitas escolas pri-

0 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

Obs. 1 márias da região estão fechadas, pois as professoras, sujeitas a salários miseráveis (Cr$900,00 por mês em municípios do Ceará) estão procurando trabalho nas frentes de emergência.

A política de pagar a dívida externa brasileira a qualquer custo está levando a indústria nacional à desagregação. O número de falências e concordatas de pequenas e médias empresas atinge níveis sem precedentes. A liquidação dessas empresas é acompanhada pela expansão do capital transnacional, especialmente nos setores mais rentáveis. A atitude submissa do governo aos interesses transnacionais animou as empresas e governos dos países industrializados a exigirem mudanças prejudiciais ao país e à sua soberania, tais como o relaxamento da legislação sobre remessa de lucros para o exterior, a multiplicação das atividades bancárias transnacionais no Brasil e a penetração dos grandes conglomerados transnacionais no setor de microcomputação, até agora protegido pelo governo.

Enquanto os trabalhadores e mesmo as classes médias empobrecem, os ricos vêem crescer a sua riqueza. Grandes empresários chegam a ter remunerações que equivalem a 800 salários mínimos. No entanto, os assalariados que recebem mais de 5 salários mínimos (pouco mais de Cr$ 250.000,00) não chegam a 9% do total de assalariados do país. Ainda por cima, o poder de compra do salário mínimo em agôsto de 1983 equivale a apenas 46% do de julho de 1940, data de nascimento do salário mínimo.

O povo brasileiro tem vivido nos últimos 20 anos uma crise permanente. As elites não hesitam em transferir para os trabalhadores os custos da crise, levando-os à situação de desespero. Estão, portanto, no banco dos réus, não apenas os governantes e as elites que centralizam as decisões sobre o destino do país, mas o próprio "modelo" de modernização industrial orientado para a transnacionalização da nossa 34 economia e das nossas instituições.

Nossa consciência evangélica não nos permite calar ou pretender neutralidade diante desses fatos. Estamos, pois, frente a desafios urgentes: exigir DEMOCRACIA em todos os níveis da vida social, o que só pode ser alcançado através de "necessárias mudanças estruturais" (doc. 28 - CNBB - pg 63), o restabelecimento das eleições diretas para presidente e o restabelecimento dos poderes do Legislativo; defender as liberdades políticas, civis e sindicais; lutar para que o povo tenha acesso à informação, pela criação de instâncias de participação popular nas decisões e pelo respeito à vontade popular. A Igreja tem caminhado na busca deste espaço, através da opção preferencial pelos pobres e da evangelização no mundo do trabalho: "*Que fazer para que no mundo do trabalho haja mais participação e comunhão...?*" doc. 28=CNBB- (n. 252) "*Como promover uma espiritualidade do trabalho ...?*" doc. 28-CNBB- (n. 244) "*A nossa Pastoral tem compreendido e estimulado a participação consciente e crítica dos trabalhadores nos sindicatos, associações, comissões de fábrica...?*" doc. 28-CNBB= (n.245)".

Com alegria, a CPO Nacional constata que estas palavras da CNBB estão frutificando. Dezenas de dioceses de todo o Brasil e vários Regionais escolheram como prioridade pastoral o mundo do trabalho. A partir desta escolha, sentimos que aumenta o interesse e o apoio dos bispos, padres, religiosos e religiosas no trabalho da Pastoral Operária. E os leigos, trabalhadores cristãos, sentem-se mais animados a anunciar a mensagem evangélica do amor, da justiça, da fraternidade e da participação nos seus locais de trabalho e moradia, dentro dos sindicatos e entidades de classe, enfim, em toda a sociedade.

É com este espírito que queremos celebrar o Primeiro de Maio de 1984. Por isso, aproveitando a oportunidade da Assembléia Nacional, nós, Comissão Nacional de Pastoral Operária, queremos apresentar algumas sugestões:

1) Comemorar em conjunto com os bispos, de alguma forma, este Primeiro de Maio para, à luz da Palavra de Deus, celebrarmos os sofrimentos,

as lutas, as perseguições, as mortes e as vitórias dos trabalhadores;

2) que os espaços para a PO e os movimentos de leigos que se preocupam com os trabalhadores sejam ampliados, sobretudo nas dioceses onde ainda não existe a Pastoral Operária;

3) que o mundo do trabalho e os problemas dos trabalhadores estejam cada vez mais presentes nos Seminários e Cursos de Teologia, especialmente do ponto de vista bíblico-teológico, sindical e da história da classe operária;

4) que sejam promovidos cursos de atualização sobre a questão econômica, social e política, sindicalismo, etc., para os pastores, os religiosos e os animadores de comunidades;

5) que os trabalhadores encontrem em nós apoio para suas lutas, estímulo para as suas organizações e reivindicações. Em suma, gestos concretos que afastem, o desânimo diante da insensibilidade das classes dirigentes e dos poderosos.

Lembrando o que nos alerta João Paulo II na LE, pág. 31, Ed. Paulinas: *"Para se realizar a justiça social... é preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho"*, a PO aproveita a data da Assembléia para pedir que os bispos se pronunciem conjuntamente e de forma vigorosa, sobre os problemas e a condição das classes trabalhadoras do campo e da cidade.

Quem está na luta tem esperança. Neste tempo de Quaresma, de Paixão e Morte, de sofrimento, não esqueçamos de que virão a Páscoa e a Ressurreição. A exemplo de Cristo, cremos que a libertação da classe trabalhadora há de se dar um dia, para que todos, como diz a Campanha da Fraternidade, tenham vida, e vida em abundância. É a nossa fé, firme e consciente.

Em Cristo,

COMISSÃO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA.

Obs. UN-11/12-L2B nº 12

DOCUMENTO 6

A IGREJA E O MUNDO DO TRABALHO URBANO

UN-11/12-M1 nº 34

Este documento, "a Igreja e o Mundo do Trabalho Urbano", foi elaborado pela Assembléia Geral Ordinária dos Bispos do Regional Sul 1, de 4 a 7 de junho de 1984.

UN-11/12-L2B nº 20

"I - REALIDADE DO MUNDO DO TRABALHO URBANO

Na Assembléia Geral Ordinária do Regional Sul I (04 a 07 de junho de 1984) a reflexão sobre o mundo do trabalho urbano aponta o desemprego como o mais grave problema, atingindo o Estado todo e principalmente às cidades apoiadas na produção industrial. Ao desemprego soma-se de forma crescente o subemprego. Em 1981, segundo dados do IBGE, 23% da população em idade e condições de trabalho (...) [redacted] se encontra sem trabalho fixo e remuneração decente.

A raiz geradora desta situação, o desemprego em nível socialmente insuportável, é identificada na política-econômica adotada pelo governo para atender o FMI e como componente necessário do regime que necessita da demanda da mão-de-obra: "Exército Industrial de Reserva", para conter os salários e a força de reivindicação dos operários. E hoje é agravada com a política de recessão imposta pelo governo.

A recessão impondo a redução da produção e prestação de serviços cria o desemprego, esta por sua vez incide na recessão interna criando assim um círculo vicioso acarretando especulação e inflação.

Este quadro todo se abate sobre os trabalhadores e suas famílias

gerando fome, doença, angústia e desespero.

Nota-se um inchaço das periferias urbanas e crescimento desenfreado das favelas. Elevado índice de mortalidade infantil, à medida de 1.000 por dia no Brasil em consequência da fome.

Verifica-se a manifestação do desespero nos saques a supermercados e armazéns; explosões sociais com depredações de ônibus e trens, ocupações de áreas para plantio ou moradia; aumento da violência e criminalidade e um triste cenário de mendicância.

As consequências desta realidade são igualmente nefastas para as organizações dos trabalhadores, pois lhes é imposto violento arrocho salarial pelo governo e pelas empresas por meio da rotatividade da mão-de-obra permitida pela legislação em vigor.

A classe trabalhadora vive pressionada pelo medo e muitas vezes desorganizada pois poucos são os sindicatos combativos enquanto as demais diretorias são "pelegas" pois não representam os trabalhadores. Este quadro sindical é agravado com as múltiplas intervenções do Ministério do Trabalho nos sindicatos mais atuantes.

A Igreja do Estado de São Paulo diante deste panorama sente-se convocada a um renovado esforço de evangelização. Encontra, no entanto, sérias dificuldades para marcar uma presença transformadora neste meio operários.

II - FUNDAMENTAÇÃO DA AÇÃO DA IGREJA

1 - Missão da Igreja: Nossa opção preferencial pelos pobres, baseada no Evangelho e expressamente assumida em Puebla, realiza-se também numa clara solidariedade da Igreja com os trabalhadores. O Papa disse-o explicitamente na "Laborem Exercens":

"É preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho. Tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhado

res e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação de sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a "Igreja dos Pobres"(nº 8).

2 - O mundo do trabalho: Nosso mundo contemporâneo estrutura-se na forma de sociedade do trabalho. Este não é apenas um setor da sociedade atual. Ao contrário, o trabalho e sua organização social determinam o modo de ser global da nossa sociedade. O Papa diz que o trabalho "assume importância fundamental e decisiva" (L.E., n.3).

Por isso, a resposta da Igreja também deve ser global, em primeiro lugar. Toda a comunidade e todos os aspectos da vida comunitária devem assumir a realidade do mundo do trabalho: na liturgia, na catequese, nas várias formas de evangelização e assim por diante.

Contudo, a Pastoral Operária será indispensável resposta específica aos problemas, lutas e esperanças dos trabalhadores.

3 - O conflito social: Esse mundo do trabalho está em conflito, está em luta de classes, não por causa da própria natureza do trabalho humano, mas pela forma como os homens o estruturaram socialmente. A tentação nossa é desconhecer este conflito ou tentar camuflá-lo, para não perturbar a "paz" de nossa comunidade, quando de fato esta conflito perpassa tudo. De nada adianta camuflá-lo. O Papa, ao contrário, o reconhece e enfrenta na "Laborem Exercens". Ele está convencido que a verdadeira comunidade fraterna de todos os homens só se constrói pela superação deste conflito.

A Igreja, na verdade, não promove a luta de classes, muito menos a luta de classes armadas como único caminho da libertação. Mas se Ela não promove, por outro lado não pode deixar de marcar presença dentro do conflito, a exemplo da Encarnação do Senhor. A questão é: qual é o papel da Igreja dentro do conflito? Ela deverá solidarizar-se concreta e eficientemente com os injustiçados e pôr-se a serviço dos valores hu

manos e evangélicos, bem como iluminar e articular o processo de superação do conflito com projeto de Deus, com referência essencial à morte e ressurreição de Cristo.

4 - A superação: A Igreja, inspirada no projeto de Deus, ensina que a atual situação de conflito entre o capital e o trabalho, entre nações ricas/dominantes e nações pobres/dependentes, deve ser superada na direção de uma sociedade que se estrutura segundo "o princípio da prioridade do trabalho sobre o capital" (L.E. n.12).

III - COMO IMPLANTAR A PASTORAL OPERÁRIA

1 - Reunir inicialmente um pequeno grupo de operários da produção. Se conseguirmos para isso a colaboração de algum membro da pastoral operária já existente em outra Diocese ou Paróquia, poderá ser-nos de grande valia. Talvez, no começo, tenhamos que enfrentar o problema da falta de credibilidade: os operários, muitas vezes, querem ver primeiro gestos concretos em favor de sua justa luta, para começarem a acreditar em nós. Outra dificuldade poderá ser o medo da parte dos operários, medo da repressão tantas vezes deflagrada em cima das reuniões de trabalhadores.

2 - Uma vez reunido um grupo de operários, estimulá-los a assumir eles mesmos o quanto antes, a coordenação do grupo, ficando nós, pastores, como animadores e principais evangelizadores.

3 - Na reunião, animar o grupo a relatar os problemas específicos e as condições de vida e trabalho na fábrica, no meio sindical e no bairro (pois, no bairro, a condição de operário marca muito a vida na coletividade e na família do operário). Do relato passar para a análise, em que se buscam as causas, que estão por detrás desta realidade por eles relatada. Evitemos fazer preleções, como se fôssemos professores dos operários reunidos. Eles sabem melhor de sua vida e condições de trabalho do que nós, pastores. Assessorá-los, sim, na medida em que vão avançando na análise e desenvolvendo sua caminhada de grupo! Esta

é a grande parte do animador e assessor!

4 - Depois, da análise, tomar a Palavra de Deus e com eles descobrir até que ponto esta situação dos trabalhadores contradiz o Projeto de Deus e, consequentemente, convoca os cristãos para uma ação transformadora. Portanto, fazer a articulação com o Projeto de Deus, revelado na Bíblia. Fé e vida devem andar integradas.

Depois de alguns meses, quando o grupo já estiver mais firme e animado, será muito útil levá-lo a fazer um bom cursinho bíblico, que o ajude a compreender melhor e viver mais esse Projeto de Deus. A Pastoral Operária Nacional insiste muito nesta formação bíblica. Para organizar o cursinho ou conseguir vagas em cursinhos promovidos pela Pastoral Operária por este Brasil afora, pode-se recorrer à Comissão Regional do Sul I.

5 - Estimular o grupo para a ação no seu meio operário, tanto na fábrica, como no sindicato e no bairro. Esta ação deve ser também pastoral, é claro. Um grupo de Pastoral Operária não é apenas um grupo de operários que se organiza para atuar em seu meio, mas é essencialmente também pastoral: são operários cristãos que, orientados e animados pela sua fé em Jesus Cristo, agem organizadamente no meio operário para transformá-lo segundo o Projeto de Deus, tendo atrás de si o respeito de sua comunidade, de sua paróquia, de sua diocese.

6 - Nas reuniões, além de fazer a articulação com o Projeto de Deus, é importante motivar o grupo para rezar em cima de toda esta realidade operária e promover celebrações específicas com o grupo e inclusive com toda a comunidade, nas quais a prática do grupo, os problemas, avanços e recuos da caminhada dos trabalhadores, sejam celebrados diante de Deus e com os demais companheiros na Fé.

Respeitar, conforme ensina o Concílio Vaticano II (cf. n.º 36 e GS n.º 76), a autonomia legítima das organizações da sociedade temporal. Isso significa, no caso dos trabalhadores, que nós, pastores, não assu

mamos o lugar dos sindicalistas ou das legítimas assembléias dos trabalhadores, mas respeitemos suas decisões, ainda que nem sempre as aprovemos de todo. Não podemos pretender ditar decisões que competem aos sindicalistas ou às assembléias dos trabalhadores, p. ex., decidir sobre o início ou o fim de uma greve; decidir sobre quais ítens os trabalhadores deveriam reivindicar e com quais métodos, etc. A Igreja como um todo compete apoiar, sim, as reivindicações justas e os métodos pacíficos oferecendo consequentemente serviços concernentes; apoiar, portanto, os valores humanos e evangélicos que a classe trabalhadora decidir defender ou promover melhor. Portanto, a Igreja não apoiará necessariamente toda e qualquer decisão, mas aquelas que defendem ou promovem valores humanos e evangélicos, mas também não pretenderá dar palavras de ordem em área que tem seus legítimos responsáveis, a saber, os sindicalistas e as assembléias dos trabalhadores. Além desse respeito como princípio e dos eventuais apoios - serviços concernentes, a Igreja, e de modo particular nós, pastores, temos por tarefa evangelizar, isto é, ajudar os trabalhadores a articular sua vida e sua luta com o Projeto de Deus, com referência essencial à Morte e à Ressurreição de Jesus Cristo.

7 - Articular o(s) grupo(s) de Pastoral Operária com a comunidade paroquial e diocesana, sem querer exigir que necessariamente os membros da Pastoral Operária assumam também uma séria de serviços internos da comunidade, como, p.ex., cursos de batismo e matrimônio, catequese, etc. Isso não impede que um ou outro se ponha à disposição ou aceite o convite de seu pastor.

8 - Ir multiplicando aos poucos os grupos de Pastoral Operária, articulando-os também entre si e com a Pastoral Operária tanto regional como nacional.

9 - Sempre respeitar o princípio geral que quem faz propriamente a Pastoral Operária nas fábricas, no sindicato e em todos os demais ambi

entes específicos do operariado são os próprios cristãos organizados.

IV - PISTAS DE AÇÃO PASTORAL

Esta Assembléia conclui, assumindo as seguintes pistas:

1. Pistas em relação ao problema do desemprego:

1.1. As Igrejas do Estado de São Paulo se propõem: continuar e reforçar a denúncia contra o desemprego e a política econômica de recessão implantada no país.

1.2. Lutar pela Reforma Agrária:

1.2.1. Fazendo disso um meio para incentivar a união dos trabalhadores rurais e urbanos.

1.2.2. Tomando conhecimento do significado e conteúdo desta luta.

1.2.3. Apoiando os comitês e organizações de luta pela Reforma Agrária, procurando conhecer as suas propostas e métodos.

1.2.4. Transformando esta luta em uma bandeira de resistência pacífica e de esperança capaz de organizar os trabalhadores empregados e desempregados, do campo e da cidade, na transformação da situação de injustiça em que vivemos.

1.3. Lutar contra o desemprego:

1.3.1. Apoiando os comitês de luta contra o desemprego conhecendo seus objetivos, métodos e propostas, bem como valorizando-os enquanto ação e organização de trabalhadores desempregados.

1.3.2. Incentivando a organização da solidariedade concreta dos desempregados que não seja meramente assistencialista.

1.3.3. Incentivando o surgimento de comitês de luta contra o desemprego nas CEBs.

1.3.4. Assumindo a luta contra o desemprego significa que as Igrejas do Estado de São Paulo se dispõem a apoiar as justas reivindicações e iniciativas, que estão sendo levadas, em relação ao desemprego, pelos comitês de luta, movimento operário, movimento popular, Dirigentes Cristãos de Empresas e outros, particularmente: seguro-desemprego ,

abertura de frentes de trabalho, garantia de água e luz, passe-desemprego, cessão de terrenos desocupados para hortas comunitárias, redução de jornada de trabalho sem redução de salário, eliminação das horas extras e criação de novos empregos, adequação das prestações do B,N,H.

2. Pistas para a expansão da Pastoral Operária nas dioceses:

As Igrejas do Estado de São Paulo se propõem:

2.1. Criar grupos de Pastoral Operária nas dioceses e paróquias aproveitando a proposta do ítem III deste texto conclusivo, estando atento para partir do que já existe.

2.2. Ter em cada diocese um padre responsável ou operários liberados.

2.3. Providenciar subsídios baseados na "Laborem Exercens" e documentos sociais da Igreja.

2.4. Estar presente evangelicamente nas lutas do movimento operário.

2.5. Promover a formação de militantes da Pastoral Operária."

UN-11-B

Obs. nº 421

DOCUMENTO 7

SOLIDARIEDADE A LEONARDO BOFF E À CNBB

Diante do "silêncio obsequioso" imposto por Roma à Frei Leonardo Boff e das críticas de setores conservadores da Igreja à CNBB, a CPO Nacional, no dia 4 de junho de 1985, enviou aos Cardeais em Roma, uma carta se posicionando diante dos fatos. Dias antes, emitira a nota abaixo, divulgada amplamente à sociedade.

UN-11/12-M1 nº 34

Slide B

UN-11/12-GB nº 20

"Com surpresa e indignação, a Executiva da Comissão Nacional de Pastoral Operária reage ante a inesperada notícia da punição imposta pela SAGRADA CONGREGAÇÃO DA FÉ ao nosso irmão teólogo e Frei Leonardo Boff.

Surpresa, porque as informações da própria CNBB davam conta de que se tratava de um episódio em processo de diálogo, com a exclusão de medidas dessa teor.

Indignação, porque vemos nesse episódio o culminar de uma trama bem orquestrada, a partir de minorias que, não tendo expressão nem ressonância no conjunto do episcopado brasileiro, articulam-se com influentes setores latino-americanos e fazem chegar até o Vaticano suas formas de pressão.

Violam-se os princípios da colegialidade; não se respeitam decisões de Assembléia da CNBB e, pior, nesse processo, estes setores de Igreja articulam-se com grupos que muito pouco tem a ver com a proposta evangélica.

Leonardo Boff é para nós muito mais que um teólogo. É irmão de caminhada, que, com sua reflexão e paixão pelo povo e pelo Senhor tem contribuído de forma decisiva para a caminhada desta Igreja.

Golpear Leonardo Boff é golpear o conjunto da Igreja.

Temos hoje a certeza nítida e seguras informações de que, mais que razões teológico-pastorais, existem motivos para esta ação combinada: as forças favoráveis à manutenção do "status quo", possuídas de um anticomunismo doentio, vêem nesta opção e linha da Igreja uma ameaça à dominação do capitalismo internacional. É preciso, por isso, deter essa caminhada.

Que não se enganem esses senhores. Contra a força da história do povo de Deus, não há força que possa resistir.

Leigos, no pleno exercício do direito e dever que nosso mandato batismal nos confere, queremos hoje tomar firme posição.

MANIFESTAMOS IRRESTRITA SOLIDARIEDADE ao Frei Leonardo Boff e aos teólogos hoje perseguidos nas diversas instâncias; com eles sofreremos o silêncio imposto, as restrições exigidas, mas, acima de tudo, prepararemos as luzes desta aurora de ressurreição.

MANIFESTAMOS NOSSA SOLIDARIEDADE ao nosso Episcopado, especialmente à Comissão de Doutrina da CNBB. Vocês que nestes 20 anos foram tantas vezes voz dos que não tinham voz, nos ensinaram a nobreza deste exercício; nós agora não nos calaremos na defesa desta Igreja que vocês nos ensinaram a amar, em suas luzes e sombras.

Manifestamos nosso repúdio àqueles que, usando o nome do Senhor e em nome da ortodoxia, se pretendem donos da verdade e muito pouco ou quase nada tem partilhado a vida sofrida dessa imensa maioria de nosso povo, o Povo do Senhor.

Apelamos finalmente à Sagrada Congregação da Fé e à sua Santidade o Papa João Paulo II para que, em tempo, revejam esta pena injusta e esta política desencadeada, para o bem do Povo de Deus e da reflexão teológica, serviço à caminhada do povo na busca da Construção do Reino!"

CPO NACIONAL ——>

Obs. UN 11-B nº 42

DOCUMENTO 8

MENSAGEM AOS TRABALHADORES ROMEIROS

No dia 21 de julho - durante o IX Congresso Eucarístico Nacional, 16 a 21 de julho de 1985, em Aparecida do Norte, SP - a CPO Nacional realizou uma Romaria de Trabalhadores à Aparecida do Norte. Na ocasião entregou aos trabalhadores romeiros a mensagem que segue, mensagem lida durante a missa das 8 horas diante de uns 500 mil romeiros.

UN-11/12-Nº 34

UN-11/12-LAB nº 20

"ROMEIRO TRABALHADOR

Abre teus dedos e olha a palma de tuas mãos. Eram assim as mãos de Jesus, o carpinteiro de Nazaré. Elas se encalejaram ao cabo do martelo e do serrote. Elas se juntavam cansadas, ao fim do dia e retomavam, a cada manhã a luta pelo pão e pela vida.

Abre teus olhos e contempla! Teus irmãos vieram de todos os cantos do Brasil, para visitar, nesta capital da Oração, aquela que é Mãe de todos nós, porque é a Mãe de Jesus.

Abre teu coração e caminha: não é fácil o teu caminhar! Dia após dia, homens como tu é que plantam o trigo, colhem, transportam, moem, trabalham a farinha. Dia após dia o trabalhador fabrica o pão que dá novas forças. Mas não é fácil o teu caminhar...

ROMEIRO TRABALHADOR: são tuas mãos cheias de calos, são teus olhos cansados, é teu coração que produz este Brasil imenso que agora se junta como as mãos cansadas do Filho de Deus. É longo o caminho que nos trouxe aqui, aos pés da Virgem de Nazaré. E agora, milhares de mulheres e de homens, milhares de brancos e negros, de caboclos índios e mulatos, todos marcados pela luta e o trabalho, se juntam numa única prece: Salve, ó mãe do Trabalhador!

O caminho não é só de chão. O caminho que traz aqui é o dia de canseira das companheiras, em cuja mesa falta o pão para os filhos. Quase a metade dos brasileiros hoje ou *não têm emprego*, ou são forçados a viver de bicos, ou ganham muito menos do que deveriam ganhar. Entre cada cem brasileiros, setenta não ganham salário suficiente para levar uma vida controlada.

O caminho do trabalhador é cheio de contradições: faz o pão mas não tem o que comer; constrói edifícios enormes, mas não tem onde morar; produz a riqueza e recebe migalhas; cultiva a terra mas não tem onde pisar, onde construir as paredes e o teto de seu barraco.

TRABALHADOR ROMEIRO: Abre teu coração e contempla! Abre teus olhos, estende tuas mãos às companheiras do campo e da cidade, aos índios e negros, aos mulatos e brancos... a todos que têm como você as mãos calejadas no cultivo da terra e na construção da cidade. São estas mãos e estes corações que fizeram o pão distribuído na missa e nas mesas, o vinho que mata a sede, as paredes que protegem o altar de Deus.

Abre teus olhos e vê! há menos de vinte anos, para cada trabalhador que morava na cidade, havia dois que moravam no campo. Hoje é o contrário. A política que explora o suor dos camponeses e operários faz todo o mundo correr para a cidade, porque é só lá que tem o que a gente precisa. Mas nas cidades falta o principal. Falta um *pedaço de terra,* aquele pedacinho que nossos pais cultivavam e que hoje virou pasto, aquele pedacinho de terra que nós mesmos capinamos e que hoje é rasgado pelo trator. O que a terra produz não vem parar na nossa mesa. O Brasil hoje exporta alimentos para os países mais ricos, enquanto *o maior mal do povo é a fome.*

Jesus um dia também levantou seus olhos e contemplou. Seu coração chorou, quando viu a imensa multidão dos que corriam atrás dele e não tinham o que comer. A ordem dele aos discípulos deve ser ouvida ainda hoje:

"Dai-lhes vós mesmos de comer".

ROMEIRO TRABALHADOR: abre teus ouvidos e acolhe em teu coração a palavra do Filho de Maria, o trabalhador que venceu a morte. Abre tuas mãos e aperta a mão do teu companheiro, a mão de tua companheira, a mão de todos os que trabalham no campo e na cidade, mas são atormentados pela fome, o desemprego, o pouco salário, a falta de terra. É com eles que tu podes contar, é no meio deles que vive Cristo, o trabalhador Ressuscitado.

Enquanto os trabalhadores e os Sem-Terra se preparam para a *Reforma Agrária*, os proprietários se armam para impedir o povo de viver. Enquanto as mulheres, os negros, os índios, os agricultores e todos os trabalhadores se preparam para fazer uma *Constituição* cheia de justiça, os ricos e proprietários despejam rios de dinheiro para reforçar seus privilégios de exploradores.

ROMEIRO TRABALHADOR: não é fácil o teu caminhar, porque não é só de chão o teu caminho. Teu caminho é feito dos corações e dos olhos, das mãos e dos pés de todos os que caminham como Jesus Cristo, o filho da Virgem Maria. Não se faz o pão apenas com um grão de trigo, não se planta o trigo apenas num torrão de terra. Não se faz o vinho apenas com uma uva, não se ganha a vida apenas com o suor de uma pessoa. Unidos numa única massa, unidos num só coração é que os trabalhadores poderão construir um Brasil único em que todos tenham o coração de irmãos. O Papa João Paulo II nos ensinou o caminho: a solidariedade dos que trabalham, a solidariedade dos que lutam num *sindicato livre e autônomo*, a solidariedade dos que se unem nos mutirões, nas associações, e nas organizações políticas do povo é que poderá fazer que não morra no nosso coração a Fé, o amor, a esperança de que com Cristo viveremos!

ROMEIRO TRABALHADOR: A Eucaristia é o pão da vida, o vinho da salvação.

A Virgem Aparecida é a Mãe do trabalhador de Nazaré. Em sua casa viemos hoje encontrar o Cristo vencedor, presente no meio do povo que trabalha e que luta. Abre teus olhos e vê, abre teu coração e espera; abre tuas mãos, abraça teus irmãos e tuas irmãs. Sê com eles um único pão, um único vinho, uma única força. E verás que será então possível cumprir o mandamento de Jesus:

"... dai-lhes vós mesmos de comer".

[redacted]

CPO NACIONAL

DOCUMENTO 9

NO DESPERTAR DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1988

No dia 5 de maio de 1987, a Executiva Nacional ~~da CPO divulgou~~ este Documento à toda a Igreja do Brasil, a todas entidades, movimentos e pastorais, mostrando o posicionamento da CPO frente à Campanha da Fraternidade/88 e a questão do Negro.

"Da Comissão Pastoral Operária Nacional

À toda a Igreja do Brasil, à todas entidades, movimentos e pastorais.

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) definiu, em agôsto pp., como tema da Campanha da Fraternidade para o ano de 1988 "A FRATERNIDADE E O NEGRO". Este tema foi uma conquista dos movimentos negros existentes no Brasil e de todos os que lutam pela causa dos marginalizados da sociedade brasileira, principalmente negros, índios e os assalariados. A causa da população negra do Brasil é uma causa justa e não se pode fugir dela através de subterfúgios.

A CPO (Comissão de Pastoral Operária), já no ano passado, como signatária da solicitação da CNBB para o tema "Fraternidade e o Negro" não pode fugir ao dever de estar ao lado do negro.

1988, sendo o Centenário da Abolição da escravidão no Brasil, será manipulado através de eventos promovidos pela classe dominante que escondem a real necessidade e situação da comunidade negra na sociedade brasileira, encobrindo assim, através de espasmas, a grande dívida que a raça branca descendentes de colonizadores, tem para com a raça negra, descendentes dos escravos que, durante mais de três séculos, viveram sob o regime da escravidão e, ainda hoje, são vítimas da discriminação e marginalização social, política e econômica.

É dever de toda a Igreja no Brasil levantar sua voz conscientizadora a fim de contribuir no processo de resgate dos valores culturais e religiosos da comunidade negra colocando o negro no papel de grande participante e construtor da sociedade brasileira.

Utilize fita preta ou azul-preta; evite fita vermelha.

A Campanha da Fraternidade de 1988 não deve estar entre as que vão decantar o Centenário da Abolição como um ato de bondade dos senhores brancos, mas sim como um espaço privilegiado para a realização da justiça clamada em favor da raça negra.

Para que a CF/88 aconteça realmente convém lembrar:

- foram 450 anos de brutal e direta escravidão, violentação de seres humanos (lembre-se aqui de modo especial violentação às mulheres negras), com desaraizamento cultural, social e religioso dos diversos povos africanos que para cá foram transportados;
- são atualmente cem anos, após a oficial abolição da escravidão, de total descaso, abandono, discriminação e marginalização impostos aos negros que foram empurrados para as favelas e subúrbios das cidades sem direito de fato a um salário justo, educação, moradia digna e respeito à sua cultura;
- hoje ainda, os trabalhadores mais explorados são os de raça negra que, esquecidos pelo sistema de ensino e educação, se tornaram os mais desfavorecidos dentre os desfavorecidos trabalhadores, todos vítimas do projeto sócio-político-econômico executado nestes quase cem anos de República.

Para que a Campanha da Fraternidade de 1988 seja, realmente, uma oportunidade especial em que a sociedade brasileira se redima da culpa na escravidão do negro e, a Igreja não continue na atitude de conivência, ausência ou silêncio frente a problemática negra, a CPO alerta para que:

- a Igreja assuma a herança cultural negra expressa através de manifestações típicas afro-brasileiras arraigadas na "alma" brasileira como: estilo musical, costumes, cultura, etc;
- as reflexões e discursos eliminem o tom conciliador que não deixa claro a real problemática da sociedade para com os negros, procurando, em contrapartida, recuperar a dimensão histórica da comunidade negra negada ou ausente em todos os textos e discursos de ótica branca e classista. Dentro disto, deve-se eliminar também todos os resquícios de servidão que relembrem ou conotem o serviço escravo;

- na reflexão teológica deve-se ter cuidado com a falsa teologia do sofrimento na qual se apela ou promove o sofrer pelo sofrer. A teologia deve refletir corajosamente sobre a igualdade de todos os homens, denunciando e condenando como contrário ao projeto de Deus toda forma de escravidão, todo sistema político segregador de raça e toda filosofia que mantenha determinada classe subalterna a uma outra;
- no trabalho pastoral é necessário denunciar preconceitos enraizados no subconsciente em que o negro é visto e entendido como subraça ou raça inferior à branca. É necessário denunciar e condenar conteúdos preconceituosos latentes que desvalorizem, ou menosprezem e discriminem a população negra.

NEGRO CLAMA POR JUSTIÇA! E o que a CPO de todo o Brasil quer proclamar para a Igreja e toda a sociedade brasileira.

[redacted]

Duque de Caxias, 05 de maio de 1.987."

Executiva Nacional da CPO -> |

UN-11/12 - LAB
nº 20

[redacted] ENDEREÇOS ÚTEIS

Secretariado Nacional de Pastoral Operária
Av. Pres. Kennedy, 1861 - sala 11
25.020 Duque de Caxias - RJ
Fone: (021) 771-3459

campos 2 vezes

ACO - Secretariado Nacional
Rua do Chichorro, 62 (sobrado)
Catumbi
22.211 Rio de Janeiro - RJ
Fone: (021) 242-7722

ACR - Ação Católica Rural
Rua do Giriquiti, 48
50.000 Recife - PE
Fone: (081)231-3177/221-5984

CIMI - Secretariado Nacional
Cx. Postal 11.1159
70.084 Brasília - DF
Fone: (061) 225-9457

CPP - Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua Gervásio Pires, 829
50.000 Recife - PE

CPT - Secretariado Nacional
Cx. Postal 749
74.000 Goiânia - GO
Fone: (062) 223-4039

[redacted]

JOC - Juventude Op. Católica
Rua Condessa de S. Joaquim, 215 - Bela Vista
01.230 São Paulo - SP
Fone: (011) 278-0099

Mov. Trabalhadores R. Sem Terra
Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes
05015 São Paulo - SP
Fone: (011) 864-8977

Secretariados da PO e contatos

Pastoral Operária
R. Francisco Fernandes, 205 - Pajussara
57.000 Maceió - AL
Fone: (082) 223-6789

Pastoral Operária
R. Tapajós, 54.509
69.000 Manaus - AM
Fone: (092) 233-0322 (recado)

Pe. Ângelo Da Maren (contato)
Casa da Prelazia
Cx. Postal, 52
68.900 Macapá - AP
Fone: (096) 421-1240

Pastoral Operária
Pça da Sé, 1
40.000 Salvador - BA
Fone: (071) 243-5411

Pastoral Operária
Trav. Sobral s/nº
60.000 Fortaleza - CE
Fone: (085) 231-8826

Pastoral Operária
Cx. Postal 107
29.000 Vitória - ES
Fone: (027) 223-6711/223-5952

Comissão Pastoral Operária
Cx. Postal, 174 / SPAR
74.000 Goiânia - GO
Fone: (062) 223-0758

Pastoral Operária
Cx. Postal 11
65.000 São Luís - MA
Fone: (098) 221-2676

Comissão de Pastoral Operária
Av. 3, nº 1.083 - Cidade Industrial
32.000 Contagem - MG
Fone: (031) 333-2672

Pastoral Operária
R. Rui Barbosa, 3.300
79.015 Campo Grande - MS
Fone: (067) 624-8651

Pe. José Ten Cate (contato)
Par. N. Sra do Rosário
Cx. Postal 884
78.001 Cuiabá - MT
Fone: (065) 322-5473

Pastoral Operária
Mosteiro de S. Bento
Av. Gal. Osório, S/Nº
58.100 João Pessoa - PB
Fone: (083) 221-4705

Pastoral Operária
Rua do Giriquiti, 48
50.000 Recife - PE
Fone: (081) 231-3177/221-5984

Pastoral Operária
R. Desembargador Freitas, 1.599
Edifício Paulo VI
64.000 Teresina - PI

Comissão Pastoral Operária
R. Paula Gomes, 703
80.510 Curitiba - PR
Fone: (041) 234-7833

Pastoral Operária Estadual
Av. Mal. Floriano Peixoto, 2260
26.000 Nova Iguaçu - RJ
Fone: (021) 767-8570 (provisório)

Pastoral Operária
Cx. Postal 84.540
27.180 Volta Redonda - RJ
Fone: (0243) 42-3648/43-0939

Pastoral Operária
Cx. Postal 227
Pça. Pio X, 335
59,000 Natal - RN
Fone: (084) 222-0586

Pastoral Operária
Cx. Postal 131
78.930 Ji-Paraná - RO
Fone: (069) 421-3600

Pastoral Operária
R. Dr. Flores, 105/s. 412
90.020 Porto Alegre - RS
Fone: (0512) 40-2234

Pastoral Operária
Cx. Postal D-55
89.500 Caçador - SC
Fone: (0496) 62-0045

Pastoral Operária Estadual e diocesana
Rua Wenceslau Braz, 78/s. 113
01.016 São Paulo - SP
Fone: (011) 36-5531

Pastoral Operária
Pça. do Carmo, 36
09.000 Santo André - SP
Fone: (011) 449-2077

Pastoral Operária
R. Pe. Lustosa, 292
Cx. Postal 59
09.700 S. Bernardo do Campo - SP

Pastoral Operária
R. Irmã Serafina, 88
13.100 Campinas - SP
Fone: (0192) 31-7122